

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

DM.
PAZ.1

Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

O CANTO DO BODE

UMA ANÁLISE TRÁGICA SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA
QUE, POSSIVELMENTE,
NÃO É NENHUMA

(entre NIETZSCHE e BION)

E ASSIM,
JOSÉ MANUEL GOUVEIA PAZ
APRESENTA A SUA DISSERTAÇÃO DE TESE DE MESTRADO
SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR CATEDRÁTICO
DOUTOR CARLOS AMARAL DIAS

Lisboa, Novembro, 1996



Centro de Documentação do I.S.P.A.

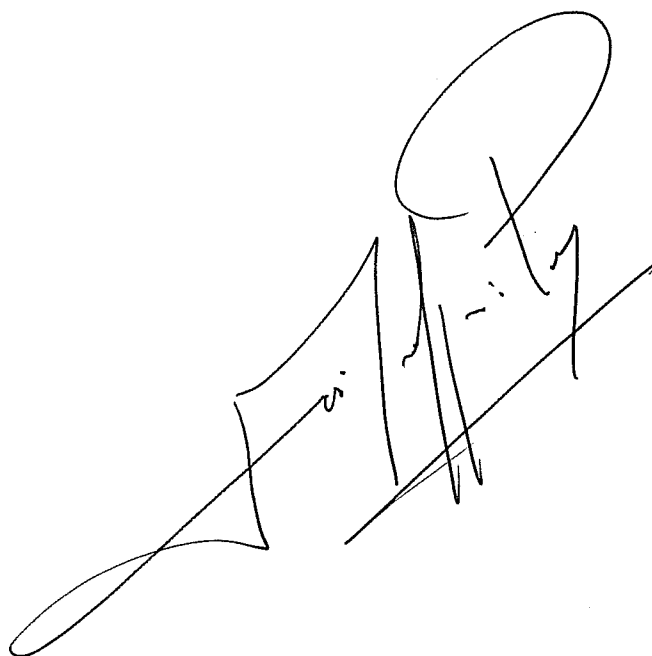
Tel. 885 31 84

Reg. 10055

C

Aos meus pais Lurdes e Ismael a quem eu devo mais do que tudo.

À Romana que sempre aturou a minha “maluqueira”.

A handwritten signature in black ink, written diagonally across the page. The signature is highly stylized and cursive, with a large, prominent loop at the top right and several vertical strokes below it. The name 'Romana' is partially legible within the script.

Agradeço ao Professor Carlos Amaral Dias, a quem gosto de considerar o meu “desorientador de tese”, por me ter ajudado a abandonar conhecimentos que me impossibilitavam a dúvida. Um Abraço, também, ao Jorge Roque e ao Paulo Pereira, meus companheiros de “delírio”.

“A Nietzsche, outro filósofo cujos presságios e opiniões coincidem com frequência, de um modo surpreendente, evitei lê-lo durante muito tempo, pois a prioridade era conservar-me livre de toda a influência”

(Sigmund Freud, 1925/1988)

“Penso que a característica que distingue Wilfred Bion, a qual marca a sua passagem por nós com tão sérias consequências para a Psicanálise - talvez para o mundo - foi a sua capacidade para tolerar cesura seguida de cesura, para resistir ao que denominamos de ‘Mudança Catastrófica’ (1966) - um acontecimento com sequelas imprevisíveis”*

Donald Meltzer (1980)

ÍNDICE

NOTAS	6
PREÂMBULO	8
I PARTE	12
1. Dioniso e a Tragédia	13
1.1 <i>Homo tragicus</i> : O Grito de Dioniso	14
2. A Dinâmica	22
3. A Vontade de Poder	27
4. O Nascimento de Deus	32
4.1 Do Amor Prometeico ao Sadomasoquismo Humano-Cristão	33
5. O Transformado não mudou, transformou-se	38
6. <i>Cogito, ergo Cogito</i>	48
7. A Morte de Deus	57
8. "O" (Oh!)	68
9. O Eterno Retorno	73
9.1 E então? I	79
9.2 E então? II	82
10. O terapeuta como curador da tara da cura.	86
11. Considerações finais: Entre a Praia e o Horizonte	91
II PARTE	93
1. Alguns conceitos de Nietzsche e de Bion	94
1.1 Nietzsche	94
1.2. Bion	106
III PARTE	127
1. Notas Biográficas	128
1.1. O Argonauta da Alma	128
1.2. Wilfred	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144

NOTAS:

Nota 1

Ao longo deste trabalho aparecem termos introduzidos por Nietzsche e por Bion que não são anteriormente especificados no texto. Quando tal acontece, junto ao termo, assinala-se o signo * indicando-se assim o seu desenvolvimento na II Parte do trabalho.

Nota 2

Por vezes surgem citações referidas a trabalhos de Nietzsche e de Bion. Nestes casos, e por ser grande a frequência de chamadas, excepcionalmente, não se seguirão as normas da *American Psychological Association* mas, outrossim, a referência ao autor (Nietzsche ou Bion) seguido das abreviatura da respectivas obra. Em baixo estão as abreviaturas e as obras correspondentes em português e inglês, caso as citações tenham sido realizadas a partir de textos em língua inglesa, ou somente em português se provêm de textos em português.

Abreviaturas das obras de Nietzsche:

OT - A Origem da Tragédia

HH - Humano Demasiado Humano - Human, All Too Human

A - Aurora - The Daybreak

GC - A Gaia Ciência

Z - Assim Falou Zaratustra - Thus Spoke Zarathustra

BM - Para Além do Bem e do Mal - Beyond Good and Evil

GM - A Genealogia da Moral

CI - O Crepúsculo dos Ídolos - Twilight of the Idols

AC - O Anti-Cristo - Anti-Christ

EH - Ecce Homo

VP - A Vontade de Poder - The Will to Power

Abreviaturas das obras de Bion:

EG - Experiências em Grupos

GI - O Gémeo Imaginário

NSE - Notas Sobre a Teoria da Esquizofrenia

DPE - Desenvolvimento do Pensamento Esquizofrénico

PNP - Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e Não-Psicótica

SA - Sobre a Alucinação

NSA - Notas sobre a Arrogância

TP - Uma Teoria sobre o Processo de Pensar

AE - Aprendendo com a Experiência

EP - Elementos de Psicanálise - Elements of Psychoanalysis

MD - Notas sobre a Memória e o Desejo

EPR - Estudos Psicanalíticos Revisados

T - Transformações - Transformations

AI - Atenção e Interpretação - Attention and Interpretation

G&C - Dois artigos: grade e cesura - Two Papers: the grid and caesura

C - Cogitações - Cogitations

MF - Memória do Futuro - A Memoir of the Future

CNY - Conferências em Nova York

4D - Quatro Discussões - Four Discussions

PREÂMBULO

Ao viajarmos pelos escritos de Nietzsche e de Bion, desde o *Ecce Homo* à *Memória do Futuro*, torna-se difícil não desvendarmos compatibilidades passíveis de apelar à formalização daquilo que é comum entre os dois. De forma semelhante, poderemos inverter este propósito visando investigar o que em Nietzsche se torna um acontecimento distinto do que sucede em Bion. Trata-se de dois homens, portanto de duas histórias diferentes. De dois pensadores, portanto de dois pensamentos e de duas formas de pensar diferentes. Assumindo esta postura em que várias leituras podem ser feitas e vários caminhos ser seguidos, e em que o que não é obrigatoriamente evidente pode ser evidenciado, optou-se por construir o ditongo Nietzsche/Bion fazendo emergir uma espécie de história que procura descrever o que, quer um quer o outro, dizem sobre a questão da Condição do "Ser".

Nietzsche fala de coisas que Bion não fala. E vice-versa. Por vezes o que escreve um faz lembrar o que escreveu o outro. Talvez seja possível a aventura de imaginarmos uma mesa redonda onde perante esta temática possam ser lançadas sugestões oriundas de Bion e de Nietzsche, mas não só. Abrimos esta tertúlia a outros pensadores que possam coadjuvar e participar neste projecto.

A escolha desta temática como proposta de dissertação de tese de mestrado teve o seu parto há cerca de três anos, altura em que com a ajuda do Professor Carlos Amaral Dias, numa espécie de maiêutica e com uma modulação entre o dionisíaco da coragem e do risco e o apolíneo da tranquilidade e da cooperação, se deu forma ao que se já sentia mas que não se conseguia dizer.

Este estudo está organizado em três partes. Na terceira apresentar-se-ão duas breves e resumidas biografias intituladas "Wilfred", o primeiro nome de Bion, e "O Argonauta da Alma", afim de uma expressão nietzscheniana. Com estes resumos poderemos contextualizar dois homens que, como embarcadores do "ir mais além", se auto-conduziram à passagem gradual de uma carreira assente na docência, na medicina ou na psicanálise para uma ontologia que vai encontrando dinâmicas e alicerces articulados a partir da hermenêutica do si-mesmo. Veremos que Bion

partilha com Nietzsche o facto de ter estado no teatro de guerra, na frente de combate, circunstância fértil ao questionamento da morte e da vida, do ser perante a vida, do ser perante a morte. Mas Nietzsche que viveu aproximadamente metade dos anos da vida de Bion, não pôde disfrutar do Amor, nem possivelmente do Ódio de qualquer mulher. Nietzsche sonhou, admirou, amou, odiou mas amado só por sua mãe e por sua irmã. Bion casou-se por duas vezes disfrutando, conseqüentemente, as delícias da sua descendência. Do final da vida de Bion ficamos a *Memória do Futuro*, o seu *Grande Fim de Semana* e a recordação dos seus *Pecados*. Do final da vida de Nietzsche fica-nos o período incógnito e misterioso que sucede o *Ecce Homo*. Após 1888 e 1900, doze anos aparentemente vegetativos, quem sabe, poderiam porventura ser representados pelas Lágrimas de Lisbeth, sua irmã, consoladas ou questionadas impressionantemente por esta admiração:

“Porque choras, Lisbeth? Então não somos felizes?”

A segunda parte é a tentativa de interpretação de alguns conceitos. Ao longo dos textos de Bion aparecem definições cristalinas a par de outras ofuscadas pela complexidade inerente aquilo que elas querem fazer significar. Não se trata de um dicionário de Bion. Apenas de alguns vocábulos aos quais poderemos ser remetidos pela primeira parte. O mesmo poderemos dizer para a terminologia de Nietzsche. No entanto aqui, provavelmente devido à evolução do seu pensamento bem como pelo seu estilo literário, nos apareçam ao longo da obra contradições, incongruências e ambiguidades. Ficamos com a sensação que Nietzsche jamais deixou de escrever as suas ideias momentâneas. Por isso a sua obra apresenta-se polimorfizada pelo homem Nietzsche, pela sua filosofia e pela sua poesia. Em *Ecce Homo* faz-nos uma releitura dos seus livros justificando algumas ambivalências patentes na efemeridade dos seus pensamentos. A apresentação destes termos surge também a partir de sínteses dos trabalhos destes pensadores. Por vezes recorreu-se a outros leitores e investigadores dos pensamentos nietzsche e bionianos, como elucidam algumas citações - o caso de Walter Kaufmann, Gilles Deleuze, Eugen Fink, Carlos Amaral Dias, António Muniz de Rezende, David Zimmerman, León Grinberg e mais alguns. Algumas vezes as perspectivas

encontradas não eram totalmente afins às dos nomes acima referidos, o que talvez possa ser justificado pelo facto de poderem ser feitas mil e uma leituras sobre os nossos dois autores.

A primeira parte constitui o cerne deste estudo, posto que é a realização do trabalho que as duas últimas partes implicaram. São apresentados onze capítulos e quatro subcapítulos onde se pretende considerar aquilo que Nietzsche e Bion tentaram - o Ser, o Homem

A Tragédia Grega parece ter sido um acontecimento social de grande relevo. Nietzsche descobre na Tragédia uma descrição das acções e das emoções do Homem. Na Tragédia, o herói luta contra um destino intransponível afirmando os seus valores apesar do sofrimento que tal implica. Mesmo assim reina a alegria de se ser o que se é. A afirmatividade será a grande possibilidade para cada homem encontrar o seu caminho. Esta assunção implica a ideia de não haver um só caminho uma só condição para o Homem. A *Vontade de Poder**, força motriz da acção, a qual pode assumir várias formas é possibilitadora da transformação, a qual consiste na passagem do nascimento de "Deus" à morte do mesmo, ou seja, do "ser em função de qualquer coisa" para o "ser em função de si mesmo". O que mediatiza esta transformação é o pensador junto com os seus pensamentos. Nem só um, nem só os outros. Só assim será possível exclamar Oh!, que mais não é do que o reencontro do sujeito com a sua condição, do herói com a sua tragédia. Aqui conflui O *, o *Eterno Retorno** e o Homem que se supera (o *Super Homem**). Esta caminhada, ou esta viagem como se falou de início, é um grande período de solidão. O Psicanalista pode auxiliar o homem perdido da sua condição catalisando a coragem para enfrentar-se, descobrindo as suas potencialidades, os seus limites, o seu sofrimento, o seu prazer, a sua liberdade. A certa altura deparamo-nos com uma exclamação paradoxal, em que se começou por abandonar Nadas disfarçados de Tudo para se descobrir alguma coisa que se não sabia bem o que era. Conclui-se que a descoberta é, precisamente, a constatação de que aquilo que se procurava é, em si, também, Nada. Contudo entre estes dois nadas há um que se mimetiza enquanto o outro se afirma. O último capítulo *Entre a Praia e o Horizonte* é uma espécie de conclusão que conclui mais ou menos, por outras palavras aquilo que

Amaral Dias (1994) havia já concluído: “O meu problema é não ter título e não tenho nenhuma certeza, nenhuma segurança e provavelmente não quero ter nenhuma certeza e nenhuma segurança”. Resta Ser.

I PARTE

1. DIONISO E A TRAGÉDIA

Em *A Origem da Tragédia* Nietzsche realiza uma crítica à atitude helénica centrando-se essencialmente nos séculos V e IV a.C. Identifica dois momentos de grandeza e importância contrárias para o advento da assunção da Condição Humana. O primeiro momento relacionar-se-ia com o que Nietzsche denomina de *Espírito Dionisíaco** por oposição ao *Espírito de Degenerescência** próprio do segundo momento, o qual teria sido levado a cabo por Sócrates. É neste ponto que podemos situar o primeiro invariante do pensamento de Nietzsche, algo gongórico ainda, mas já próprio do início da germinação de uma semente que existiu quase três décadas (os primeiros trinta anos de Nietzsche) no estado latente. Trata-se não da dicotomia Dioniso/Sócrates nem sequer da dicotomia Dioniso/Crucificado. A verdadeira oposição que implica o nascimento da Tragédia é a incompatibilidade existencial entre o Afirmar e o Negar a Natureza Humana. Este propósito assumirá várias *nuances* que evidenciam a génese do processo de descoberta do próprio Nietzsche bem como o encontro da Ideia com quem a pensa. Vejamos que Nietzsche é, antes de mais, um psicólogo. Não um psicólogo no sentido técnico do termo mas um verdadeiro e incisivo aventureiro da dimensão humana. É talvez por isso, que ele não vê no povo grego apenas história ou mera riqueza literária. Identifica no Povo Grego os invariantes que se sobrepõem com a sua intuição da afirmatividade do Ser. Por isso, por encontrar no remoto do povo helénico uma gemeidade, possivelmente a única, consigo mesmo, inicia a exposição da sua psicologia nos Gregos Trágicos (Wagner, o motivo manifesto de *A Origem da Tragédia*, bem como Schopenhauer, transformar-se-ão em gémeos falsos do projecto nietzscheniano).

Olhemos então para os Gregos reparando em Dioniso e na Tragédia. É importante repararmos em alguns aspectos da simbologia mítica que servirão a Nietzsche para elaborar a sua simbologia existencial.

Nietzsche identificando no Homem Grego o *Espírito Dionisíaco* enaltece-o pela sua capacidade de afirmação. Este Homem total é o *Homo tragicus*, aquele em quem fervilha Dioniso.

1.1 *Homo tragicus*: O GRITO DE DIONISO

Na Grécia Antiga, Dioniso destacava-se por ser um híbrido resultante de um deus - Zeus - e de uma comum mortal - Sémele. Esta morre na altura do parto. Dioniso não a chega a conhecer mas, mais tarde, desafia a morte e consegue levar a mãe para o Olimpo onde a vêm a considerar deusa.

Dioniso é o deus do vinho, da embriaguez. Aclamado pelas bacantes, mulheres que cantavam, gritavam, devoravam animais, corriam e saltavam pelos campos, bosques e montanhas encarnando a embriaguez que as fazia cantar:

“Oh, como é bom na montanha,
Dançar e cantar
Em estonteante e célebre fuga!
Oh, como é bom mergulhar na terra exaurida,
Quando o bode selvagem foi caçado e apanhado,
Oh, a alegria do sangue e da carne viva!” (cit por Edith Hamilton, 1942/1991).

Dioniso oferecia-lhes alimento e bebida. Deitavam-se sobre a relva e banhavam-se nos riachos límpidos que encontravam. Edith Hamilton ilustra esta “glorificação” de Dioniso com o seguinte:

“Esta forma de adoração ao ar livre, sob o céu e as estrelas, e o êxtase de alegria que provocava, nesse ambiente de beleza selvática, tinham uma faceta muito válida, um misto de encanto e algo de sadio e libertador. E contudo, o festim horrivelmente sangrento nunca deixava também de estar presente” (Edith Hamilton, 1942/1991).

Dioniso inaugura em Tebas o seu lugar privilegiado de culto. Aí ouviam-se odes ditirâmbicas como esta:

“Vinde, ó Bacanais, vinde!
Oh, vinde!
Cantai a Dioniso.
Cantai ao som dos adufes.

Louvai-o com júbilo,
Pois ele traz alegria.
Sagrada, música
Sagrada, está a chamar-vos.
Para as montanhas. Para as montanhas,
Céleres, ó Bacanaís!
Ide, sem delongas.
Depressa! Ó rejubilantes! Depressa!

(cit. por Edith Hamilton, 1942/1991).

Por um lado a “liberdade e o *júbilo* do êxtase” por outro a “brutalidade selvagem”. Estes teriam sido sempre os princípios contrários presentes nas adorações dionisíacas.

Provavelmente por volta do Século VII a. C. começaram, na Grécia, as festas em honra de Dioniso (Mary Ellen Snodgrass, 1988/1992). Realizavam-se nas primeiras semanas de cada estação, assentes na plantação, cultura da vinha, vindimas e produção do vinho. Abundavam as orgias, homens embriagados ornamentados com falos postiços simbolizando a fertilidade e vestes de pele de bode, símbolo da potência sexual, ao mesmo tempo que entoavam hinos e dançavam como que numa imitação dos saltos do bode. Pairava no ar o clímax da alegria. Possivelmente os festivais dionisíacos seriam o acontecimento mais importante da cultura grega. As actividades quotidianas eram interrompidas, alguns presos eram amnistiados, todos eram mais tolerantes do que habitualmente. O local de culto não era, no entanto, o local mitológico das montanhas e dos bosques. As celebrações tinham lugar em teatros onde se cantavam poesias e se representavam dramas. Supunha-se que Dioniso assistia a estas teatralizações. Estas eram a manifestação da ressurreição de Dioniso.

“Ele era a vinha, que tem sempre de ser podada (...) os ramos eram cortados ficando apenas o tronco maior completamente nu; durante todo o Inverno, à vista, era algo de morto, um velho cepo rugoso que parecia improvável vir a reverdescer mais alguma vez. (...) Dioniso morria com a chegada do frio. (...) a sua morte era terrível. (...) sempre restituído à vida, morria e erguia-se de novo. (...) Era mais do que um deus sofredor; era o deus trágico” (Edith Hamilton, 1942/1991).

Portanto os cantos destes festivais, apesar de terem por base a alegria que traz a embriaguez dionisiaca, não se centravam apenas na fertilidade mas também na tristeza e na morte.

Por volta de 534 a. C., Téspis, viajava de aldeia em aldeia organizando celebrações em que intervinha um actor que ia dialogando com o coro. Estas dramatizações iniciadas nos festivais dionisiacos começaram aos poucos a integrar, no enredo, problemas do Homem. Já não eram somente hinos ou ditirambos a Dioniso. É então que surgem as tragédias (etimologicamente o Canto do Bode) como dramatização privilegiada da Condição Humana. Seus autores mais famosos, entre os gregos, foram Ésquilo, Sófocles e Eurípedes.

A Tragédia é uma acção em que predomina o conflito, o dilema. É protagonizada pelo herói trágico, aquele que defende e que luta pelo Homem até às últimas consequências.

“Os homens que conduzem esta acção não são santos, não são justos: são heróis, i.e., homens que, no ponto mais avançado da humanidade, ilustram pela sua luta, ilustram em actos, o incrível poder do homem de resistir à adversidade, de transformar o infortúnio em grandeza humana e alegria - para os outros homens, e antes de mais para os homens do seu povo” (André Bonnard, 1980/1984).

O destino depara-se como “força” que põe em acção um obstáculo intransponível mas que, e paradoxalmente, se vencido, possibilita a transformação do mundo cruel, num mundo mais justo e mais humano.

O herói é elevado a tal categoria pela sua coragem. Mais do que o sucesso de vencer o destino, importa a coragem de lutar até à morte pela justeza do universo contra a tirania dos Deuses face à humanidade.

É este sentido afirmativo que embriaga Nietzsche e o converte num entusiasta da Grécia Trágica. Reconhece no povo heleno a serenidade perante o fatídico assente na coragem que assume a totalidade da natureza humana. Os Gregos olham para si

identificando os seus “instintos”. São estes os grandes impulsores da saúde. Não de uma saúde passiva mas afirmativa. Kaufmann (1974) considera a saúde nietzscheniana não como a ausência da infecção mas como a habilidade para vencer a doença. Se olharmos para as fontes primitivas da Tragédia Grega - as odes dionisíacas - observamos que tanto “a liberdade e o júbilo do êxtase” como a “brutalidade selvagem” eram integrados no *Espírito Dionisíaco*. Do mesmo modo a celebração do substrato desse mesmo espírito, o vinho, era resultado de um ciclo contínuo de esperança (o qual deveria ser realizado com a maior dedicação), através da plantação da vinha, de tristeza invernal, resultante da poda que despe a vinha, e de alegria, assinalada pela embriaguez que faz vir à superfície o que de mais profundo existe no Homem Grego, ou seja, o *Espírito Dionisíaco*. É este *Espírito Dionisíaco* que vem à tona nos festivais de Dioniso e que vai ser interpretado pelo actor que protagoniza a Tragédia. Com os Ditirambos, dirigindo-se a Dioniso, o poeta transmitia as suas profundezas; com a Tragédia é o próprio Homem, através do *Espírito Dionisíaco* (os meandros do seu ser total), ornamentado pela *persona*, e encarnando a personagem da Humanidade (Dioniso), que se vai dirigir a si próprio, como que monitorizando o holisticismo da sua própria condição - a *Condição Trágica da Existência*.

Entender Dioniso implica olhar não apenas para o que dele se fala mas para o como e através do que se manifesta. Nietzsche observa Dioniso no herói da Tragédia e refere:

“(...) nunca deixou Dioniso de ser o herói trágico, e que todas as personagens célebres do teatro grego, Prometeu, Édipo, etc., não foram mais do que máscaras do herói original, Dioniso”. “ (...) o real e verdadeiro Dioniso, o único Dioniso, aparece numa pluralidade de figuras ou máscaras de heróis combatentes, e ao mesmo tempo fica enredado nas malhas da vontade particular. O deus manifesta-se então, pelos seus actos e pelas suas palavras, como um indivíduo” exposto ao erro, sujeito ao desejo e ao sofrimento. (...) este herói é o Dioniso que sofre nos Mistérios, o deus que suporta as dores da individuação (...)” (Nietzsche, OT).

A afirmação da vida pelo Homem Trágico é sinónimo da vontade de viver até ao limite dos problemas mais dolorosos.

“(…) a vontade de viver comprazendo-se na sua inesgotabilidade através do sacrifício dos seus mais altos tipos - a que chamei de dionisiaco, que é o que identifiquei como a ponte para a psicologia do poeta trágico. Não tanto para nos libertarmos do temor e da compaixão, não tanto para nos purificarmos de uma emoção perigosa através de uma veemente descarga - assim foi como Aristóteles mal compreendeu - mas para além da compaixão e do temor para realizarmos em cada um de nós a eterna alegria do devir - a alegria que encerra também o gozo da destruição...” (Nietzsche, EH).

Tudo deve ser levado em conta. Tudo se deve afirmar num devir contínuo. O Homem Trágico não é um Homem pessimista como defendia Schopenhauer (1818/s.d.). Nem também um Homem optimista no sentido idealista do termo. O Homem Trágico encontra-se além das valorações que impelam à passividade ou que se fazem eufóricas e irreais. Quando muito as dimensões pessimismo/optimismo encontram-se num único saco, o saco da negatividade por oposição ao reconhecimento e afirmação da vida. Esta afirmação da vida, veremos que, com Nietzsche, vai passando de *Vontade de Viver* para *Vontade de Poder*.

Nietzsche também vê na Tragédia uma forma de arte que permitia ao Homem ir de encontro a si próprio e não um passe para qualquer viagem religiosa capaz de fazer evacuar do Homem o próprio Homem. Certo é que a arte trágica ajudava o Homem Trágico a suportar a dor. E suportar a dor é diferente de negá-la. “O Grego conheceu e sentiu as angústias e os horrores da existência: para lhe ser possível viver teve de gerar em sonho o mundo brilhante dos deuses olímpicos” (Nietzsche, OT). No entanto esse sonho precisava de ser decifrado. Surge como meio de traduzir o humano e não como mero apaziguador da dor da “alma”.

“Quem se aproximar dos deuses olímpicos à procura de elevação moral, de santidade e de imaterialidade espiritual; quem for procurar nos olhares deles a expressão do amor e da piedade; se tiver o seu coração formado por outra disciplina religiosa, em breve desistirá de conviver com eles, irritado e desiludido. No mundo olímpico nada há que lembre o ascetismo, a imaterialidade ou o dever: há uma vida exuberante, triunfante, na qual tudo, tanto o bem como o mal, se encontra igualmente divinizado” (Nietzsche, OT).

Ao contrário do que acontece com certas doutrinas que justificam o sofrimento como meio para a libertação da dor, Nietzsche observa os Gregos Trágicos como aqueles que transformam o sofrimento num acontecimento artístico. A arte trágica era o conforto dos gregos perante os infortúnios da vida mas não um meio para negar a dor. Enquanto algumas purgam o sofrimento orientando-se para o prazer absoluto da não dor, a arte trágica ajudava o Homem Trágico a não sofrer pelo facto de ter sofrimento. Continuava a sofrer o sofrimento mas sem o sofrimento por ser essa a sua condição. A dimensão trágica manifesta-se na alegria. O próprio drama trágico resulta num drama alegre. Nietzsche afirma que o herói é uma personagem alegre (Nietzsche, VP). Esta adjectivação escapa a muita gente, inclusive aos autores de tragédias. Essa alegria no trágico provém de uma vontade que afirma, que enquadra, tal como Heraclito, o múltiplo no devir que é a existência.

A Tragédia como produção que descreve o produtor visando os meandros da existência procede a Epopeia antecipando a Filosofia e a Religião.

Em cada uma destas organizações , com uma típica estrutura de pensamento, emerge uma peculiar relação Homem/Exterior. As primeiras produções literárias da Grécia, como é o caso da Iliada homeriana, submetem o Homem aos desígnios dos Deuses. A conduta na terra é manipulada pelo Olimpo. A vontade humana é dependente da vontade dos Deuses. Existe uma liberdade humana a partir das questões capitais impostas pelo divino. No entanto são estas as que direccionam e estrangulam as acções do Homem. O clima, mesmo assim, é de grande harmonia. Não existe conflito Homem/Deuses. Os conflitos verificam-se somente entre os próprios Deuses.

O advento da Tragédia dá forma a um novo modo de pensar. A afirmação do Homem é o manifesto de uma vontade que luta contra um determinismo divino. Apesar de poder ser em vão, no sentido em que se não pode mudar o destino, o Homem Trágico não deixa por isso de lutar. A afirmação não se faz pelo que se alcança mas pelo que se luta. Na Tragédia o Homem luta pelo Homem.

"(...) o homem sente-se pela primeira vez suporte das suas próprias decisões.

Em Homero, o homem não tem consciência de que ele espontaneamente, por si mesmo, em virtude do seu próprio espírito, pode pensar ou agir. O que lhe 'ocorre', o que lhe surge como 'pensamento', é algo que procede de fora, e se não pode assinalar uma causa externa determinada, terá sido um deus que se pôs a seu lado e lhe sussurrou um conselho para seu bem, ou também para seu dano. Por conseguinte os homens homéricos agem sem desfalecimentos nem dúvidas, não têm escrúpulos nem hesitações, não se sentem carregados com a responsabilidade pessoal pelo justo e pelo injusto. A Tragédia põe, sem dúvida, fim a semelhante refúgio no divino, a tal felicidade ingênua (...) abre-se assim um abismo profundo no mundo: não só o herói fica dividido, mas também o que constituía para o homem um apoio firme" (Bruno Snell, 1975/1992).

Dos três grandes autores trágicos, Sófocles, Ésquilo e Eurípedes, Nietzsche enaltece os primeiros e condena o último considerando-o o precursor da grande decadência que Sócrates potencia. Sócrates teria sido o responsável pela sobrevalorização da razão (a grande virtude) e ao mesmo tempo o castrador da arte trágica. Esta posição nietzscheniana era já uma posição aristofaneana. Aristófanes situa Eurípedes como sendo o grande representante da poesia decadente, racionalista e realista. Para Nietzsche, com Eurípedes, a Poesia inicia gradualmente a sua subordinação à Filosofia.

"Aqui o pensamento filosófico supera a arte levando-a a apoiar-se junto do movimento da dialéctica. A tendência apolínea retirou-se para o casulo do esquematismo lógico; tal como no caso de Eurípedes observamos algo idêntico, a transformação do dionísíaco em sentimentos naturalistas. Sócrates, o herói dialético do drama platónico, lembra-nos a natureza do herói euripediano que procura defender as suas acções com argumentos e contrargumentos, arriscando-se muitas vezes a perder a nossa compaixão trágica" (Nietzsche, OT).

Parece não haver uma justeza na apreciação nietzscheniana de Eurípedes. Inclusivamente pode haver aqui algo de contraditório posto que o que conquista Nietzsche na Tragédia - a afirmatividade do Homem - é maximizado por Eurípedes. Aristóteles chega a considerá-lo excelente na arte do trágico "(...) o mais trágico dos poetas" (Aristóteles, 335 a.C./1992) As argumentações e contrargumentações euripedianas de que fala Nietzsche, parecem estar mais próximas das dúvidas com

que o Homem se depara, com a epistemofilia, com o “ser ou não ser” das tragédias shakespearianas, do que com resoluções sofisticadas, como denunciava Aristófanes, ou com epílogos racionalistas, criticados por ele. Nesta óptica poderemos concordar com Aristóteles, reiterando a apreciação do *Homo tragicus extremis* patente nas obras de Eurípedes.

Apesar do que se disse importa não perder de vista a crítica nietzscheniana que, em última análise, não mais era que a crítica à subjugação da intuição à razão, do Ser ao Conhecer, como se desencadeia, de modo diferente, na Filosofia e na Religião. A Filosofia com a pretensão de conhecer a Verdade, a Religião com o “conhecimento” da mesma. Mais tarde abordar-se-á ainda um novo tipo de pensamento, o pensamento místico, reabilitador do pensamento trágico.

2. A DINÂMICA

Mas o que é que faz mover o Homem? Eis a questão básica do Psico-Filósofo. Assume-se aqui a escolha por uma posição teleonómica. Não é tão interessante, neste trabalho, indagar o “para onde vai o Homem”. O Homem vai para onde for e é aquilo que vai sendo. A tarefa é investigar o que é que faz o Homem ir sendo. E assim sendo, assume-se uma postura distinta da posição religiosa que prevê a instância como realização do Ser.

Freud questionou esta questão do movimento. Inicialmente encontra no *Princípio de Prazer* a força motriz da vida anímica (Freud, 1920/1988). A pessoa acometida de um sentimento de tensão, de desprazer, reorientar-se-ia em direcção à redução do desconforto. Como corolário deste princípio ter-se-ia de admitir o *Princípio de Constância* (Freud, 1920/1988) segundo o qual o aparelho anímico se moveria em função de um estado óptimo em que a tensão fosse a mais baixa possível. A pessoa funcionaria segundo um modelo homeostático em que a regra seria o *feed-back* negativo (Bion e Nietzsche, com os conceitos de *Mente em Expansão* e de *Super-Homem**, sugerem o contrário, um *feed-back* positivo).

Esta concepção, de certa forma hedonista, levantou vários problemas a nível do modelo, os quais levaram Freud a reelaborar a sua teoria identificando e acrescentando o *Princípio de Realidade*. Assim poder-se-ia explicar o adiamento do prazer e a aceitação do desprazer como mediatização para o prazer (Freud, 1920/1988).

Freud postula ainda a existência de duas classes de “instinto” - de *vida* e de *morte*. Os *instintos de vida* estariam relacionados com as movimentações de conservação, evolução, as quais se encontrariam associadas ao *Eros*. Os *instintos de morte* seriam os responsáveis pelas tendências agressivas e de destruição (Freud, 1923/1988).

A inclusão do *Princípio de Realidade* e dos *Instintos de Morte* ao modelo freudiano parece ser uma perspectiva mais holística e integradora dos acontecimentos psicológicos do Homem. No entanto ainda aparece uma dicotomização notória entre vida e morte, prazer e sofrimento, que, encabeçados por *Eros* e *Tanatos* vai justificando a acção humana.

Bion inclui o desprazer, a dor e o sofrimento dentro dos *Elementos de Psicanálise**. Não pretende reduzir ou fundamentar a vida psíquica à redução ou eliminação de desprazer. Em Freud estávamos a um nível causal. Com Bion entra-se numa análise descritiva. O que está em jogo não é justificar a acção como resultado da redução do sofrimento. No entanto é um facto que o sofrimento existe e muitas pessoas evitam-no. O acto de comer faz parte da vida; é um elemento da vida. Se não comermos morremos. Mas daí a considerarmos que o Homem age para reduzir a fome poderão estar léguas e léguas de distância. O sofrimento é um sentimento do Homem. Bion repara naturalmente que o Homem sente o sofrimento bem como a ânsia de o ir diminuindo. A Análise é importante na diminuição do sofrimento, apesar de não ser este o seu propósito.

“(...) A análise bem sucedida caminha para a diminuição do sofrimento; no entanto obscurece a necessidade, incrementando a capacidade para sofrer mesmo que tanto paciente como terapeuta esperem o decréscimo da dor por si mesma” (Bion, EP).

Poderíamos considerar que quando o paciente procura um analista é o sofrimento que o leva a tal. O que pode acontecer, porém, é que o sofrimento não seja mais do que uma espécie de “febre” que alerta o sujeito para uma determinada infecção. E a infecção mental pode ser o bloqueio de não se estar sendo aquilo que se poderia estar sendo.

Bion diz-nos que a Análise, no geral, reduz certo sofrimento excessivo, mas o que possibilita realmente é uma capacidade de suportar melhor o sofrimento. É esta capacidade para suportar o sofrimento que mais tarde abrirá portas, não para a redução do desprazer, mas para a sua *transformação**.

Utilizando os conceitos de Freud, Bion adianta “O domínio do princípio de realidade é posto em perigo se o paciente evade a dor em vez de a modificar” (Bion, EP). Bion não diria que o Homem age para fugir da dor. Antes disso defenderia que temos vários comportamentos e atitudes: uns consistem na transformação dos sofrimentos, outros na sua negação. Esta negação obscurece o holisticismo do Homem pondo em risco o *Princípio de Realidade*. A propósito da Análise e da negação da dor, Zimmerman (1995) alerta para o estado de excessiva acalmia, em que não existe angústia - o caso oposto à *Mudança Catastrófica**. Esta situação poderia indicar acomodação e estagnação. Quando o analista se dá conta do que se está a verificar - esta angústia nula - deve provocar um estado de *Turbulência**. E a *Turbulência* analítica é acompanhada de sofrimento.

“a dor não pode estar ausente da personalidade. Uma análise deve ser dolorosa, não porque a dor tenha necessariamente algum valor, mas porque uma análise na qual não se observa a dor nem se a trata, não pode ser considerada como enfrentando uma das principais razões pelas quais o paciente está na análise” (Bion, EP)

Há pouco considerou-se que o sofrimento seria um alerta que pode levar uma pessoa a procurar Análise. Mas o que se esconde por detrás da demanda não é o próprio sofrimento e sim a incapacidade para sofrer o sofrimento. O resultado na pessoa é um sofrimento excessivo. A transformação deste sujeito passará por enfrentar aquilo que ele não tem conseguido enfrentar, i.e., o sofrimento.

Poderíamos considerar um contínuo que vai desde o pólo negativo/evasivo ao pólo afirmativo/transformacional. No primeiro a insuportabilidade do sofrimento, do desprazer, dá origem à sua negação, i.e., se eu negar que sofro não sofrerei, pagando entretanto o preço que tal atitude acarreta. No segundo a pessoa afirma algo que nela existe, suporta a dor. É no reconhecimento da dor que a pessoa a pode transformar. O mesmo se diria em relação ao prazer. Só no reconhecimento do prazer e afirmação do mesmo, será possível transformá-lo. Pode surgir no entanto uma polémica: Se já tenho prazer para quê movimentar-me? Corrirei dessa

forma o risco de deixar de o ter (tal como o ditado futebolístico: “Na equipa que ganha não se mexe”).

Para respondermos a esta interpelação voltemos a Nietzsche.

Sobre o sofrimento seria necessário uma análise a dois níveis. Em primeiro lugar, de acordo com o anterior, poderíamos pensar que o prazer seria encontrado de duas formas - Pela negação do desprazer ou pelo reconhecimento do prazer.

A primeira variante seria uma reacção, a segunda uma afirmação. Imaginemos uma situação em que duas pessoas jogam xadrez. E vamos supor também que uma delas, em todos os jogos, fica com as peças brancas. Possivelmente será sempre a primeira a conseguir uma posição de ataque e, conseqüentemente, o seu adversário a posição de atacado. Consideremos também que o objectivo do atacado é, tão somente, ir neutralizando essa situação pois, considera-se, por hipótese, pouco experiente, não ousando contra-atacar, não vá operar mal o contra-ataque e complicar ainda mais a sua situação. É possível que a situação atacante/atacado se inverta, mas surge de imediato o contra-ataque voltando tudo ao habitual. Por outras palavras, o atacante age, o atacado reage. É possível que o que reage venha a ganhar alguma partida. Penso que se tal acontecer não passe de uma casualidade ou um acontecimento pouco frequente. O normal é que o atacado se vá defendendo até não lhe restar mais outra saída do que sucumbir à derrota. O jogador fugitivo seria a pessoa que se orienta para diminuir o sofrimento. O atacante seria aquele que arrisca, que reconhece o prazer e o desprazer continuando sempre num empreendimento afirmativo. Aquele que reage ao sofrimento negando-o, reduzindo-o apenas, é o *Burro** de que nos fala Nietzsche em *Assim falava Zaratustra*. Anda sempre com um fardo às costas e contenta-se com os momentos em que o descarrega momentaneamente.

O segundo nível de análise vai além do prazer e do sofrimento. Para Nietzsche o nosso olhar não se deve centrar no prazer/desprazer. Em *A Vontade de Poder* aforismo 701 diz:

"Prazer e desprazer são acidentes, não são causas; são juízos de valor do segundo grau, derivados de um valor dominante - "útil", "perigoso", entendido na forma de sentimentos, e, conseqüentemente absolutamente vagos e dependentes"

e mais à frente no 702:

"O homem não procura prazer e evita desprazer (...)

Prazer e desprazer são meras conseqüências, meros epifenómenos - o que o homem, o que a mais pequena parte de um organismo vivo quer, é um incremento de poder(...)"

É que quer a afirmação do prazer como a afirmação do sofrimento são activas. A estagnação surge com a negação do sofrimento. Fica-se apenas com um olho, e para mais míope. Se o motor fosse a tendência ao prazer como justificar a insaciedade daquele que transforma o prazer sempre e cada vez mais? Ou como entender que certos movimentos deliberados e afirmados se traduzem num esperado aumento de tensão. Nietzsche advoga que o que está na origem é a *Vontade de Poder**.

3. A VONTADE DE PODER

Kaufmann (1974) lembra que a filosofia nietzscheniana da *Vontade de Poder* vai ganhando forma ao longo da obra de Nietzsche. Podemos, no entanto, entender que o essencial já se encontra desde *A Origem da Tragédia*. Kaufmann nota que se verifica uma passagem de um dualismo para um monismo. No último período da obra de Nietzsche, a *Vontade de Poder* surge como o grande motor da existência. No Nietzsche mais jovem existem vários dualismos entre os quais Dioniso/Apolo, Dioniso/Eurípides, Dioniso/Sócrates, Dioniso/Crucificado. (Deleuze (1996) aponta ainda uma triangulação interessante. Dioniso e Teseu, ambos pretendentes de Ariana).

O monismo situa-se em Dioniso, o invariante dos dualismos anteriores. Dioniso é em última instância a *Vontade de Poder* - considerada a "forma afectiva primitiva" - (Deleuze, 1996), aquela de onde derivam todos os outros sentimentos. Neste sentido talvez seja possível denotarmos uma afinidade com o O* bioniano, isto é, a Origem.

Freud (1920/1988) apercebeu-se que os *Instintos de Vida* eram insuficientes para explicar a conduta humana e, como tal, providenciou os *Instintos de Morte*. As experiências que, quer os *Instintos de Morte* freudianos quer a *Vontade de Viver* schopenhaueriana, querem descrever ou explicar são contemplados pela *Vontade de Poder*.

A *Vontade de Poder* seria uma espécie de impulso básico. Mais básico ainda do que a vida (Schopenhauer propunha a *Vontade de Viver* como princípio sustentador do indivíduo como ser vivo). Nietzsche posiciona-se alegando que a *Vontade de Viver*, tal como a procura de prazer, é apenas uma das manifestações particulares da basal *Vontade de Poder*.

Deleuze (1974/sd) sugere que a *Vontade de Poder* seja analisada como um todo. Isto é, o cerne não seria predicar a vontade como se esta tivesse como alvo o poder, mas, sim, de complementá-la.

O poder é fruto de uma relação de forças. A resultante determina quem ou o que pode sobre quem ou quê. O poder em si é nada. É apenas a descrição de uma situação em que forças em relação ganham ou perdem primazia entre elas. Com Nietzsche a *Vontade de Poder* é um querer, e só a força, numa relação de forças, poderá algo.

Poderíamos considerar que (tal como Deleuze, 1974/s.d.) a *Vontade de Poder* assume duas dimensões: Uma Genealógico-Diferencial e outra Genealógico-Genética. Quer isto dizer que se faz necessária a interpretação, ou seja, a determinação da força que suporta algo, e a avaliação, isto é, a determinação da qualidade da *Vontade de Poder* que valoriza esse algo.

É de acordo com estas duas dimensões que podemos concluir sobre uma situação. Esta acepção implica a *Vontade de Poder*, não como metafísica do Homem passível de gerar ascetes em relação à mesma, mas como atributo qualitativo e quantitativo de um querer que, em última análise, é tudo, e entre tudo, também o Homem.

O Homem é *Vontade de Poder*, diz Nietzsche (Nietzsche, VP) O Homem é "O" (Ver capítulo 8) e "em direcção a O", diz Bion (Bion, T). Cada "em direcção a O" e cada "*Vontade de Poder*" tem a sua forma, diriam os dois.

É importante entendermos que a *Vontade de Poder* ou "em direcção a O" não são satisfeitos nem pelo poder nem por O. A felicidade, não significando ausência de dor ou existência de prazer, descreve, não a conquista de poder mas a procura do poder. O Homem a quem falta o "em direcção a O" é somente "O", tal como pode ser O, também, uma pedra ou um alguidar de tremoços. Não seria um verdadeiro

homem, um homem que é, mas um pseudo homem, um homem que vegeta. A *Vontade de Poder* e o “em direcção a O” descrevem um devir, uma instância que não é fim, mas sim *trans*.

Podemos categorizar a *Vontade de Poder* em três formas, passando a propor:

Vontade Umbilical

Vontade Niilista

Vontade Liberal

A *Vontade Umbilical*, por analogia ao cordão, seria a *Vontade de Poder* de uma pessoa sobre si mesma através de uma aparente força externa. Seria como o bebé que continua preso à mãe através do cordão pois, não querendo ser independente, só assim sente o seu querer, a sua *Vontade de Poder*. É uma *Vontade de Poder* que só funciona com muleta. O Homem da *Vontade Umbilical* teima em não nascer pois assim não precisa do tipo de *Vontade de Poder* que o facto de nascer implicaria ter. A *Vontade Umbilical* seria o que Deleuze designaria de *Reacção*, quanto à dimensão Genealógico-Genética, e *Negação*, quanto à dimensão Genealógico-Diferencial. É uma vontade com uma força reactiva e negativa. Reage à força que a comprime e nega a sua possibilidade de independência. Quando muito procura-se a independência à excepção de algo a que muitos poderão designar de Deus ou de Moral.

A *Vontade Niilista*, na aparência, age afirmando a sua independência após a libertação umbilical. Mas como repara Deleuze (1996) apenas se verifica um travestismo. O que se deu não foi uma libertação mas uma ausência do útero. O cordão umbilical que o fazia depender da mãe, ou de Deus, ou da Moral opressora antinatura, ficou assim solto, preso a nada. O Homem da *Vontade Niilista* poderia soltar-se do cordão e libertar-se finalmente. Mas isso só seria possível se se tivesse realizado uma *Mudança Catastrófica*. O que aconteceu foi apenas uma retirada de um elemento do sistema de forças que jazia num tranquilo equilíbrio de forças.

Como a atitude que impera é a homeostase reage-se procurando um novo peso que equilibre o sistema. Não consegue viver fora de uma *Relação Parasitária**. Quando o parasita se vai embora encarrega-se de ser hospedeiro e parasita.

O Homem da *Vontade Niilista* não depende de um deus transcendente mas de um deus imanente com a mesma força e função que o transcendente. Sinónimo de *Vontade de Poder Niilista* seria *Vontade de Poder de Nada*. *Vontade de Poder de Nada* porque se teima em preencher um espaço vazio que não se abandonará nunca porque se encontra sempre preenchido. É um nada mimetizado por um nome. Como está denominado sugere uma existência. E na realidade é uma existência. É um Nada que existe visto como um Tudo.

O *Homem Superior** (que não é um *Super-Homem**) personifica o Homem desta vontade. É o descendente da união entre Teseu e Ariana (Deleuze, 1996). Pierre Heber-Suffrin (1988/1991) ilustra este homem da seguinte forma:

“É o Niilista. Está informado da Morte de Deus, mas não consegue convencer-se intimamente disso, e continua a fazer como se Deus existisse. Substitui o fundamento divino dos valores por um fundamento humano, mas a transmutação não se faz e reencontram-se os mesmos valores”.

A *Vontade Liberal* é a vontade de superação de si mesmo. É desta vontade que fala Nietzsche quando se refere à *Vontade de Poder*. A sua síntese é o *Eterno Retorno*, os seus pais são Dioniso e Ariana, e ela é o *Super-Homem*. Não se trata de uma vontade que se quer libertar das forças de que depende mas uma vontade que se afirma, não necessitando, por isso, das potenciais forças opressoras. Não significa isto que resida aqui um autismo. Pelo contrário realiza-se uma verdadeira cópula entre Dioniso e Ariana, ou seja, a Afirmação de Dioniso que é afirmada por Ariana. A *Vontade de Poder Liberal*, é um “em direcção a O” paradoxal. Quanto mais se é

“em direcção a O” mais longe se está de O, até porque o O aumentou, expandiu-se. Na *Vontade de Poder Niilista* continua-se à procura da homeostase. Aqui procura-se a entropia.

4. O NASCIMENTO DE DEUS

Apresenta-se agora a hipótese de Deus ser património da parte psicótica da personalidade surgindo como *Transformação Projectiva** ou em *Alucinose** do próprio Homem. Para desenvolver esta ideia convém esclarecer que a referência a Deus tem uma forma nietzscheniana. Não se trata apenas de um determinado Deus banhado por uma religiosidade, mas de uma moral una e todo-poderosa à qual o homem se submete. Pode ser o Deus cristão, o Deus dinheiro, o Deus tem de Ser, o Deus moral.

Trata-se de analisar o nascimento da Idealidade. É um facto que todos dispomos de um conjunto de conjunções às quais nos agarramos quer seja para compreender o mundo, quer para nos defendermos dele, quer para dele falar ou teorizar. A hipótese de que partimos relaciona a mente saturada com o monoteísmo, isto é, com a ausência de uma *visão binocular** capaz de lidar com *vertexs* marginais entre os quais, o Desconhecido.

Nietzsche considera que o monoteísmo escraviza o Homem. E o mais estranho de tudo é que o Homem é o inventor dessa escravidão - a moral anti-natura. Falaremos de dois Deuses representativos, um das algemas e outro da liberdade - Jesus Cristo e Prometeu Agrilhado. E sobre estes podemos considerar o amor prometeico e o sadomasoquismo humano-cristão.

Quem foi Prometeu? Quem foi Jesus Cristo? Que amaram?

4.1 DO AMOR PROMETEICO AO SADOMASOQUISMO HUMANO-CRISTÃO

“Prometeu é um Deus cheio de bondade para com os homens. (...) Não só dera aos homens o fogo, como inventara para eles os ofícios e as artes. Em honra deste Deus venerado pelos atenienses, a cidade celebrava uma festa na qual era disputada uma corrida de estafetas, por grupos, servindo de testemunho um archote.

Ora é a este benfeitor dos homens, a este deus Amigo dos Homens” que Zeus pune pelo benefício de que ele foi autor. Fá-lo agrilhoar por Hefesto, compadecido mas vigiado pelos servidores de Zeus, Poder e Violência, cuja linguagem cínica corresponde à horrenda figura que tem. O Titã é cravado a uma muralha de rochedos no deserto de Cítia, longe das terras habitadas, e assim ficará até que se resigne a reconhecer a “tirania” de Zeus. É esta a cena impressionante que abre a Tragédia. Prometeu não pronuncia uma única palavra na presença dos seus carrascos.

Como é isto possível? Sem dúvida Ésquilo não ignora que, “roubando o fogo”, privilégio dos deuses, Prometeu se tornou culpado de uma falta grave. Mas desta falta nasceu para os homens o alívio da sua miséria. Um tal mito enche Ésquilo de angústia trágica. Sente ameaçada a sua fé num Zeus justo - Zeus, senhor e sustentáculo da ordem do mundo. Mas não foge a nenhuma das dificuldades do assunto que decidiu olhar em frente. E, assim, escreve toda a sua Tragédia contra Zeus.

O Amigo dos Homens (o “Filantropo”, como diz Ésquilo, inventando uma palavra em que se exprime, na sua novidade verbal, o amor de Prometeu pela humanidade) é pois abandonado à solidão, num deserto onde não ouve “voz humana” nem vê “rosto de homem” nunca mais.

Mas estará realmente sozinho? Repudiado pelos deuses, inacessível aos homens, ele está no seio da Natureza, de que é filho. Sua mãe chama-se ao mesmo tempo Terra e Justiça. É a esta natureza, em que os gregos sempre sentiram a presença escondida de uma vida poderosa, que Prometeu se dirige, num canto lírico numa poesia esplendorosa e intraduzível” (André Bonnard, 1980/1994).

Em Prometeu justiça é sinónimo de libertação. A justeza reside na possibilidade de acção na Natureza e com a Natureza. A vontade prometeica traduz a vontade de superar as correntes. Apesar delas e face à possibilidade das mesmas se perpetuarem, a *Vontade de Poder Liberal* está lá. Zeus prendeu Prometeu mas este,

num acto de coragem, encarnou o que faltava à Humanidade - a Vontade de Libertação.

Em *O mal estar na cultura* Freud (1929/1988) referindo-se à conquista do fogo, encontra em Prometeu uma possibilidade de compreensão. Identifica alguns elementos que considera mais relevantes - sacrilégio, roubo, engano aos deuses e o castigo a Prometeu - e formula uma hipótese: "a condição prévia para a conquista do fogo seria a renúncia ao prazer de extinguí-lo com o jorro de urina (...)". À partida com esta hipotética explicação poderemos inferir que a conquista do fogo de que fala Freud não é uma verdadeira conquista mas um resultado da anulação ou do desaparecimento de um desejo. Trata-se de uma reacção a uma acção primeira.

Prometeu rouba o fogo aos deuses transportando-o e conservando-o para os homens num pau oco (um elemento fálico). Tal como no sonho existe aqui, de acordo com Freud, um processo de "substituição pelo contrário". O que na realidade Prometeu transporta no pau oco é o meio através do qual é possível extinguir o fogo - a água. Freud nota que os Deuses míticos possuem o privilégio de satisfazer os desejos proibidos ao Homem, como é o caso do incesto. Por isso os Deuses roubados e enganados representariam o Id, a vida instintiva. "(...) neste nível legendário a divindade de nenhum modo tem carácter de super-ego, mas representa ainda a onipotente vida instintiva". Então a água que extingue o fogo é também a urina que impede o esperma. Freud cita um trecho do poeta Heine que diz:

"Com o que lhe serve para urinar
o homem pode outros criar"

Estas duas funções presentes no falo estão, no entanto, isoladas temporalmente. Daí que uma extinga a outra e vice-versa. A chama que para Freud é um símbolo libidinal, é conservada no pau oco ou pênis, juntamente com a urina, a carga super-egoica inibidora do instintivo. Mas esta interpretação deixa no próprio Freud algumas reservas. A certa altura refere:

“Temos a impressão de que aqui poderíamos penetrar profundamente nos mistérios do mito, mas, naturalmente, a sensação de segurança não nos acompanharia muito longe” (Freud, 1929/1988).

Poderíamos, em lugar de vermos o Id como sendo os Deuses enganados e roubados,

considerar o fogo roubado como o roubo da possibilidade instintiva. Aqui o instintivo seria o fogo e não os Deuses. Prometeu retira a exclusividade do instintivo aos Deuses, possibilitando ao Homem ejacular. O Homem passa a poder ser Homem. Para além disso Prometeu nada reclama ao Homem. Ele próprio se assume como purgante que liberta o Homem dos castigos divinos. Prometeu sofre tudo o que há para sofrer por ter dado rumo à possibilidade da Humanidade Ser. Ao contrário do que acontece com Cristo, o carrasco de Prometeu não é o Homem mas os Deuses. Os Deuses castigam o atrevido.

“ Prometeu - Eu fui o atrevido que livre os mortais de serem aniquilados e de descerem ao Hades. Por isso estou submetido a estes sofrimentos, duros de padecer, compassíveis quando se vêem” (Ésquilo 467 a.C./1986).

Prometeu amou a Humanidade.

Prometeu L Humanidade.

E abriu nela portas para

K -> O

Olhemos agora para Jesus Cristo. Podemos encontrar afirmações bíblicas que também justificam a morte de Jesus Cristo com o Amor que Ele próprio sentia pelos Homens.

Em que podemos comparar o amor de Prometeu ao amor de Cristo? Nietzsche conclui que o amor de Cristo em nada veio libertar o Homem. Tratou-se não de um

verdadeiro amor mas de uma estratégia de “marketing”. Era suposto que Cristo realizasse o projecto anunciado segundo o qual a Humanidade faria uma *Nova Aliança* com Deus e que assim fosse libertada da escravidão. Essa *Nova Aliança* foi conseguida mas com o agravante de aumentar o preço da carta de alforria. Nietzsche considera que o cristianismo deu um golpe de génio ao entregar o próprio Deus para pagar as dívidas do Homem. “(...) Deus pagando-se a si mesmo, Deus redimindo o Homem do Irredimível, o credor oferecendo-se pelo devedor, por amor ao devedor, quem o acreditaria!” (Nietzsche, GM) Com a crucificação o Homem ficou para sempre condenado a carregar a cruz que um dia Jesus tivera de carregar.

É uma falsa libertação aquela que se consegue com a crucificação de Jesus. O cristão salvar-se-á se carregar a cruz que Cristo lhe deixou. É como se Jesus estabelecesse um *vínculo -L ** com a Humanidade e esta um *vínculo -K ** consigo própria. Por outras palavras, é como se houvesse uma relação sadomasoquista entre Cristo e a Humanidade. O Homem prefere uma relação de amor deturpado, vivendo no engano, a correr o risco de descobrir que está só. Mas com esta descoberta poderia conseguir um verdadeiro *vínculo L*.

Com Prometeu deu-se a possibilidade de libertação fruto do Amor do mesmo para com o Homem. O fogo era propriedade dos Deuses. O Homem não o possuindo estava condenado a extinguir-se. Prometeu, o filantropo, decide roubá-lo dos Deuses possibilitando ao Homem a entrada numa nova era; não de morte, mas de criação e de arte. Graças ao fogo o Homem pode sobreviver. Graças a Prometeu a humanidade tem a oportunidade de triunfar sobre a tirania dos Deuses. Prometeu catalizou a libertação do Homem. Agora resta a este saber utilizar o fogo.

Contrariamente a Cristo, que surge como Deus feito Homem e que potencia a submissão e a culpa no Homem, cabendo a este penitenciar-se para o resto da sua vida, Prometeu assume ele próprio todo o sofrimento: liberta o Homem da morte fadada, apesar de ser condenado à dor para o resto dos seus dias. Carrega sozinho as consequências do seu amor. No caso de Cristo o Homem é culpado por Deus. Prometeu é também culpado pelos Deuses. O Homem, ajudado por Prometeu,

agradece com orgulho a força, a coragem e o amor do herói. Nietzsche repara que a dimensão divina assume duas acepções conforme se trate do Povo Grego (o Grego Trágico) ou do povo Cristão.

“Estes gregos serviam-se dos seus deuses para se imunizarem contra todas as veleidades de má-consciência para gozar pacificamente da sua liberdade, isto é, em sentido oposto ao Deus do Cristianismo” (Nietzsche, GM).

Acontece que quer Prometeu quer Cristo são manifestações do próprio Homem. Mas apesar desta invariância são obras distintas. Enquanto sob a forma de Prometeu é o *Homo tragicus* que se manifesta integrando a “liberdade e o júbilo do êxtase” (Edith Hamilton, 1942/1991) mas também “a brutalidade selvagem”, sob a forma de Cristo evidencia-se o medo e a moral. Com Dioniso aparece o bailarino, a corda bamba, o trapezista do *Zaratustra*; com Cristo aparece o crucifixo, o pau. Recorrendo à terminologia de Bion poderíamos dizer que com Prometeu o Homem realiza uma *Transformação de Movimento Rígido**; com Cristo o Homem faz uma *Transformação Projectiva* e/ou em *Alucinose*.

Como?

Façamos aqui um parêntesis para lembrar a teoria bioniana das transformações

5. O TRANSFORMADO NÃO MUDOU, TRANSFORMOU-SE

O conceito de Transformação é muitas vezes sinonimizado com o conceito de mudança, contrariamente à posição aqui defendida. Em última análise, e de certa forma, é possível que mudança nem sequer tenha realização. Zimerman (1995) citando Lavoisier, lembra que “na natureza, nada se perde, nada se ganha, tudo se transforma”. Mudança implica a passagem de um estado A para outro B obedecendo-se ao princípio de que em B não haja qualquer matéria ou substância de A; ou seja, implica que A desapareça e que B surja. A e B têm necessariamente de ser discretos, ortogonais. Como é então, que podemos afirmar que A mudou para B? O único que podemos saber é que A desapareceu e B surgiu. Torna-se absurdo falar de mudança, pois se dois fenómenos nada têm de continuidade um com o outro, um não mudou e deu outro. Se existir continuidade entre A e B então diremos que A se transformou em B. A não foi destruído. B não foi criado. A transformou-se. A questão de fundo nada tem que ver com o aparente sinónimo mudança e sim com o mau uso que dele se faz. É que em grande parte das situações temos dois significantes para duas significações, sendo uma delas, como vimos, uma falsidade. O que quererão dizer aqueles que dizem: “com esta terapêutica você mudará a sua personalidade” ou “eu mudei, sou outro homem” ou “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”?

Nietzsche fala de *Metamorfose*. Bion fala de *Transformação*. Ambas as expressões implicam uma continuidade. O Gregor Samsa da “Metamorfose” de Kafka (s.d.), embora insecto, nunca deixou de ser o Gregor Samsa. Possivelmente Nietzsche tenha tomado a posição de Heraclito e Bion a de Wittgenstein. Nietzsche é sensível à filosofia de Heraclito a ponto de o considerar como o filósofo mais próximo de si na história dos filósofos. Lembremos o que diz em *Ecce Homo* no capítulo sobre *A Origem da Tragédia*.

“Antes de mim não existiu tal transposição do *pathos* dionisiaco em *pathos* filosófico: faltava a sabedoria trágica. Em vão procurei seus traços entre as grandes figuras gregas da filosofia, anteriores a Sócrates de dois séculos. Permanecia em dúvida quanto a Heraclito, junto do qual me situo com mais gosto do que em qualquer outro ponto. A

afirmação da transitividade e do aniquilamento, decisiva na filosofia dionisíaca, a aceitação do contraste e da guerra, o devir com renúncia radical ao próprio conceito de "ser", tais são as teses que, ao fim e ao cabo, vejo mais afins de mim em tudo quanto se tem até hoje pensado. A doutrina do "eterno retorno" ou seja, de um ciclo repetido, incondicionado e eterno, esta doutrina de Zaratustra poderia ter já sido ensinada por Zenão. Pelo menos a Stoa, que herdou de Heraclito quase todas as suas ideias, apresenta sinais dela" (Nietzsche, EH).

Em Nietzsche notamos Heraclito e em Bion Wittgenstein, como se se tratasse da aplicação psicanalista das ideias do filósofo. Ao lermos o *Tratado Lógico-Filosófico* observamos uma grande familiaridade entre os dois. Não sei se Bion se deteve a estudar Wittgenstein. Rezende (1994) encontra no primeiro fontes de influência do segundo. Wittgenstein (1920/1995) defende que os limites da linguagem limitam o mundo do seu detentor. Através da Filosofia pretende clarificar a lógica dos pensamentos, das proposições. Considera as proposições como modelos da realidade tal como ela é pensada. Mas as proposições em si não são a realidade. "À proposição pertence tudo o que pertence à projecção, mas não ao que é projectado" (...) "Na proposição está contida a forma mas não o conteúdo do seu sentido". Para além disso nota que "a natureza não nos dita uma descrição específica: a verdade não está restrita a uma só linguagem". Como é então possível identificar a realidade a partir de um seu modelo que não é a Realidade? Ou seja, como é que se reconhece a realidade numa sua figuração? Wittgenstein sugere a existência de uma configuração lógica comum entre o modelo e aquilo que ele representa.

Bion recorre à situação em que um pintor resolve pintar uma paisagem. O produto final, isto é, o quadro pintado, é por nós conhecido como sendo a representação da paisagem que o pintor pintou. Toda esta realização aparentemente simples implica considerações complexas. Podemos dividi-la em três elementos:

- Paisagem em si
- Acto de Pintar
- Pintura da paisagem

A pintura da paisagem é o produto final. Não é, no entanto, a Paisagem em si mas uma sua representação. Depende do processo de pintar e da paisagem real. Bion representa a realidade absoluta com a letra "O". É a "coisa-em-si" kantiana. Neste caso será a paisagem em si. Se considerarmos esta como "O", diremos que a pintura é uma transformação que se faz da mesma através de um processo transformacional. Representamos a transformação de O da seguinte forma:

$$TO \rightarrow T\alpha O + T\beta O \quad \text{ou} \quad TO \rightarrow T\alpha O + T\beta O$$

sendo $T\alpha$ a representação do acto de pintar (o processo transformacional) e $T\beta$ a representação do quadro da paisagem (o produto final).

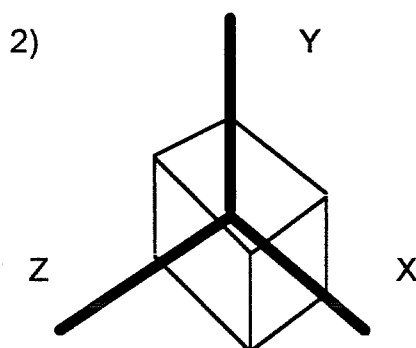
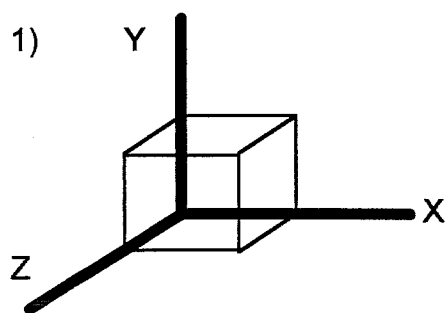
Margritte possibilitou-nos através da ilustração de um cachimbo indicando "Isto não é um cachimbo" a consideração de que uma representação de um cachimbo não é um verdadeiro cachimbo. Do mesmo modo, num homem, a coisa-em-si é o próprio homem. Tudo aquilo que se diz dele são representações ou transformações do que na realidade ele é.

Mestre Eckhart distingue Deus de Deidade. Deus é tudo o que "dele" falamos e pensamos. A Deidade é aquilo que na realidade Ele é. Deus estaria no vértice teológico. Alcançar a Deidade implicaria uma teologia negativa em que se desse o despojamento da ideia de Deus. Ter-se-ia de abandonar a crença e caminhar na fé rumo ao mistério. Seria este o caminho do místico. O caminho no mistério. Seria este o caminho do analista, o caminho do analisando, o curso da Análise, o caldo das Transformações "em direcção a O" e "de acordo com O".

$T\beta O$ faz-nos lembrar O mas não é O. Como é então que podemos reconhecer uma coisa naquilo que ela não é? Como se reconhece O em $T\beta O$? Bion propõe a existência de algo que não varia. Algo que está em O e que subsiste em $T\beta O$. Estes aspectos comuns ao acontecimento original e ao produto final são denominados de *Invariantes**. Estes constituem, de forma análoga, a hipotética construção lógica mantida de que falava Wittgenstein (1920/1995). Os *Invariantes* podem ser mais ou

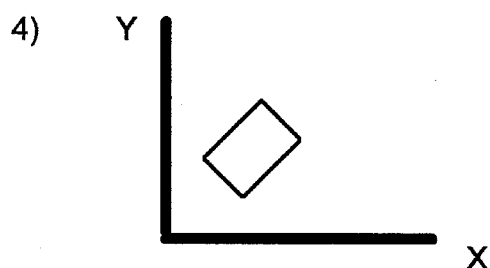
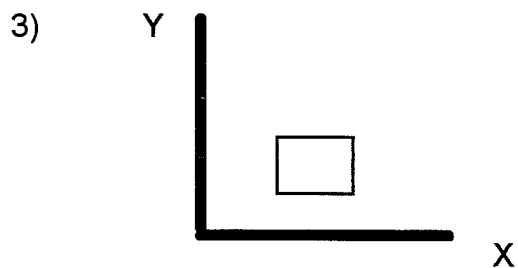
menos reconhecidos de acordo com o tipo de transformação que é realizada. Poderemos ter, de acordo com Bion, *transformações de movimento rígido, projectivas* ou em *alucinose*.

Tanto o termo *movimento rígido* como *projectiva*, são designações da Geometria. As Transformações Geométricas por Projectão consistem em projectar ou sectionar nas dimensões (X,Y) (plano) ou (X,Y,Z) (espaço) a representação de determinado objecto ou figura.



Quer em 1 quer em 2 temos o cubo A; apesar das distâncias, ângulos serem diferentes mantêm a mesma lógica formal.

As Transformações Geométricas de Movimento Rígido são apenas movimentos rotacionais. Os ângulos e as distâncias permanecem iguais.



Quer nas projecções quer nas rotações é possível identificarmos a figura inicial. No entanto, geralmente é mais fácil a identificação de figuras rodadas do que projectadas. Nas projectadas temos de entrar em linha de conta com índices suplementares.

A aplicação deste modelo à Psicologia e à Psicanálise implica que se considere o sujeito que transforma. Assim podemos analisar as transformações segundo se trate do terapeuta ou do paciente.

Imaginemos que o paciente traz para a sessão conteúdos evidenciando conflitos familiares com especial incidência nas relações com o pai. O analista, de acordo com a experiência que já tem com esse paciente e com o *background* teórico de que se serve poderia transformar o relato que ouve do paciente num enredo edipiano mantendo-se invariante a triangulação edipiana e os movimentos das personagens. Representaríamos da seguinte forma:

$T \text{ (analista)} \rightarrow T \text{ (analista)}_{\alpha} + T \text{ (analista)}_{\beta}$

Neste caso a Transformação operada pelo analista seria bastante directa, com identificação imediata dos invariantes. Bion designa estas transformações de *transformações de movimento rígido*. Obviamente não são só válidas para o analista. Podem ser operadas por qualquer comum mortal.

Voltemos à Tragédia...

Ésquilo narra que Prometeu desafia os Deuses para que vingue o Homem. O Homem não é um Deus. O Homem é Homem. Prometeu ajuda-o dando-lhe apenas o fogo. É condenado para sempre. Mas para o Homem Prometeu não é um mártir, é um herói que tem o seu destino contra o qual nada há a fazer senão afirmá-lo. Prometeu não deixa, como deixou Jesus, nenhuma tarefa para o Homem, apenas lhe dá a possibilidade de viver. À parte de Prometeu, o Homem não é mais do que aquilo que é, ou seja, não é mais do que o destino. Afirmar esse destino é ser o que ele é. O preço de se ser o que se é, pode ser o assumir a solidão e o sofrimento conjuntamente com a inerente *Vontade Liberal*, ou seja, liberto de tudo menos da sua condição. Eis aqui o *Espírito Dionisíaco*, o Homem que se vai superando.

Não é difícil identificar invariantes entre esta tragédia de Prometeu.e a tragédia do Homem. Para categorizarmos com certa precisão o tipo de Transformação teremos de conhecer não apenas $T\beta$ como também $T\alpha$. Como teria Ésquilo operado $T\alpha$? Nunca saberemos. A minha hipótese é que “O”, neste caso, é o Homem, pois as ideias aqui defendidas mantêm uma afinidade relativamente nítida com a Tragédia de Prometeu. Prometeu é uma espécie de protagonista alegórico equivalente àquilo que, no Psicodrama Analítico é denominado por “Emergente Dramático” (Amaral Dias, 1993a) no grupo da humanidade. Assim Ésquilo possivelmente conseguiu uma *transformação de movimento rígido*. Fica de qualquer forma em aberto a possibilidade de outra dinâmica transformacional tal como a projectiva.

Bion (Bion, T) ao referir-se aos tipos de transformações faz uma associação com os *dois princípios do funcionamento mental* propostos por Freud.

As *transformações de movimento rígido* estariam relacionadas com o pensamento e as *projectivas* com as acções musculares. Às acções musculares Bion faz corresponder as fantasias. “Proponho incluir na categoria representada pelo termo “acção” fantasias que a mente, actuando como se fosse um músculo e um músculo actuando como músculo, pode libertar a psique de excesso de estímulos”.(Bion, T).

As *transformações em alucinação* seriam como que hiperbolizações das *transformações projectivas*.

As *transformações em alucinação* tal como as *projectivas*, fazem parte da “*área psicótica da personalidade*” *. No entanto os invariantes são mais facilmente identificados nas *transformações projectivas* do que nas em *alucinação*, embora menos do que nas de *movimento rígido*. Na *transformação em alucinação* quase que não se chega a verificar uma verdadeira transformação no sentido em que o material exterior recebido é armazenado como tal, sob a forma de *elementos- β **, unindo-se a outros *elementos- β* e, eventualmente, a *elementos- α **. Prevalece o mecanismo de união face ao mecanismo de integração. Os elementos encontram-se dispostos numa espécie de organização desorganizada. Esta união é, sobretudo, uma possibilidade iminente de cisão. Os elementos estão unidos sem que se

verifique uma contenção dos mesmos através de uma *função* α . São *elementos*- β que não podem evoluir. A ansiedade é de tal modo elevada que, diz Bion, os elementos são evacuados. Mais do que evacuados são vomitados, pois o material não é digerido. O vômito dos *elementos*- β está a par de uma incapacidade para tolerar o sofrimento. Esta incapacidade é a ausência da *função*- α , que está ligada a um ambiente catastrófico primitivo, no qual a ansiedade de aniquilamento do lactante não era contida pela mãe. O ambiente catastrófico primitivo varia, mas está assente na introjecção de uma mãe deficitária. As realizações negativas, as não-coisas, são captadas e vomitadas. A mãe, inicialmente, forma com o bebé uma unidade OO, isto é, continente-contéudo*, actuando como *função*- α das sensações do bebé. Falamos da capacidade de *Reverie** da mãe. Sabemos que nem todas as solicitações do bebé poderão ser satisfeitas pela mãe, isto porque nem sempre a mãe está presente e porque é necessário uma certa frustração para que o bebé aprenda a lidar com a mesma e se possa assim tornar independente. Esta ideia continua o pensamento kleiniano. Em *Inveja e Gratidão* (1957/1984), Klein refere que “uma certa quantidade de frustração, seguida pela gratificação, pode dar ao bebé a sensação de ser capaz de lidar com a sua ansiedade”. O que acontece por vezes é que a frustração não é a excepção e sim a norma, isto numa altura em que o bebé ainda necessita da mãe como *função*- α .

Klein referiu também que as frustrações são experienciadas pelo bebé como objectos maus, contrariamente à satisfação que é vivida como objecto bom. Ou seja, a mãe quando alimenta e dá carinho, é uma mãe boa. Quando não está presente é uma situação má ou uma mãe má.

Bion diz o mesmo por outras palavras. Existe uma expectativa do bebé, uma *Pré-Concepção**, que ao ser satisfeita (unida a uma *Realização*) dá origem a uma *Concepção*. É necessário, no entanto, que às vezes as *Pré-Concepções* se unam a *Realizações Negativas (Frustração)* para que com essa experiência, o bebé aprenda a lidar com ela. Quando a *Frustração* é a norma gera-se um ambiente de insegurança que irá ser introjectado pelo bebé. Pode ocorrer que se verifique uma

cisão defensiva entre o bom objecto e o mau objecto que, a par de uma idealização, se torna cisão no excessivamente bom e no excessivamente mau.

Klein (1957/1984) refere que “a idealização excessiva indica que a perseguição é a principal força impulsora” isto é, “a idealização constitui um corolário da ansiedade persecutória”.

Coimbra de Matos (1968) defende a ideia de que o objecto ideal ao ser introjectado amortece o sofrimento que o objecto persecutório, também este introjectado, proporciona. E refere:

“Assim, o Ideal do Eu é a sobrevivência deste objecto Deus, todo-poderoso, que a obediência ao princípio de prazer impõe - para reencontrar o estado narcísico perfeito que o nascimento interrompeu; e que das satisfações da vida só o orgasmo permite atingir, e por curtos instantes”.

Esta obediência ao *princípio de prazer* visando o reencontro amniótico é o que atrás denominámos de *Vontade de Poder Umbilical*, que também poderíamos designar de *Vontade de Onnipotência*.

Podemos assumir que em Bion, esta ansiedade persecutória assemelha-se a uma espécie de *Pré-Concepção*. Mas é uma *Pré-Concepção* não de um objecto bom mas de um objecto mau, ou seja, uma *Pré-Concepção X* de que vai ocorrer uma *Realização Negativa* a uma prévia *Pré-Concepção Z* que foi desinvestida. É como se pudéssemos falar de duas formas de estar do bebé:

Pré-Concepção + Realização -> Concepção

Pré-Concepção Negativa + Realização -> Concepção Negativa

No primeiro caso predomina a situação em que o bebé que espera o seio é gratificado pelo mesmo. No segundo, depois de constantes esperas de seio frustradas, o bebé passa a esperar não um seio mas um não-seio ou objecto mau, que aqui se designou de *Pré-Concepção Negativa* por se esperar a *Frustração*. Ao

dar-se esta última, a esperada Frustração, forma-se uma *Concepção Negativa*, o preâmbulo para uma espécie de *Depressão Anaclítica* (Spitz, 1946).

No primeiro caso temos uma verdadeira *Pré-Concepção* em que há conservação de uma parte saturada (ψ) e outra insaturada (ξ .) No segundo caso é uma falsa *Pré-Concepção* - uma *Pré-Concepção Negativa*. No primeiro caso os vínculos possíveis são da ordem L e K e H *; no segundo serão de tipo -L, -K e -H

É o caso em que o aparelho psíquico parte de uma situação catastrófica (ver *catástrofe**) e, a menos que surja uma *Mudança Catastrófica* também, desenvolver-se-á um predomínio da *parte psicótica da personalidade* (Bion, DPE). A *parte psicótica da personalidade* caracteriza-se por dinâmicas esquizo-paranoides onde se evidenciam mecanismos tais como a *Idealização*, a *Omnipotência*, a *Clivagem*, a *Projectão*, a *Identificação Projectiva* ou como a *Identificação Adesiva*. A *função- α* , por seu turno, está debilitada ou praticamente ausente. Assim os *elementos- β* ou são apenas parcialmente digeridos ou vomitados. As transformações preponderantes nestes casos são as *transformações projectivas e em alucinação*.

Deus e o Diabo serão em certos casos Transformações Projectivas ou, em casos mais catastróficos, Transformações de O em Alucinação, conservando em ambos os casos mecanismos defensivos primitivos. Deus é o correspondente do objecto excessivamente bom e o Diabo do objecto excessivamente mau. Certo é que Prometeu, tal como Deus e o Diabo, é também uma fantasia. Mas teremos de distingui-la, posto que os segundos actuam geralmente como fantasmas.

“A não-coisa com a sua realização correspondente (um objecto ausente) será destruída contrariamente à alucinação que pelo seu imediatismo será favorecida” (Bion, T). Assim a *transformação em alucinação* deve ser considerada como um processo que desemboca em produtos que podem assumir várias formas, como pode ser um discurso desconexo, uma reacção muscular, uma alucinação (auditiva, táctil, visual, olfactiva, gustativa).

Quando predomina este tipo de funcionamento, em *alucnose*, a mente estagna. No entanto parece que as *transformações em alucnose* estão presentes em todo o ser humano sem que, no caso de predominarem os pensamentos resultantes das *transformações de movimento rígido*, se traduzam no comportamento nem comprometam a expansão da mente (Grinberg, Sor, Bianchedi, 1991).

Este tipo de transformações assentes num caldo beta torna-se difícil de ser decifrado pelo analista. No entanto o analista pode apreciar as *transformações em alucnose* caso ele próprio participe em estado de alucnose. Para tal, uma postura sem *memória**, sem *desejo**, pode aproximar-se da esfera da alucnose e proceder com o paciente na transformação que é feita de O para K (Bion, AI), do *sum* para o *cogito*.

6. COGITO, ERGO COGITO

“Cogito, ergo cogito”

Fichte

“Restringirei o termo “Pensamento” à união de uma Pré-Concepção com uma frustração. O modelo que proponho é o de um bebé cuja expectativa de um seio se une a uma “realização” de um não-seio disponível para a satisfação. Essa união é vivida como não-seio, ou seio “ausente”, dentro dele. O passo seguinte depende da capacidade de o bebé tolerar a frustração. Depende de se a decisão é fugir da frustração ou modificá-la” (Bion, TP).

“(...) Se a capacidade de tolerar frustração for suficiente, o não-seio transforma-se num pensamento, e desenvolve-se um aparelho para ‘pensá-lo’ “ (Bion, TP).

O homem pode pensar. Se esperamos algo e tudo corre como previsto basta-nos disfrutar com ânimo e prazer aquilo que encontrámos. Mas quando constatamos que não estamos a ter aquilo que pensávamos que iríamos ter nesse preciso momento, podemos modificar essa situação de sofrimento, de frustração, através do pensamento. Esta equação está dependente de sermos ou não capazes de gerir o nosso sofrimento. Vimos que uma solução para evitá-lo era a fuga à situação. Se estamos mal mudamo-nos. Podemos, por outro lado, em vez de sairmos da situação transformá-la em algo novo. Podemos criar a partir da transformação. Aliás, a criação é isso mesmo! Segundo Nietzsche neste novo existe uma fractalidade, e como tal o novo deixa de ser uma realização absoluta passando a ser uma abstracção de algo que sempre foi.

Por outras palavras...

A demanda analítica, independentemente da efectividade e pertinência da Análise, pode relacionar-se com a *Vontade Umbilical*, cristalizada com a procura no analista de um útero ao qual se possa agrilhoar, ou então relacionar-se com a *intuição** de uma futura libertação. Se a Análise funcionar como teoricamente pretende

funcionar, o produto final será idêntico, no sentido de que o analista catalisa, a entrada numa nova era, num “novo começo” (Balint, 1949 cit. por Horácio Etchegoyen, 1991) que constitui o fim da Análise, isto é, o momento em que paciente e analista, depois de terem roubado o fogo aos Deuses do paciente, resolvem deixar de se encontrar posto que o paciente se dispõe a transportar sozinho a tocha, desde o Olimpo da sua idealidade em direcção aos meandros da sua existência. Por seu turno o analista dispõe-se a fazer novos assaltos. É o momento em que o paciente se sente seguro, ou melhor, com coragem (com as seguranças e inseguranças naturais de quem vive e age) para funcionar num registo O -> K e K -> O.

Que acontece entre a Demanda e o Adeus?

No capítulo XIX de *Elementos de Psicanálise*, Bion sugere que a actividade do paciente mais evidente na Análise é o pensamento. Este pensamento quase que se sobrepõe a toda a actividade mental. Num artigo intitulado “O que é o pensamento?” Pedro Luzes (1968) propõe considerar o pensamento como “o principal processo intermediário entre as estimulações que nos provêm do exterior e as respostas que delas resultam”. Mas, continua, para além do processo, o pensamento é também o conjunto de símbolos, fantasias, mitos, conceitos, teorias, emoções primitivas. É neste sentido que Bion desenvolve a sua teoria sobre o pensamento, sobre o qual recai grande parte do processo psicanalítico.

Nietzsche compara o pensamento aos cristais. O pensamento pode ser encarado como um processo de cristalização de formas. Seria um processo que colocaria material novo em esquemas antigos. Ou seja, algo que torna o desconhecido conhecido (Nietzsche, VP). Eugen Fink (1960/1988) repara que existe uma espécie de pré-compreensão, uma “construção apriorística da coisa que pensamos nas categorias”.

A redução do novo ao antigo funciona como tranquilizante face à tensão que provoca a novidade. Nietzsche (Nietzsche, CI) refere um princípio básico neste processo:

“qualquer explicação é melhor de que nenhuma”.

Estaremos, assim, a conceber o sujeito pensante como um sujeito essencial pré-concebido, com todos os esquemas que lhe possibilitarão a submissão do novo ao antigo? Sobrevém daqui um corolário: Será que o sujeito pensante é um sujeito acriador condenado a viver algemado à sua essência? Nietzsche, não nos podemos esquecer, é um psicólogo do devir. Na aparência o pensar surge como processo ruminante e a acção não resulta em criação mas em repetição ou redução.

Bion sugere-nos um modelo que, possivelmente, ajudar-nos-á a entender o que Nietzsche de forma espiralada tentou apresentar.

Quando esperamos algo encontramos-nos numa situação de insaciedade que é acompanhada de tensão. Três situações subsequentes podem ocorrer:

- 1 - Aquilo que esperamos é-nos dado.
- 2 - Não nos é dado o que esperamos mas alteramos o nosso estado expectante.
- 3 - Não nos é dado o que esperamos e descarregamos a tensão que tal situação provê.

Dito por suas palavras:

“O modelo que proponho é o de um bebé cuja expectativa de um seio se une a uma “realização” de um não-seio disponível para satisfação. Essa união é vivida como um não-seio, ou seio “ausente”, dentro dele. O passo seguinte depende da capacidade de o bebé tolerar frustração. Depende de que a decisão seja fugir ou modificá-la” (Bion, TP).

Quando se verifica uma *realização negativa* de um objecto esperado, um não-objecto, o sujeito provido da tensão inerente à frustração que tal situação acarreta pode fugir da situação. O pensamento poderá advir da forma em como é gerida a situação de saciedade ou de não-saciedade. Mas se falámos, aquando de Nietzsche, sobre a dificuldade da semântica do pensamento, antes de

desenvolvermos esta temática, talvez seja conveniente resumir a elucidação de Bion.

Bion distingue entre “pensamentos” (material) e “pensar” (processo). Os “pensamentos” podem ser classificados de acordo com a sua complexidade e com a sua evolução:

- Pré-concepções
- Concepções
- Pensamentos propriamente ditos
- Conceitos

A *Pré-Concepção* é semelhante ao conceito kantiano de “pensamento vazio”. Num primeiro momento, como vimos atrás, temos a expectativa que pode ser saciada pelo objecto expectado. Por outras palavras, nas de Bion, temos uma *Pré-Concepção* que pode ser saciada por uma *Realização (Realização Positiva)* ou frustrada por uma *Não-Realização (Realização Negativa)*. A *Realização Negativa* é comparável, no caso do lactante, ao conceito de Objecto Mau, proposto por M.Klein (1946). As sensações desagradáveis são vividas como derivando de um objecto mau (malevolamente motivado) (Hinshelwood, 1991/1992).

Quando uma *Pré-Concepção* se une com uma *Frustração (Realização Negativa)*, se existir capacidade para tolerar a frustração verifica-se uma transformação. O não-objecto passa a pensamento propriamente dito. Bion diz:

“A capacidade de tolerar frustração, portanto, possibilita que o psiquismo desenvolva o pensamento como um meio através do qual a frustração que for tolerada se tornará mais tolerável” (Bion, TP).

É como se o pensamento actuasse como a alternativa mais vantajosa para lidar com a frustração, com o sofrimento que acompanha a *Realização Negativa* (apesar de Bion referir Freud relativamente a este aspecto quando estabelece pontes entre os dois princípios do funcionamento mental com a descarga motora e com o

pensamento, bem como as alusões ao *princípio de prazer*, convém não embarcarmos na ideia de que a teoria sobre o pensar em Bion é uma teoria hedonista em que se age para reduzir a tensão. Se em Freud se estruturava um *feed-back* negativo, em Bion verifica-se uma retroalimentação positiva que se traduz numa *Vontade de Poder Liberal* cada vez maior à medida que a mente se expande).

O acontecimento novo ou o acontecimento não-antigo, em Nietzsche, é uma espécie de *Realização Negativa* do potencial encaixamento nas categorias antigas. O pensar em Nietzsche é uma espécie de processo que força esse ajustamento. Uma vez que o encaixe não é espontâneo, pois o novo aparentemente não está no antigo, modifica-se o novo de forma a transformar-se em antigo. Assim nem as categorias nem as categorizações são estáticas. Cada pensar é realizado em função de novos antigos. Este novo antigo não implica um preenchimento do espaço vazio hipoteticamente existente na esfera do antigo. Significa antes um antigo transformado.

Acontece que por vezes se torna tão insuportável apreender o novo (antigo transformado) que se dá uma redução abrupta ao antigo. Olhemos para este pequeno trecho extraído do *Crepúsculo dos Ídolos*:

“traçar algo desconhecido em algo conhecido alivia, tranquiliza, gratifica e dá, além disso, um sentimento de poder. O perigo é a inquietante ansiedade de lidar com o desconhecido. (...) devido a que no fundo se trata apenas da questão de se querer livrar de ideias opressoras, não é muito selectiva a escolha da forma de se livrar delas: a primeira ideia que explica que o desconhecido é de facto conhecido, faz tanto bem que se sustenta como verdade”.

O pensar é considerado como um processo que depende do desenvolvimento dos pensamentos e do desenvolvimento do próprio processo de pensar (Bion, TP). Os pensamentos são pensados. Convém termos em conta que os “pensamentos” bionianos são diferentes do que habitualmente designamos de pensamento. Geralmente pensamento é entendido como resultado do processo de pensar. Em Bion o processo de pensar é imposto pela pressão dos pensamentos. Estes são

elementos mais ou menos desenvolvidos. E são fruto da tradução que o indivíduo faz daquilo que capta.

Com esta mudança epistemológica em que o pensamento precede o pensador, Bion talvez se refira à ideia nietzscheniana da redução do novo ao antigo. Seriam as categorias antigas que procurariam os categorizadores através de sinalizações aparentemente novas. Seria o “ser” à procura do que é, através do ser (verbo, processo). A propósito de Tales de Mileto Nietzsche diz que o filósofo é o que “deixa ressoar em si a sinfonia do mundo” e procura dar expressão a essa sinfonia (Nietzsche cit por Maria José Vaz Pinto, 1989) Do mesmo modo poderíamos dizer que o Pensador é aquele que deixa ressoar em si os seus mais íntimos pensamentos. Em *Zaratustra* (nas Ilhas Afortunadas) continua: “A Beleza do *Super-Homem* visitou-me como uma Sombra”.

O aparelho que pensa os pensamentos relaciona-se com duas funções designadas por $\Psi\sigma$ e $PS \leftrightarrow D$, que representa um processo de interacção dinâmica entre um Continente e um Conteúdo, no primeiro caso, e uma interacção entre a *Posição Esquizo-paranoide* e a *Posição Depressiva*, no segundo.

Remetendo-nos para a *Grade**, Bion dá o exemplo de uma *Pré-Concepção* que ao unir-se com uma *Realização* origina uma *Concepção*. Ou seja

Fila D+ Fila E -> Fila F (Ver *Grade**)

Neste caso temos um elemento não-saturado (ξ) D que está disponível para receber uma Realização

$\psi(\xi) + \text{Realização Positiva} \rightarrow \text{Concepção}$

É como se um continente Ψ esperasse um conteúdo σ . Não uma espera estática mas uma espera activa $\Psi\sigma$. Bion fala de uma interacção dinâmica entre Ψ e σ .

Devemos, então, entender $\varphi\sigma$ como uma relação bilateral. Não apenas um continente que procura um conteúdo mas um continente que procura um conteúdo-que-procura-um-continente. Talvez seja por isso que Bion concebe $\varphi\sigma$ como símbolo da *Identificação Projectiva* (Bion, AE) (Falamos de *Identificação Projectiva* como ferramenta de comunicação). Na *Identificação Projectiva* temos que:

(Mãe + Capacidade de Ser Mãe) + (Filho + Capacidade de Ser Filho) -> Crescimento da Díade.

O crescimento da díade é aquilo que marca a diferença entre o conceito clássico de *Identificação Projectiva* proposto por Klein (1946) e o conceito bioniano da mesma.

O conceito kleiniano (1946) concebe a *Identificação Projectiva* como um mecanismo destrutivo associado à inveja em que o indivíduo projecta partes do ego no objecto a fim de o controlar. Bion propõe que se diferencie entre *Identificação Projectiva Patológica e Normal*. A *Identificação Projectiva Patológica* estaria relacionada com a proposta kleiniana e seria a evacuação de um estado mental penoso carregado de elementos- β . Por outro lado, como nota Hinshelwood (1991/1992) a *Identificação Projectiva Normal* de que fala Bion promove a comunicação. É através deste mecanismo que a mãe e o bebé se transformam numa díade em crescimento. A *Identificação Projectiva Normal* é o meio pelo qual começa a expansão do indivíduo a partir de uma relação simbiótica para uma autonomização do self.

Na *Identificação Projectiva Patológica* temos $-(\varphi\sigma)$ -> $-\varphi$ e/ou $-\sigma$

Na *Identificação Projectiva Normal* temos $\varphi\sigma$ -> ξ

Ou seja, a *Identificação Projectiva Patológica* é corrosiva e a *Identificação Projectiva Normal* gera novas propostas, novas expectativas, expande mais o universo do sujeito.

À medida que o bebé se vai desenvolvendo, isto é, à medida que a díade vai crescendo num processo $\Psi\sigma$ benigno o próprio bebé vai interiorizando a forma de funcionar. A interiorização do funcionamento $\Psi\sigma$ implica que o indivíduo consiga por vezes ser um continente-que-procura-um-conteúdo, conseguindo manter-se sereno enquanto o não encontra e do mesmo modo, que às vezes consiga ser um conteúdo-que-procura-um-continente-que-o-contenha, sem que este momento seja um momento de sobressalto.

Bion integra os conceitos kleinianos de *posição* (*esquizo-paranoide* e *depressiva*) dentro da sua teoria sobre o pensar. Recordando Klein, esta adopta, com a definição de posição, um olhar mais descritivo, mais dinâmico do que as concepções de estágio freudianos. Hinshelwood explica que “uma posição é uma constelação de ansiedades, defesas, relações objectais e impulsos”. A *posição esquizo-paranoide* é segundo Klein (1946) o tipo de funcionamento com recurso a mecanismos próprios dos quatro primeiros meses de vida. A *posição depressiva* (Klein, 1945) descreve um tipo de funcionamento mental em que já não predomina a fragmentação, os objectos parciais mas objectos totais.

E seguidamente, em *Elementos de Psicanálise*, Bion escreve:

“As descobertas de Melanie Klein das posições esquizo-paranoide e depressiva requerem uma teoria que em certas situações, elementos aparentemente não relacionados associados com sentimentos de perseguição, se unifiquem como um todo integrado associado com sentimentos de depressão”.

Na clínica, esta integração do disperso assume uma importância extrema pois possibilita uma orientação no decurso da análise, nomeadamente aquando da intuição de um *Facto Seleccionado**. Este termo, aproveitado por Bion a partir da terminologia do matemático Poincaré (1909/1996), é o emergir de um facto capaz de encadear, de dar coerência a uma miríade de factos isolados que surgem na sessão e que, numa primeira abordagem, parecem nada ter a ver uns com os outros.

É o que dissemos ser o funcionamento do tipo PS <-> D, de Fragmentação/Integração. PS deve ser considerado “como uma nuvem de partículas capazes de unir-se; e D como um objecto capaz de fragmentar-se e dispersar-se” Bion, EP).

Por exemplo, uma criança que interiorizou o mecanismo PS <-> D conseguirá categorizar elementos independentes como também encontrar intersecções entre várias categorias.

O desenvolvimento do pensamento faz-se tendo em conta que se vão criando construções, pensamentos, a partir de elementos básicos. Os *elementos-α* unem-se dando origem a pensamentos. Dá-se uma integração do fragmentado. No entanto ficam abertos à possibilidade de rearranjos. Formam-se modelos PS↔D que são abandonados quando já não servem D↔PS

É neste ponto que podemos situar uma diferença entre a crença e a fé* ou entre a lei e a hipótese. Na crença e na lei deu-se uma integração do fragmentado que jamais se conseguirá fragmentar novamente a menos que se verifique uma mudança de vértice de grande envergadura (*Mudança Catastrófica*). A hipótese e a fé estão mais no domínio do PS <-> D e não, como no primeiro caso em PS -> D. As hipóteses e a fé são construções que serão continuamente postas em causa, desconstruídas. E é por isso que Bion, como nota Rezende (1994), diz que os modelos são para ser utilizados e depois abandonados; ou melhor, os pensamentos quando já não servem não devem impedir que o pensador se expanda. Um pensamento obsoleto não fomenta um aparelho que o pense, dá somente respostas às perguntas que antes faziam sentido mas que agora não mais fazem. Estes pensamentos são abandonados não só porque dão respostas mas, mais interessante, porque não fazem perguntas, ou seja, porque se tornaram inúteis ao crescimento, à *Vontade de Poder*.

7. A MORTE DE DEUS

"Nem tudo o que reluz é ouro"

(Ditado popular)

"A minha verdade é terrível, porque até hoje chamou-se verdade à mentira"

(Nietzsche, EH)

"Curioso: O que é que procuras?"

Louco: Os cinco paus que perdi ali em baixo.

Curioso: Ali em baixo! Então porque procuras aqui?

Louco: Aqui há mais luz

(Moral da história: Nem sempre onde há luz se deve procurar o que se procura)"

(Anekdota)

"A resposta é a desgraça da pergunta"

Maurice Blanchot

Em última análise, Deus sempre foi resposta. ♂ -> ♀ e PS -> D. Deus, ponto final. Mas este postulado nunca contentou os místicos. E é deles que se fala agora. Não já daqueles que encontram mas dos que procuram -♂? PS? - Daqueles para quem o Ser e o Caótico é uma questão. Não estamos a falar dos seguros e sim dos "trapezistas", daqueles em que a insegurança é uma constante na vida. Não falamos daqueles que têm respostas mas daqueles que questionam. Nem nos referimos a leis mas a hipóteses. Não falamos dos que lêem mas sim dos que escrevem livros. Falamos sobretudo daqueles que saem sem itinerário dispostos ao que der e vier. Falamos dos mais teleonómicos. Não dos teleológicos nem dos teológicos. Falamos da Pergunta. Falamos em grande medida dos *Zaratustras*. Poderíamos falar dos outros, daqueles em quem Deus somente nasceu. Mas agora falamos destes, dos teocidas.

Nietzsche continua a história de Zoroastro. Há cerca de 2700 anos, mais coisa menos coisa, na Pérsia, conta-se que Zoroastro teria utilizado 1000 peles de boi para compilar os 21 livros que integram o Eend Aresta. O seu masdeísmo, isto é, a suposta ciência universal, estaria fundamentado em dois grandes princípios antagónicos: a luz e as trevas, simbolizados respectivamente por Ormuzd e Ahrimã. Conta-se também que fora esta doutrina aquela que mais remotamente falava em Bem e em Mal como premissas maiores na fundamentação da existência humana. Zoroastro teria sido uma espécie de profeta que conduziria, pela revelação que tivera aquando do seu contacto com a Divindade, a humanidade à salvação através do combate do Mal pelo Bem, da Mentira pela Verdade. Não menosprezando a postura de líder e a importância desta personagem histórica ou dramática na perdição do Homem, Nietzsche transforma o grande Zoroastro no maior dos mentirosos que algum dia se fez ver. É que tendo sido Zoroastro o primeiro a descobrir a Verdade, diz Nietzsche, seria, também, o primeiro a se cansar dela.

Assim *Zaratustra*, o então Zoroastro, agora com trinta anos, embarca rumo à Montanha visando as profundezas da sua caverna (ou se quisermos, o tutano da sua caveira).

“ Quando Zaratustra tinha trinta anos, deixou a sua casa e o lago da sua casa, e foi para as montanhas. Ali saboreou o seu espírito e a sua solidão, sem se cansar de tal durante dez anos. Mas por fim o seu coração mudou (...)” (Nietzsche, Z)

Passados dez anos, apercebe-se que Deus havia morrido. Fazia-se necessário a anunciação do *Super-Homem*. Não um mero substituto do primeiro, mas aquele que conseguiu matá-lo, aquele que algum dia se superaria a si próprio, passando através de um processo complexo de transformação. Do *Homem Camelo*, que tudo carrega e que a tudo diz sim, passar-se-ia ao *Homem Leão* - a era do não, da contestação dos valores tradicionais. Só depois o *Homem Criança*, corajosamente criaria os seus novos valores. Esta Transmutação não seria uma evolução imposta ao Homem. Pois se assim fosse como explicar a quantidade esmagadora de camelos que proliferam exponencialmente no mundo! A transmutação é um

corolário da vontade. Não de qualquer vontade. Schopenhauer considerava o princípio básico da acção humana como sendo a *Vontade de Viver*. Nietzsche falamos da *Vontade de Poder*. Talvez pudéssemos falar das duas, com uma ligeira *nuance* - A vontade dos que querem o poder sobre si próprios e a vontade daqueles que pretendem poder sobreviver. Nesta altura falamos dos primeiros.

Sobre os primeiros trinta anos de *Zaratustra* dispomos de toda a história de Zoroastro. Mas há um não-dito relativo aos dez anos que *Zaratustra* passa na Montanha. Este não-dito possibilita-nos uma espécie de continente para os conteúdos que nós possamos construir.

O coração de *Zaratustra* muda. Não são apenas os pensamentos que se transformam. É o próprio aparelho pensante, é o pensador que muda. Zoroastro transforma-se em *Zaratustra*.

Então quem é *Zaratustra*? Em que mudou Zoroastro?

Zaratustra conclui que Deus morreu. É, possivelmente, esta a primeira das grandes transformações de *Zaratustra*. Deus morreu. E agora? Agora, eis *Zaratustra* o Só. Mas como é que é possível que Zoroastro, a quem foi revelado o Supremo, o fundador da moral dualista, o grande profeta, negue tudo o que lhe foi revelado e se transforme para uma nova moralidade? Por outras palavras: como se dá a conversão? Como surge a transformação? Como é que dez anos de análise transformam trinta anos de existência? Como se torna efectiva uma Análise Pessoal? Qual o papel do analista?

Bion está com Nietzsche - propõe que se mate Deus (tarefa árdua e dolorosa). O analisando não sabe porém que matando Deus se libertará. Sabe apenas que matando Deus ficará só, tal como *Zaratustra*. Mas ficar só é também aquilo que o analisando mais teme. O analista, porém, aprendeu a matar e tenta fazê-lo dentro de si mesmo. Poderá tornar-se um exemplo para o seu paciente. Esta é a situação procurada. É necessário que analista e analisando assassinem Deus e descubram a Deidade. É necessário desancorar e abandonar o mar morto. Até aí o paciente jazia

na gelada *Conjunção Constante** de um “fantasma originário subjacente ao conteúdo manifesto da ideologia” em que se figurava “um desejo inconsciente de onipotência infantil - onipotência muitas vezes projectada sobre ídolos” (Coimbra de Matos, 1968). O trabalho do analista surge como “possibilidade de transformação de uma Conjunção Não Transitória” (Amaral Dias, 1992a). Ou seja, procurar a passagem de uma ideologia cerrada para o “cunho da maturidade” (Coimbra de Matos, 1968) que são as hipóteses de investigação da mente, as *Conjunções Constantes Transitórias*. Por isso Bion propõe que se abandone a memória e o desejo. Que o faça, não apenas o analista mas, sobretudo, o paciente. Que abandone as memórias persecutórias e esqueça os desejos onipotentes. Que se abandone Deus e o Diabo, cortando as correntes que obstruem a postura liberal “para além do Bem e do Mal”.

Mestre Eckhart, São João da Cruz, Santo Agostinho, Santo Inácio de Loyola, Santa Teresa de Ávila, Sidarta Gautama, para citar apenas alguns, propuseram-se, também, a este desnudamento; abandonaram *vertexs* regionais visando “um discurso imediático sobre a realidade” (Amaral Dias, 1993b), sem Memória.

De que memória é que estamos a falar? Simplesmente daquela memória que cega a efemeridade e que fecha portas para a transformação, para o processo criativo.

Sobre a Memória, Bion, realça o facto de não estar a ser inédito. Reenvia-nos para um trecho retirado de uma carta que Freud escreveu a 25 de Maio de 1916 a Lou Andreas-Salomé. Aqui Freud dizia:

“Não posso perceber muitas coisas que você pode ver porque não as entendo, mas compreendo o seu valor. Isto se deve, em parte, a que, quando estou tratando de um assunto, no momento em que chego a algo que me é muito obscuro, tenho que me cegar artificialmente para permitir que um penetrante raio de obscuridade ilumine o ponto obscuro” (Freud, 1916/1988).

Bion ter-se-ia limitado a decifrar esta mensagem de Freud e operacionalizá-la na técnica analítica. Este cegar-se artificialmente seria um cultivar um estado mental

tão liberto quanto possível das forças inconscientes. Propõe regras técnicas como a seguinte, referindo-se ao analista:

“Memória - Não se recorde de sessões passadas. Quanto maior o impulso de “recordar” o que foi dito ou feito, maior a necessidade de resistir a ele. Este impulso pode apresentar-se como um desejo de recordar algo que aconteceu, porque este acontecimento parece ter precipitado uma crise emocional: a nenhuma crise deve ser permitido quebrar esta regra. Não se deve permitir que os supostos acontecimentos ocupem a mente. De outro modo a evolução da sessão não será observada e a única ocasião em que pode ser observada - enquanto está ocorrendo” (Bion, MD).

A atitude do analista deveria assentar no assumir o paciente em cada sessão como um desconhecido. É o que Bion chama de “disciplinar os pensamentos” (Bion, MD). Parece que essa disciplina consiste em abandonar o reservatório de certezas para que o desconhecido seja cada vez mais um mar de possibilidades. E talvez seja neste sentido que Bion nos propõe abandonarmos, tanto quanto possível, a memória, as certezas. Se quisermos, des-saturar a mente para que haja espaço de contenção. Afastar da mente a massa centrípeta que inviabiliza a expansão.

Mas Bion não propõe só um estado “sem memória”. Diz também que é necessário o analista estar “sem desejo” e mais tarde diz “sem compreensão”. No que se refere ao desejo, diremos o mesmo que dissemos para a memória. Bion considera-os como sendo a representação de um único fenómeno. O desejo seria uma espécie de memória do futuro. E quer a evocação do passado como a do futuro unidireccionam o “agora”. Bion propõe como segunda regra o seguinte:

“Desejos: o psicanalista pode começar por evitar quaisquer desejos de aproximação do final da sessão ou da semana, ou do semestre). Não se deve permitir que desejos de resultados, de “cura” ou mesmo de compreensão proliferem” (Bion, MD).

Já antes Nietzsche na pessoa de *Zarathustra* dizia:

“O desejo - esta palavra por si só significa a minha perdição” (Nietzsche, Z).

Há necessidade de que a Análise decorra num ambiente de *Crepúsculo dos Ídolos*. Não falando no conseguir este estado completamente insaturado, a sua maximização já de si não é tarefa fácil. Para além das recomendações que Bion faz torna-se um útil coadjuvante a Análise e Auto-Análise do analista.

Rezende (1993) a este respeito refere que a abolição total de memória e desejo é uma postura impossível, no entanto o fundamental é que o analista “saiba reconhecer o seu estado de mente e, assim, realizando uma dissociação útil do ego - a qual Bion denominou como “clivagem não patológica do ego” - evite que os desejos impregnem a situação analítica”. E é neste sentido que, também, Ferenczi (cit. por Laplanche e Pontalis, 1967/1990) refere:

“enquanto nem todas as realizações de fins terapêuticos precisam de ser levadas, até à profundidade que temos em vista quando falamos de uma terminação consumada da análise, o próprio analista, do qual depende o destino de tantas outras pessoas, deve conhecer e controlar mesmo as fraquezas mais secretas do seu carácter, e isto é impossível sem uma análise plenamente acabada”.

Freud em *Conselhos ao Médico no Tratamento Psicanalítico* (1912/1988) introduz o conceito de *Atenção Flutuante** que se assemelha ao estado mental que Bion propõe de “Sem Memória, Sem desejo, Sem compreensão”. A *Atenção Flutuante* para Freud (segundo Laplanche e Pontalis, 1967/1990) seria uma suspensão tão completa quanto possível daquilo que geralmente direcciona a atenção, nomeadamente preconceitos, pressupostos teóricos, tendências pessoais. Trata-se da atitude do analista perante o analisando, sem privilégios apriorísticos de partes do discurso do analisando. O analista deve deixar fluir a sua actividade inconsciente (Freud, 1912/1988). Bion (Bion, AI) alerta que ao anotarmos as comunicações do sujeito estamos automaticamente a realizar uma selecção prejudicial e consagramos a ele uma parte da nossa actividade mental”. Inclusivamente para ouvirmos o paciente nem nos devemos preocupar em se retemos ou não as suas palavras. Amaral Dias (1995a) comenta:

"A *psyché* exposta à experiência da descoberta não deve trabalhar para obter conhecimentos, mas antes interrogar-se sobre aqueles. A posição epistemológica ideal do analista está próxima da Tábula-Rasa (o lugar onde não se passou trabalho algum)"

Erick Fromm (1960/s.d.) cita uma conversação entre um mestre e um monge ilustrando o que queremos dizer com "sem memória, sem desejo, sem compreensão).

- Fazeis, alguma vez, um esforço para disciplinar-vos na verdade?
- Sim, faço.
- E como vos exercitais?
- Quando tenho fome, como; quando estou cansado, durmo.
- Isso é o que toda a gente faz; pode-se dizer dos outros que se exercitam da mesma maneira que vós?
- Não.
- Porque não?
- Porque quando comem, não comem, estão pensando em várias outras coisas e, dessa maneira, consentindo em ser perturbados; quando dormem, não dormem, mas sonham com mil e uma coisas. Por isso não são como eu".

Suzuki, Introduction to Zen Buddhism"

(Poderíamos levantar apenas algumas reservas *acerca* do dormir sem sonho!).

Se olharmos para os místicos geralmente, independentemente das conjecturas de cada um, encontramos uma fase de recolhimento em que o objectivo proximal é a purificação da "alma".

São Boaventura postulava que para chegar à contemplação, à perfeição seria necessário prescindir de todas as imagens sensoriais. A liberdade seria total quando inclusivamente as fantasias e os discursos filosóficos fossem purgados. É a chamada morte mística que mediatiza a vida mística, a contemplação.

São Bernard de Clairvaux considerado por alguns o pai da mística cristã refere: "Toda a força sai do silêncio". Dirigia um mosteiro em que não eram consentidas

imagens, pois elas não eram mais do que um obstáculo à interiorização. Seria necessário suspender todas as impressões e estímulos sensitivos.

Hugo de São Victor distingue três tipos de olhos:

- *Oculus carnis*, ou olho da carne, com o qual vemos objectos exteriores.
- *Oculus rationis*, ou olho da razão, com que se captam as coisas espirituais.
- *Oculus contemplationis*, ou olho da contemplação, com que se percebem as coisas divinas.

O olho que mais funciona é o *oculus carnis*. Ter-se-ia que verificar uma cura no sentido do *oculus contemplationis*.

Jan Van Ruysbroeck refere:

“Quando por meio de uma espécie de esvaziamento das coisas terrenas e com a ajuda da sua intuição natural e o recolhimento das potências da sua alma chegam a perceber no fundo a tendência natural da sua alma para a origem, isso não é mais do que a lei geral, que faz com que todo o ser criado tenda à sua origem como ao seu verdadeiro repouso” (J. V. Ruysbroeck citado por Enomyia-Lassale, 1965/1991).

São João da Cruz um dos referenciais de Bion, distingue duas fases no processo de purificação da alma. Uma fase activa (Subida ao Monte Carmelo) e outra passiva (Noite Escura). No início a alma deve despegar-se de tudo.

“Todos os afectos que tem nas criaturas são diante de Deus, puras trevas, das quais, estando a alma vestida não tem capacidade para ser ilustrada e possuída da pura e simples luz de Deus se primeiro não as retira de si” (São João da Cruz, .s.d./1986).

Em *Cogitations*, Bion referindo-se a este estado identifica algumas das consequências de se não cultivar memória e desejo na situação analítica. No analista aumenta a ansiedade devido à ausência de barreiras contra os medos de reconhecer perigos, contra a culpa e isolamento dos pressupostos do grupo. E assim, penso, que somos remetidos para a Capacidade Negativa. Bion cita uma

carta de John Keats, datada de 21 de Dezembro de 1817, aos seus irmãos George e Thomas Keats e serve-se daquilo que Keats designa de *Capacidade Negativa* para indicar um dos requisitos do analista. Keats diz:

“(...) Capacidade Negativa, ou seja, quando um homem é capaz de permanecer em incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer irritação de alcançar factos ou razão”.

O analista precisa de tolerar a frustração, de ter à sua frente um paciente dúvida, um paciente mistério e assim deixar que os pensamentos evoluam no sentido de se encontrarem com o pensador. O pensador aqui é tanto o analista como o paciente. E esse encontro é um encontro em “O” e não apenas em “K”. É uma “evolução O” e não uma compreensão.

As consequências para o analisando são, sobretudo, uma aclaração da mente devido à ineficácia dos sentidos. Só assim é possível a emergência de “O”. E aqui se abre o tema angular do modelo místico de Bion - a questão de “O”.

Para iniciarmos esta reflexão não percamos de vista a *Reminiscência* nem a Recordação sugeridas por Rezende. A *Reminiscência* remete-nos, obviamente, para a *Alegoria da Caverna* de Platão (367 a.C./1983). Nesta passagem Platão faz Sócrates descrever uma situação em que vários homens se encontram desde a infância agrilhoados numa caverna, de costas para a luz e sem poderem inverter a posição. Vêem apenas o que paira à sua frente, ou seja, as sombras que uma fogueira faz reflectir das pessoas que se deslocam atrás de si no exterior. Devido ao eco da caverna também os sons provinham das vozes. Os prisioneiros são libertados e forçados para a saída da caverna onde a luz do sol os deslumbra causando-lhes sofrimento e impossibilidade de distinguirem qualquer objecto. Só progressivamente é que conseguirão primeiro olhar o reflexo dos objectos nas águas, depois os objectos e depois o céu e os astros durante a noite e só depois o próprio Sol.

Platão estabelece dois mundos. Um inteligível e outro sensível.

A nossa análise pode apreender estes mundos como duas instâncias imanentes ao Homem, ou seja, dois mundos dentro do universo do indivíduo, ou então implicar uma dicotomia transcendente em que de um lado temos o mundo do indivíduo e fora dele outro mundo ao qual o indivíduo aspira.

A *Reminiscência* seria, de acordo com a primeira hipótese, um reencontro com o próprio. O eu descobre a sua verdade descobrindo-se a si mesmo. Aquilo que era mas que temia assumir. Se nos posicionarmos ao nível da segunda hipótese a *Reminiscência* seria uma mera memória de uma suposta verdade Absoluta e Transindividual, a memória de um desejo. Por outras palavras, de acordo com a segunda hipótese seguiríamos uma via religiosa em que a Verdade seria uma espécie de revelação a partir de uma dimensão transcendente, tal como aconteceu com Zoroastro. É neste sentido em que se deseja a Verdade Absoluta por via da razão que Nietzsche vai criticar o socratismo encabeçado por Sócrates e por Platão (este último fruto da corrupção do primeiro).

Com a primeira hipótese o Homem seguiria a via mística, como *Zarathustra*, sendo a Reminiscência a sintonia do ser, aquilo que ele sempre foi mas de que estava esquecido. Para exemplificar esta hipótese proponho a Alegoria da Caverna, parte II:

Sócrates: Imagine-se a situação em que um indivíduo se encontra acorrentado à ideia de que ele é o que dele dizem. Assim o que ele próprio diz dele é o reflexo do que todos os outros dele dizem. Para este indivíduo ele é a radiografia, é a imagem do espelho, é bonito ou feio, calvo ou cabeludo, introvertido ou extrovertido, esquizofrénico ou sadomasoquista. A certa altura são-lhe retiradas as correntes dessa ideia, deixando o indivíduo sem as suas memórias, sem os seus desejos, sem compreender sequer a situação. Eis um homem só consigo mesmo. Sem as radiografias, sem os espelhos, sem as tipologias mas com o esqueleto com o corpo e tudo o mais que ele é. Aos poucos vai reconhecendo-se como sendo ele próprio. Se algum dia voltasse a ser acorrentado à ideia rir-se-ia por não se reconhecer como sendo um papel, nem uma imagem nem uma estatística. E tudo isto poderia acontecer com cinco mil milhões de indivíduos e os reencontros serem cinco mil milhões de reencontros diferente.

O que é que nos diz Bion? Diz-nos antes de mais nada que existe uma diferença entre o “conhecer” e o “ser”. “O” diz Bion (Bion, T) é o signo utilizado para representar a “coisa-em-si” no sentido de Kant. Lembremo-nos de que para Kant a “coisa-em-si” ou numeno refere-se a algo que pode ser apenas inteligível, distinguindo-se do fenómeno, ou seja, o dado no espaço e no tempo. O fenómeno pode ser conhecido, compreendido, o numeno pode ser inteligível (no sentido da sua apreensão intuída não sensível).

Entre o Conhecimento e o Ser existe uma espécie de buraco (Bion, T). Mas é um buraco que faz parte da vida. É este buraco que marca a diferença entre “saber sobre psicanálise;” e “ser psicanalisado”. Bion é bastante explícito neste ponto. Acredita que a crença de que a realidade pode ser conhecida é uma falsidade. Vejamos também Eckhart:

“A crença de que a realidade é ou pode ser conhecida é errada porque a realidade em si mesma não é algo para ser conhecido. É impossível conhecer a realidade pela mesma razão que se torna impossível cantar batatas; estas podem ser cultivadas, arrancadas ou comidas, mas não cantadas. A Realidade tem de ser sida” (Mestre Eckhart, s.d./1983).

Resta-nos agora abordar os aspectos que intervêm na passagem do Conhecer (K) ao Ser (O). Melhor dito, classificar o modelo orientador da transmutação de valores, da passagem do Zoroastro ao *Zaratustra*, do Homem ao *Super-Homem*, da teoria à prática. Em traços gerais... como entender o processo transformacional.

8. “O” (Oh!)

No mistério à medida que se reflecte sobre ele mais misterioso ele fica. O mistério vive em pergunta. O místico é o eterno perguntador. É quando o paciente se tornou num eterno perguntador (numa criança) que analista e paciente deixam de se encontrar. Quando já não faz mais sentido permanecer em Análise, pois o paciente incorporou ele próprio um útero. As perguntas não são perguntas-coisas que saem da boca, como acontece no caso do “curioso” (Bion, NSA). São questões que dão à luz.

Nietzsche e Bion, a respeito de O, podemos encontrar uma continuidade conceptual. George Groddeck, vai desenvolver, a partir da ideia de Nietzsche segundo a qual existe no Homem algo de “não pessoal e (...) necessário por natureza no nosso ser”, o conceito de Isso. Freud (1923/1988) em o Eu e o Id aproveita o termo apesar de reformular a significação do mesmo. Bion encarregou-se de não deixar fugir de cena o que Groddeck havia elaborado.

Groddeck parte da utilização da designação “eu”. Questiona-se sobre o que queremos dizer quando afirmamos “eu constipei-me”, “eu adoeci”. Será que sou responsável pela constipação que sinto? Quem ou o que é que sente a constipação? Onde é que ela se encontra? Em mim, no eu ou no Universo?

Groddeck repara que independentemente da legitimidade ou não da palavra “eu”, o que é facto é que através do seu uso a pessoa é libertada da conexão das coisas. Ou seja, se digo “eu” aquilo a que chamo eu é diferente do não-eu. Escreve o seguinte:

“Existe um eu? O sentimento de ser um eu todos têm, mas este sentimento nada prova quanto à veracidade do eu. Se a palavra que contém em si a ideia de isolamento, de individualidade, corresponde ao conceito ligado a esta palavra, dever-se-ia poder encontrar os limites do eu, um começo temporal e espacial” (Groddeck, 1921/1994).

E adianta:

“Mas a expressão “eu” existe, está sendo usada, tem algum sentido e finalidade. Se aquilo em que ela nos obriga a pensar - ou seja, que ao eu se defronta um não-eu separado, que o eu e o todo são coisas diferentes - for um pensamento incorrecto, a palavra deve ter um significado diferente daquele que aceitamos comumente, e que por trás dessa palavra deve-se esconder qualquer coisa que é forte bastante para nos fazer pensar errado, sem que com isso seja prejudicado o curso do mundo; sim, pode-se muito bem supor que esta força misteriosa, este algo este isso, inventou a palavra e o conceito “eu”, persegue e também alcança com isso determinadas finalidades, que ele entontece o homem, que lhe dá uma sensação de eu, sem a qual ele não pode ser homem” (Groddeck, 1921/1994).

Groddeck supõe então um “isso”, um qualquer coisa que estaria por trás das formas pela qual se manifesta. Mas não há que confundir este isso com o isso (Id) ou com o inconsciente de Freud. Segundo Freud o Id seria a parte pulsional da personalidade. O Inconsciente seria uma hipotética instância do aparelho psíquico onde residem afectos e representações recalçadas.

Groddeck é perentório ao afirmar que o isso é uma totalidade da qual o fenómeno do inconsciente faz parte. “O inconsciente é uma parte da psique; a psique é uma parte do isso”.

Penso que começamos a ver emergir afinidades com o “O” de Bion. Tal como o Isso, o “O” não é um funcionamento ou uma estrutura. Para Groddeck “o isso é o próprio homem em todas as suas formas de vida”. “O isso gosta da escuridão e é singular como a própria vida, ele, segundo o dito de Nietzsche, ri quando a pessoa se ocupa dele seriamente, e fica sério quando a pessoa pensa estar brincando com ele”.

Bion não é claro sobre o significado de “O”. Nem poderia. Por definição “O” é incognoscível. Mesmo assim tenta:

“O = oh! (...) O que é uma imagem que é a imagem dum buraco ou de uma boca voraz ou de uma vagina que possibilita uma perfeita liberdade que é um breu perfeito ou cor absoluta ou Vida Eterna ou Morte Eterna ou Perpétua Inércia ou Espaço Absoluto ou

espaço como o espaço mental em que existem objectos tão compactados que são como anões, brancos ou tão dispersos e raros que apenas podem ser alcançados por meios finitos ou espaço tão absoluto que a tua vida mental é por si mesmo, destruída como num corpo anémico, porque está perdida tal como o sangue num corpo cujos capilares são tão vorazes que não há sangue suficiente para ser repartido” (Bion, MF).

Bion concebe “O” como o verdadeiro mistério da Condição Humana. É o princípio do qual parte. Poderíamos considerar que a pontuação de Bion neste princípio é, na realidade, também, uma crença. No entanto se analisarmos a questão de “O” de um *vertex trans* e não *meta*, talvez entendamos a diferença. “O” é *Tao*. O místico não decide ser místico. O místico é místico. É uma constatação não um projecto. Olha para si e vê-se a andar rumo a não sabe o quê. Vê também que parar é negar toda a espontaneidade. Esse não-sei-o-quê subsiste como pergunta. Essa imparabilidade é a Fé. Nesse sentido poderemos dizer que a fé é devir, é acção, é transformação, é *Vontade de Poder Liberal*. A crença é ausência de movimento, é resignação. Se não andamos ou se andamos mas andamos pouco estamos mais seguros, não arriscamos. Se caminhamos podemos cair. Tal como Fernão Capelo Gaivota poderia não resistir à velocidade do seu voo. Mas nem por isso deixou de voar. Se arriscamos estamos mais inseguros, até podemos morrer. No entanto podemos contar mais histórias. A crença é muleta. A fé é corda bamba.

Zaratustra propõe que sejamos autores. Nem actores nem espectadores. Teremos de tirar a máscara que nos esconde de nós mesmos. Deixarmos de ser *personas*, inclusive de sermos humanos (no sentido estático e moral do termo) para sermos nós mesmos, cada e só cada um de nós. “Ninguém me conta novidades, assim conto-me a mim mesmo” (Nietzsche, Z). É o que nos propõe também Bion “Não leiam livros, escrevam livros”.

Há muito para se contar, muito para se escrever. E não há história iguais. Isto é, não há homens iguais, não há verdades iguais. O caminho não existe. O meu caminho existe. “E vós onde está o vosso?” (Nietzsche, Z) pergunta *Zaratustra*. E alerta ainda:

“Agora vou-me embora sozinho, meus amigos... afastai-vos de mim e guardai-vos Zaratustra. (...) Recompensa-se mal um professor se se ficar sempre aluno. (...) Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra (...) Agora vos mando que me percais e vos encontreis a vós próprios” (Nietzsche, Z).

O mesmo nos diz Siddharta: “Se virdes o Buda na rua, matai-o”.

A verdade última que é idiossincrática, não é um pré-conceito. É uma descoberta no domínio do ser.

“Zaratustra... veio para que vós, meus amigos pudésseis crescer livres das velhas palavras que tereis aprendido dos mentirosos e dos insensatos; para que pudésseis crescer livres das palavras “recompensa”, “retribuição”, “punição”, “justa vingança”.(...) Ah! meus amigos! Para o vosso Ser estar na vossa acção como a mãe está no seu filho: deixeis que essa seja a vossa máxima virtude” (Nietzsche, Z).

Em Nietzsche a Verdade é perspectiva. Não existe Deus. Existem Deuses. E assim, mais uma vez temos o Homem sozinho. O Homem que procura ser ele próprio, que procura ser o *Super-Homem* no sentido de se superar a si mesmo. Isto é, no sentido de superar tudo o que ele não é para, assim, poder ser. Falamos de “O”. Não como instância mas como processo - De acordo com “O”, em direcção a “O”. O “em direcção a O” como se disse atrás, é a auto-epistemofilia. É interrogação. O “de acordo com O” é exclamação (no sentido de momento extasiante e onto-sintónico), como propõe Meltzer metaforizando com o bebé que exclama: Oh!

Por isso *Zaratustra* exclama: “Que importa a felicidade, há muito tempo que já não aspiro à felicidade, aspiro à minha obra” isto é, ao advento daquilo que já é a sua Condição.

É um ponto fundamental quer em Nietzsche quer em Bion. “A minha verdade sou eu próprio”. “E eu sou processo”. “Sou devir”. Diz Nietzsche que o Homem é ponte e não fim. Diz Bion que o Homem é *trans*. E é “pela cruel antinomia entre ser e ir sendo” (Amaral Dias, 1993b) entre *meta* e *trans*, que a mente, em vez de estrutura,

é processo, é fractal, é anti-euclidiana é assimétrica. Nietzsche remete-nos ainda para o modelo do *Eterno Retorno*.

9. O ETERNO RETORNO

“Podemos percorrer toda a Terra, mas teremos de voltar a nós mesmos”.

(Krishnamurti, s.d.)

Nietzsche auto proclama-se o pedagogo do *Eterno Retorno*. Este tema vai constituir o cerne da anunciação de *Zaratustra*. A estrutura do *Assim Falou Zaratustra* parece um constante retorno a ideias que surgem e ressurgem; que são introduzidas e desenvolvidas e algumas vezes aparentemente resolvidas. A obra é toda ela uma serpente que vai deixando rastos e sucessivamente trilhando as marcas que deixou. *Zaratustra* é o profeta do *Eterno Retorno*, desde o *Homo tragicus* até ao *Ecce Homo*. É aqui nesse seu retrato biográfico que desvenda algumas ideias camufladas aos olhos do leitor e que nos partilha a vivência experienciada das teorias que nos propõe.

O capítulo do *Ecce Homo* sobre o *Zaratustra* começa com a explicação da pedra angular da obra. Diz: “A concepção básica deste trabalho, a ideia do *Eterno Retorno*, fórmula suprema da afirmação que pode ser alcançada (...) está marcada numa folha de papel com uma inscrição: 6000 além do homem e do tempo” (Nietzsche, EH) A tarefa agora seria procurar em *Zaratustra* a passagem em que Nietzsche explica este conceito, para ele tão fundamental. O problema é que não encontramos nenhuma passagem quer em *Zaratustra* quer noutra de suas obras que dê uma resposta nítida à pergunta. A razão será sempre uma incógnita. Vão surgindo algumas hipóteses. Por exemplo a da dificuldade do próprio Nietzsche em explicar o vivenciado, tal como acontece com Bion a respeito de O. Também não devemos esquecer que Nietzsche é o pedagogo do *Eterno Retorno* e que a resposta mata a pergunta. O pedagogo não dá respostas mas proporciona questões acerca de hipóteses. Fomenta a proliferação das perspectivas, do “politeísmo”.

Teremos de começar por aquilo que nos é mais acessível, apesar desta acessibilidade ser um verdadeiro *puzzle* de peças sem modelo. O que temos à partida é a intermitência de trechos soltos que ora encontramos aqui ora ali. Encontros que às vezes são reencontros com fragmentos que mimetizaram a ideia.

Por outras palavras é necessário da nossa parte algum esforço filológico, tarefa a que Nietzsche se habituara desde sempre.

Apesar do significado que Nietzsche atribui ao *Eterno Retorno* ser nietzscheniano, sabemos que ele sabia que o significante em si já flutuava noutros pensadores anteriores. Mais uma vez nos remetemos a *Ecce Homo* (Nietzsche, EH) em que profere:

“A doutrina do *Eterno Retorno*, ou seja, de um ciclo incondicional num curso circular de todas as coisas e repetidamente sem fim, esta doutrina do Zaratustra poderia possivelmente já ter sido ensinada por Heraclito. Pelo menos a Stoa, que herdou de Heraclito quase todas as suas ideias fundamentais, apresenta traços dela” (Nietzsche, EH).

Não podemos esquecer que Nietzsche leccionou temáticas sobre os Gregos. Classicamente o conceito de *Eterno Retorno* é um conceito segundo o qual existe uma repetição de tudo o que acontece ou que é e que também já foi.

Também as destruições que Nietzsche vai fazendo são uma espécie de Não leonino que deve ser continuado para que se supere o Niilismo*. *Zaratustra* como destruidor da moral do Bem e do Mal deve ser o profeta do *Eterno Retorno*. É esse o seu destino dionisiaco. Mas *Zaratustra* depara-se com um paradoxo:

- Saída do Niilismo através do Teocídio
- Afirmação do Ser pela *Vontade de Poder*
- Eis o *Eterno Retorno*
- Do Niilismo ao Niilismo.

E eis o aforismo 55 da *Vontade de Poder*.

“pensemos este pensamento na sua forma mais terrível: a existência tal como é, sem significado ou objectivo, retornando inevitavelmente sem qualquer final de nada: ‘o eterno retorno’. Esta é a mais extrema forma de niilismo: o nada (o sem sentido), eternamente” (Nietzsche, VP).

Aqui vê Nietzsche retornando ao *Ecce Homo*, “a fórmula suprema da afirmação”.

Entre *O Nascimento da Tragédia* e estas últimas obras parece haver uma tentativa de sair de uma sensação de nada resultante do Não ao Deus único, à sua vocação de pastor, à sua educação protestante, aos desejos de seu pai. Nietzsche esvazia-se do que ele considera Nada, procurando um tudo que parece visualizar através da arte trágica. No entanto o verdadeiro Tudo só se começa a revelar em *Zaratustra* para culminar no reconhecimento de que esse Tudo não é mais do que um Nada.

Nietzsche é uma espécie de pensador que quer pensar algo que ainda não sabe o que é. Ainda é uma sombra que se lhe depara.

Em 1888 no aforismo 1066 da *Vontade de Poder*, explica a sua concepção do mundo. “O mundo existe” diz. Não se trata de qualquer coisa que será ou que vai passando mas é tudo isso. O mundo é o que foi, o que será, sem começo nem fim.

Tenta argumentar com recurso à lógica, e numa perspectiva ortodoxa, a razão de ser desta constatação. Parte do princípio de que o tempo passado é um tempo infinito. Deleuze (1974/s.d.) explica a infinidade do tempo passado como postulado nietzscheniano através do seguinte raciocínio: “o devir não pôde começar a devir, não é algo que deveio”.

Argumenta que sendo o passado infinito tudo o que deveria acontecer teria já acontecido, pois os acontecimentos são uma transformação de unidades finitas admitindo portanto combinações finitas num tempo infinito. O que se passa no presente continua a devir e assim, o devir do finito no infinito temporal é um devir repetido. Do mesmo modo o devir não visa uma meta pois se a tivesse já não devinha posto que já teria havido tempo suficiente para que a meta fosse alcançada. Nietzsche identifica o *Eterno Retorno* como “a mais científica de todas as hipóteses possíveis” (Nietzsche, VP). Esta explicação apesar de tudo não é sólida de um ponto de vista lógico. Poderíamos facilmente refutá-la, tal como o fez Simmel (cit. por Kaufmann, 1974).

Possivelmente nunca chegaremos a entender o *Eterno Retorno* em Nietzsche. Mas podemos continuar a fazer algumas aproximações abandonando a pretensão de vermos o conceito de *Eterno Retorno* justificado cientificamente.

É com recurso à noção de vontade que me parece podermos encontrar algum entendimento do conceito. Passar de um *Eterno Retorno* visto como um constante retornar ao que foi através de um futuro que será mas que já foi, fruto da impossibilidade de sair do passado e futuro infinitos que se tocam formando um ciclo, para um *Eterno Retorno* Psicológico. A este nível Nietzsche parece conceber o *Eterno Retorno* como a experiência do instante. Não se trata da lógica do cronológico mas da vivência do efêmero pela aproximação de si próprio. Deleuze (1974/s.d.) compara o *Eterno Retorno* com o *Imperativo Categórico* de Kant. Recordemos que o Imperativo Categórico era representado pela máxima:

“Procede de tal modo que a máxima da tua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio legislador universal” (Kant, 1788/1989).

Kaufmann (1974) considera que a analogia é falsa na medida em que Kant se baseia na auto-contradição de certas premissas da vontade do sujeito que levam à impossibilidade de se tornarem numa máxima universal. O *Eterno Retorno* seria um agir de acordo com a vontade idiossincrática de que tal ação retorne eternamente. Para Nietzsche o que importava era a *Vontade de Poder*. Em Kant era a Vontade subordinada à Lógica.

Por vezes recorremos à etimologia da palavra para sabermos em última instância o que ela significa. Esquecemos, porém, que surgem ritualizações ou ressignificações perdendo, as palavras, por vezes, o seu significado primitivo. Em Nietzsche penso não ser abusivo procurar significações radicais no Grego, pois como sabemos, Nietzsche para além de se alicerçar ao longo da sua obra na cultura grega e de conhecer o grego, era filólogo. Fazendo esta investigação relativamente à palavra “Eterno” ou “Eternidade” constatamos que o correspondente grego é *Aion*. F.E.Peters (1974/1983) sustenta que no seu uso mais antigo *Aion* queria significar

“Período de Vida”. Queria Nietzsche falar do mesmo? No aforismo 1057 da *Vontade de Poder*, Nietzsche refere-se ao *Eterno Retorno* como “Período de Grande Perigo”. Não olvidemos que *Zaratustra*, matando Deus, abre portas ao Politeísmo, ao Perspectivismo. A moral deixa de existir para dar lugar às várias morais. Cabe a cada homem a criação da sua moral, da sua superação através da transmutação de todos os valores que alienam para os princípios que afirmam. É necessário que se afirmem os “instintos” mais profundos (no sentido descritivo) e se reconheça a *Vontade de Poder*, de superação. Este processo é individual, não universal. Dá-se no *Aion* de cada indivíduo, no período idiossincrático de vida. É aqui que se pode dar o Retorno.

O Retorno não no sentido de repetição de acontecimentos mas no sentido do reencontro da perspectiva com a verdade. Ou seja, a transformação de cada homem traduz-se no passar a procurar o sentido no local onde se perdeu. O único local e momento de perdição é o Homem no seu *Aion* ou no seu período de existência. *Zaratustra* saiu à procura daquele que, reconheceu, apenas poderia revelar-se a partir de si próprio.

É por isso que o *Eterno Retorno* é corolário do Super Homem. Este é o Homem que supera a mentira, isto é, que supera o Homem Algemado que ele estava sendo. A grande diferença entre Platão e Nietzsche poderia ser o “local” de investigação. O primeiro idealiza uma instância transcendente da qual a terra é uma sombra. Nietzsche alerta para o imanente, para que através do espelho se consiga ir além da máscara. Se em Kant se tem de encontrar uma *persona* que sirva a todos, em Nietzsche cada um descobre o que a sua *persona* oculta.

Assim o *Eterno Retorno* seria o reconhecer a vida como o momento de reencontro do sujeito consigo. A sua afirmação total. Nietzsche anuncia o *Eterno Retorno* como um “Período Perigoso”.

Reanalise o paradoxo:

O Homem que procura fora de si, um homem alienado é um niilista, pois orienta-se pelo que não é, pelo idealizado. Trata-se de uma postura negativa em relação a si. Mas pode iniciar-se a transformação para a reorientação no sentido de si mesmo, no sentido do *Eterno Retorno*, “a forma mais extrema do niilismo”. Saímos do Niilismo para o Niilismo? Sim mas mudamos a nossa vontade.

“Assim a crença, absoluta imoralidade da natureza, na falta de objectivo e de sentido, é o resultado psicológico necessário, uma vez que a fé em Deus e numa moral essencial se torna insustentável. O niilismo aparece nesse ponto, não pelo descontentamento com a existência ser maior que antes mas porque se tornou desconfiado em qualquer “significado” do sofrimento, inclusivamente na existência, como se tudo existisse em vão” (Nietzsche, VP)

9.1. E ENTÃO? I

Dirão alguns que se fala de relativismo levado às últimas consequências. E então? Se a verdade última forem cinco biliões de verdades últimas todas diferentes entre si? Alguém poderá responder? Mas atenção! Não é de relativismo que se fala. O relativismo é uma relação parasitária entre a Relatividade e o Simplismo. Fala-se de Relatividade, Solipsismo e do Idiossincrático. A um nível macrossistémico, onde situamos o social, aí sim podemos falar de Relativismo Absoluto, o qual, mesmo assim não implica a anarquia. Existem ideias que se impõem mais do que outras, não obrigatoriamente por terem mais intersecções com outras ideias, mas porque na prática e por estarem associadas a um poder condicionam os indivíduos. Imaginemos que se encontra efectividade na bruxaria. A seguir propõe-se leccionar numa faculdade a cadeira de “Introdução à Bruxaria”. Mesmo que as grandes respostas estivessem naquele modelo, qualquer candidato à cadeira de Psicanálise ou de Behaviourismo teria vantagem sobre o proponente “bruxo”, pois quem decide tem poder para não aceitar simplesmente por não gostar da ideia ou por temer ser desacreditado pela convenção ortodoxa.

Tudo o que acabamos de dizer equivale a dizer que a Condição Humana é um falso objecto. Não existe Condição Humana e sim Condições Humanas. “Não se pode definir o Ser Humano. Um Homem como deve ser não é um Homem” (Amaral Dias, 1992a). É a constatação da polissemia do ser ou, se quisermos, do politeísmo. O Homem é demasiado Humano (Nietzsche, HH).

Onde devemos situar o Homem? Ou melhor, onde é que se situa um homem? Há quem não o considere mais do que um aglomerado de células que por sua vez não são mais do que um conjunto de organitos os quais não passam de moléculas e de átomos. Noutra extremo situam-se os defensores do Homem como unidade com propósito e com sentido próprio. Será o Homem uma continuidade ou uma entidade discreta? Groddeck (1921/1994) questionou-se acerca de se uma fonte luminosa ao ser incorporada num “eu” passaria a formar parte desse “eu”. Poderíamos continuar a perguntar se o ar que nos entra para os pulmões forma parte de nós. Para a Psicologia o que interessa é o sentimento de ortogonalidade face ao Universo. A

Biologia quer ao nível molecular quer ao nível de populações não ficou atónita perante esta temática. Continuamos hoje em dia a interrogarmo-nos sobre a possibilidade de uma unidade biológica alicerçada na espécie, na população, no indivíduo e inclusivamente no gene. A espécie que à partida parece ser uma evidência não é mais do que uma categorização, obviamente antropomórfica, baseada na capacidade de reprodução dos descendentes. Os conhecimentos acerca dos insectos sociais complicaram a crença na unidade individual. A Psicologia não deve ser impermeável à Biologia, aliás, podemos defender uma incorporação da Psicologia na Biologia (entendendo-se Biologia como o estudo da vida e das vidas). A Psicologia como facção do Biológico situa-se num nível de análise diferente de outras fracções como por exemplo a Etológica. Por outras palavras, existe necessidade de definirmos uma unidade de análise para a Psicologia se não quisermos (porque é impossível) sermos especialistas de tudo. Quem estuda o Homem ou quem procura a todo o custo uma condição para o Homem pode ter uma postura metapsicológica apoiada na Biologia de Populações, na Antropologia, na Sociologia, na Física Molecular ou na Psicologia Social. Ninguém questiona a pertinência destes campos. Com Bertalanffy (1950) adquirimos óculos mais graduados face à nossa miopia que esquecia a interacção sistémica. A questão é que existe uma série de acontecimentos aquém do metapsicológico e aquém de uma potencial Verdade Absoluta. Eu posso sentir e pensar ser aquilo que, nessa hipotética Verdade Absoluta, não sou. Ou a minha existência como aglomerado de partículas subatómicas ou como fruto de uma evolução concorrente nada ter a ver com as atribuições causais que orientam a minha conduta. É essa a área que interessa à facção da Psicologia. Ou seja, não se questiona a pertinência da Interacção, no entanto defende-se a ideia de que o mais íntimo se situa no idiosincrático.

Quando falamos em Psicologia na questão do “Ser” optamos por uma categorização individual. Bion ao falar na questão de “O”, isto é, do “Ser”, referia-se ao “Ser Individual” e não ao metapsicológico, caso contrário não falaria em “sem memória e sem desejo”. Uma condição transindividual do humano implica uma memória de um desejo, isto é, uma crença pré-conceptual saturada. A postura de Bion, “sem memória, sem desejo, sem compreensão” implica a *visão binocular* ou

caleidoscópica (Amaral Dias, 1993), sobretudo a do analista. Implica a descapitalização da Psicanálise, uma anti-edipianização (Deleuze, s.d/1972) da ortodoxia. O *complexo de Édipo*, possivelmente, só se verifica, ou melhor, só é importante explorar nos éditos. Tal como o *Complexo do Pai Porco* (de algumas escolas da Análise Transaccional) ou o *Complexo da Lagosta* (que há pouco ouvi) só serão importantes nos leitões e nos artrópodes! É por constatar esta miríade conjectural que Nietzsche propõe que cada um seja psicólogo de si próprio. “cura-te a ti mesmo”. Em última análise isto pode equivaler a assumir o Psicanalista como “ente em vias de extinção”. Penso que não. O Psicanalista de Édipos sim, pois talvez haja poucos Édipos, não sei. O Psicanalista que aqui se propõe é o “Psicanalista curador da tara da cura” do qual se falará mais à frente.

9.2. E ENTÃO? II

Podemos imaginar que tudo o que se disse possa ser diferente. Embarcar na procura de "O" pode, supostamente, ser uma viagem sem fim e um problema sem saída, ou que encarar a saída como sendo *Tao* apenas seja um refúgio que nos contenta face ao desespero de ser impossível transmutarmos os valores que um dia abandonamos.

Suponhamos que sem esforço algum pudéssemos escolher o Caminho que nos levasse àquilo que pretendíamos. E imaginemos que o pretendido era alcançar a Realidade e o sentido da própria vida.

Qual o sentido da minha vida?

Face a esta questão há aqueles que procuram o sentido, os que já sabem responder a esta questão e os que simplesmente vivem.

Imaginemos que resolvemos procurar o sentido da vida. Podemos optar:

- 1 - Procurar esse sentido através de uma doutrina que tenha respostas e
- 2 - Renunciar à doutrinação e procurarmo-nos a nós próprios.

À primeira vista parece que se trata de duas vias diferentes. E em certa medida o são. No primeiro caso vão-nos sendo dadas respostas às nossas perguntas. E nós, nesse caso, temos já uma propensão em acreditarmos nas respostas, mesmo quando as colocamos em causa, pois, caso contrário, não faríamos as perguntas. Poderíamos representar esta situação como uma mente insaturada que procura a saturação.

$$\psi(\xi) \rightarrow \psi(\psi\xi)$$

Quando o que se pretende é encontrar respostas para as perguntas, nessa altura já não faz falta perguntar.

No segundo caso teremos uma espécie de mente insaturada que visa não a saturação mas sim o crescimento mental. Podemos considerar que quanto mais a mente está crescida mais liberta se sentirá a pessoa, mais aberta estará ao mundo, menos negações fará do mundo e, assim, mais feliz será (apesar do potencial sofrimento).

No entanto se nos descentrarmos mais destes dois casos talvez consigamos notar que possivelmente só os conteúdos mudaram, as metodologias mantiveram-se.

No primeiro caso seguimos o princípio seguinte:

A - Procuremos respostas em quem as tenha.

No segundo:

B - Procuremos crescer tentando descobrir o que em nós há para descobrir.

Se estivermos completamente para além da moral teremos de admitir que quer A como B têm o mesmo valor. Mas valor em função a quê? Para além disso até podemos considerar que a conduta do que procura descobrir em quem encontrou, seja mais inteligente. O raciocínio poderia ser o seguinte: É mais difícil encontrar sozinho a resposta do que perguntar.

E o que justifica estarmos para além da moral?

Kant tentou resolver este caminho sem saída procurando os *a priori*. Mas os *a priori* são como tal por serem independentes da experiência, diria Kant. Mas se o fossem no absoluto também seriam independentes do pensamento, o que dificulta cada vez mais a questão.

Tudo o que fazemos são teorias e modelos sobre a realidade. Mas o valor lógico desta proposição implica que se considere que “existem coisas que fazemos que não são teorias nem modelos” (mas a realidade) pois a primeira proposição não passa de uma teoria.

Eis aqui um diálogo imaginado por Jorge Roque (1992) retratando o que se quer dizer:

(...) ou bem que há um ponto de vista Absoluto ou bem que o não há - mas então esse, é afinal o ponto de vista Absoluto...

Quer dizer: haja, ou não haja, um ponto de vista Absoluto, há um ponto de vista Absoluto...

Voltemos ao princípio: imagine-se alguém a dizer:

- Não há qualquer coisa como uma *perspectiva Privilegiada*.

A pergunta que parece óbvio seguir-se é:

- Mas não é essa já uma *perspectiva Privilegiada*? A *perspectiva Privilegiada*? a saber, aquela segundo a qual, “não há qualquer coisa como uma *perspectiva Privilegiada*”...

À qual poderia responder-se simplesmente:

- Não! nem essa nem nenhuma.

Mas não se poderia evitar a pergunta seguinte:

Mas não é essa negação, afinal uma *perspectiva Privilegiada*? A *perspectiva Privilegiada*? a saber, aquela segundo a qual, “não há qualquer coisa como uma *perspectiva Privilegiada*, nem aquela que sustenta, “não haver qualquer coisa como uma *perspectiva Privilegiada*”...

- Entre parêntesis: eis um admirável exemplo, do tipo de discussão propriamente filosófica aquela que se conclui no infinito...”

E o próprio valor da lógica pode ser questionado. Imaginemos que existe um Deus onisciente e que portanto tudo sabe sobre mim. E que resolvo todos os meus problemas recorrendo ao que é lógico. No entanto as conclusões não coincidem com o saber desse Deus. Resolvi a lógica mas não o que na realidade queria resolver.

Ou então a famosa questão: Se Deus é onipotente poderá tudo. Mas poderá fazer uma pedra tão grande que não possa com ela? Aqui oscila a lógica. Mas não a resposta. A premissa maior domina. A resposta será Sim. Mas e se continuarmos a

questionar? Poderá Deus não poder com a pedra? Claro, Deus onnipotente tudo pode, inclusive pode não poder. Ou mais ainda, supondo uma existência onnipotente, poderá ela não existir? Claro. Sendo essa entidade onnipotente poderá existir e não existir simultaneamente. Dá-se um impasse na lógica da questão.

Existe uma possibilidade de resolução do problema. Podemos, seguindo o nosso jogo da imaginação, supor um indivíduo iluminado pela Entidade Divina, por Deus, pela Sabedoria. A questão agora é saber como é que um não-iluminado pode descobrir a Realidade Última por intermédio do iluminado. Cabe, antes do mais, considerar o seguinte:

- Como sei que ele é um Iluminado?
- Como sabe o suposto Iluminado que é um verdadeiro Iluminado?

Só poderei responder a estas questões se eu próprio for também um Iluminado.

10. O TERAPEUTA COMO CURADOR DA TARA DA CURA

Paradoxalmente (...) a doença mental, psicológica, constitui uma espécie de cura

da incurabilidade, é uma tentativa de afirmação de permanência, aonde só há

uma possibilidade, que é a possibilidade do Homem se transformar a todo o momento”

(Amaral Dias, 1994)

“Esta radical condição de solidão do Homem, esta sua incurabilidade leva-o a ser

um sujeito transformador”

(Amaral Dias, 1994)

Vimos a dificuldade em perspectivar O e o *Eterno Retorno*. Bion terá dito um dia que o Homem não é inapto para O, mas os instrumentos de que dispõe, L, K e H apenas lhe permitem transformar (mas não conhecer). Bion e Amaral Dias (1993a) partilham a ideia de que o método científico começa em *Ur*, pois ali existiu “alguém que não” teve “medo de se confrontar com o que assusta o mais profundo do humano” (Amaral Dias, 1993a). O conceito de cura também levanta grandes dificuldades, e bem fundamentá-lo talvez seja, no momento, impossível, a menos que encontremos uma noção bem fundamentada para o Homem na sua aceção sincrónica holística e transconjectural. Por isso, e como não é o transconjectural (somente o holístico idiosincrático) o fulcro deste trabalho e sim identificar alguns potenciais invariantes continentais de muitas possibilidades conjecturais, facto que podemos designar de transindividual, teremos de abandonar aquela pretensão.

As tentativas unificadoras encabeçadas por integracionistas e ecléticos fundamentalmente norte-americanos, derrapam imediatamente pela discrepância abismal entre as várias noções de cura que as várias escolas de psicoterapia

sustentam. Para além disso as divergências também são notórias dentro das próprias escolas. Poderíamos recorrer ao conceito de adaptação como sinonímia da cura ou da normalidade. Mas aí também se fecham as argolas da corrente. Por trás de análises naturalistas que defendem uma Natureza à qual os entes se devem submeter (diferente do *Espírito Dionisíaco* ou da Natureza de que fala Nietzsche) esconde-se uma teleologia do passado e uma dogmatização do futuro. A Natureza é diversidade, é tudo. Uma bomba atómica é um produto natural. É construída por um ser natural com elementos naturais. Natureza, em última instância, é uma noção obsoleta ou então sinónimo de “tudo”. A Natureza é o que ela foi e o que será, o qual pode nada ter a ver com aquilo que foi.

É mais simples, suponho, construir uma noção sociológica de cura baseada no poder exercido pelos dominantes, do que uma noção transconjectural. Um Xamã no Senegal poderá ser um louco em Portugal. A Etnopsiquiatria de Devereux (1970) ou de Laplantine (s.d./1978) é outro dos movimentos que procuram invariantes transconjecturais, neste caso transculturais. Mas em última instância somente se poderá chegar a acordos sociológicos.

As classificações nosológicas psiquiátricas, psicológicas, psicossomáticas ou psicanalíticas podem ser úteis enquanto categorizações descritivas que sirvam de bússola no encontro terapêutico, mas podem ser prejudiciais se mimetizam uma moral do Normal e do Patológico (do Bem e do Mal). Muitas vezes por trás do caminhar para o Normal pode esconder-se um certo ascetismo, uma procura do Bem.

O caso de *Dom Quixote de la Mancha* é paradigmático. Após grandes aventuras combatendo “gigantes” e procurando Dulcinea, é “forçado”, já na sua aldeia, a ser o antigo Alfonso Quijano. Salvador de Madariaga (1961) descreve a cena da seguinte forma: (Don Quixote morreu), “tendo ganho a razão e perdido as razões para viver”.

Dom Quixote salvo da loucura, morto pela “normalidade”. Algum tipo de fármaco-psiquiatria, que, imagino, tem vindo a desaparecer, na ânsia de acabar com o delírio, injecta neurolépticos. O resultado é que o paciente, então sem as suas

fábulas, fica despido sem armas para combater a sua dor mental. Ou seja, o paciente que já não transformava o seu sofrimento em direcção a O, fica impossibilitado de, inclusivamente, negá-lo, sucumbindo à obrigatória imobilidade no sofrimento. Em vez de agir no sofrimento, vegeta na dor.

Em certo sentido podemos admitir que tais curadores, afins aos Toxicoterapeutas (ilustrados por Amaral Dias, 1995b), tocam-se com as suas vítimas (os que alucinam). O paciente através do seu vómito alucinatório visa a “cura”. O paciente sente-se doente da realidade, que é insuportável. Assim “cura-se” através da formação de uma realidade alucinada. É uma pseudo-cura da realidade com uma pseudo-realidade que não cura (ele é incurável mas não sabe). Em “Palcos do Imaginário” (1993a) Amaral Dias no seguimento de Freud, Lacan e Bion defende um Terapeuta que apoie a tolerância à incurabilidade. E mais tarde em *Caos & Meta-Psicologia* refere:

A afirmação de Buda de que o Homem é radicalmente incurável faz para mim muito sentido (...) O Homem é um ser radicalmente só e esta condição obriga-o a pensar em duas questões: na sua imperfeição e incompletude e, em consequência, na relação destes aspectos com a sua condição humana” (Amaral Dias, 1994).

Não existe consenso sobre a cura. Mas é um facto também que qualquer sistema de investigação da mente humana deve ter referenciais relativos ao início, desenvolvimento e termo dessa mesma investigação. Sugiro que no lugar de cura se fale em “termo da terapia” pois assim possivelmente se distancie mais o desenvolvimento da terapia da idealidade do Homem Perfeito ou do Homem Adaptado ou do Homem Bom.

Quando acaba uma Análise? Acaba quando o paciente sente que está a começar algo que não sabe bem o quê é mas que sente que só o poderá fazer sozinho. Há uma passagem da minha vida em que um amigo me conta como deixou a sua ilha e veio viver para o continente. Com dezoito anos disse aos pais:

“Pais, já me sinto capaz de viver sozinho. Vou fazê-lo no continente. Procurarei emprego. Dar-vos-ei notícias”.

E assim, com o consentimento dos pais, apesar de algumas dúvidas, o meu amigo, que por sinal era invisual, sozinho, apanhou o avião.

O termo da análise é mais ou menos como o termo da permanência do meu amigo na casa de seus pais. Não quer dizer que se não volte.

Bion propõe, na mesma linha, que mais do que cura se procure (paciente com analista):

K ->O

A diferença entre a Psicanálise de Bion e outras Psicanálises é que K e O são incógnitas que podem assumir vários valores conjecturais. Isto é, o que se procura não é converter o homossexual em heterossexual ou em transsexual, o que sofre no que tem prazer, o que se mata no que quer viver, o que chora no que ri, o que faz mal as contas no que as faz bem. O que se procura é que o paciente consiga uma atitude de investigação (K) face à sua realidade (O). O resultado podem ser as passagens que referimos em ambos os sentidos ou em sentidos inimaginados.

Nietzsche ao sugerir que cada um se deve curar a si próprio implica que as verdades não são mescláveis. Ninguém traz a verdade a ninguém, posto que se assim fosse teríamos de admitir uma verdade transcendente e autónoma ao indivíduo. Mesmo que os conteúdos apelem ao transcendente a verdade é imanente.

O analista é uma espécie de catalisador que não altera o O do paciente. Por outro lado favorece enzimaticamente o *Eterno Retorno* do paciente.

Bion propõe Transformações em O e Transformações K. Como o próprio Bion pontua existe uma invariância em certos conteúdos de Platão, Kant, Freud e Klein e Berkeley no sentido da separação entre o que é e o que aparenta ser. Entre O e a

sua Transformação existe uma inacessibilidade. Apenas é possível estabelecer um vínculo K com as transformações de O.

Distingue as Transformações em O das K. Em ambas se verifica um crescimento. No entanto as transformações em "O" visam o crescimento do "becoming" e as Transformações K visam o crescimento do "conhecer acerca de".

A tarefa do analista será possibilitar que os seus pacientes façam a passagem de K para O. Isto é, $K \rightarrow O$

As interpretações efectuadas pelo analista são Transformações K, mas devem possibilitar ao analisando a passagem para O, isto é, do "conhecer sobre" para o "Ser".

"Se estiverem certos de que os fenómenos são conhecidos mas que a realidade deve "ser sida" então as interpretações devem visar mais do que incremento de conhecimento" (Bion, T).

Por vezes surge resistência a determinadas interpretações. Segundo Bion muitas destas resistências relacionam-se com o medo de se estar na iminência de tocar o real, ou seja, quando a interpretação tende para o "em direcção a O".

As interpretações mais do que possibilitarem um conhecimento devem contribuir para a expansão da mente, para o crescimento mental. Assim o paciente deve estar numa atitude de abertura, insaturada $\psi(\xi)$. A interpretação deve possibilitar uma saturação que insatura mais o sistema

$$\psi(\psi)(\xi)$$

Se quisermos, o processo transformacional ($T\alpha$) deve possibilitar um $T\beta$ que origine um novo $T\alpha$ e este um novo $T\beta$; e assim sucessivamente (até à morte).

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRE A PRAIA E O HORIZONTE

Aonde nos levou a viagem proposta no início? Numa amálgama conceptual que espera pensadores, pretendeu dar-se forma a ideias que pudessem vir a alargar o caudal de futuras formulações.

Nietzsche e Bion, na ânsia de descobrirem o *arché* do Ser esbarraram com a impossibilidade de irem mais além do que podiam ir. A princípio aspiramos à Humanidade mas a meio deparamo-nos com o perspectivismo e com a dúvida de se essa Humanidade de que todos falamos terá razão de ser. Alguma razão terá, por quanto a falamos, o que não invalida que mais não seja que o bastão que nos ampara da terrível possibilidade de nos encontrarmos como errantes cavaleiros solitários à procura vamos lá saber de quê. Há uma insistência em encontrar a cura. Não a da ferida nem a do sintoma mas a cura do Homem. Quem sabe se as coisas não seriam mais simples caso a Psicologia ou a Psicanálise tivesse em seu poder a *Pedra Filosofal* da "Normalidade" ou se a adesão ao hedonismo não evitasse o sofrimento!

Pensamos de forma diferente uns dos outros, gerimos o caos de forma diferente uns dos outros. Possivelmente não terá mais nem menos valor um "homem que faz" relativamente a "outro que não faz". Ninguém é obrigado a transformar para atingir a sua condição de Ser. O Ser e o Homem com letra maiúscula transfiguram-se e reavaliam-se à medida que caminhamos de doutrina em doutrina, de filosofia em filosofia, de religião em religião. Não se tem conseguido consumir o desejo que é encontrar o senso comum.

A ideia que parece mais emergir neste trabalho é a de que a justificação de cada homem apenas pode ser justificada pelo próprio. Esta ideia é aliada à *Vontade de Poder* que, podendo assumir várias formas, assume uma máxima justificação idiossincrática enquanto sinónima de *Vontade de Libertação* e de *Vontade de K -> O*.

Quer Nietzsche quer Bion julgam poder melhor resolver a questão atribuindo à Arte um estatuto diferente e hegemônico em relação a outros *vertex*. Aos poucos essa pretensão transforma-se. Bion encontra a solução em K -> O, isto é, em viver-se constantemente rumo aquilo que se é, na certeza de que com os meios disponíveis K, L e H nunca se saberá o que na realidade se é. A versão nietzscheniana consiste num retornar eternamente ao que se é. A base, quer para K -> O quer para o *Eterno Retorno*, é a afirmação da totalidade da existência, desde o prazer ao sofrimento, do amor à indiferença, da paixão ao ódio, desde o que se é e se não imagina ao inimaginável do que se é. A resposta não se encontra pois a vida é um problema. É uma regata em que se rema entre a praia e o horizonte. Está-se sempre à mesma distância do horizonte mas é possível afastarmo-nos da praia. Há quem não queira deixar a proximidade da areia, quem não arrisque ou outros para quem, pela "imparabilidade" que os inunda, é impossível a não aventura em alto mar.

Uma questão que este trabalho não resolve nem sequer dá forma é a de se a resposta, em vez de matar a pergunta, pode engrandecê-la ou então, se a sua morte pode resolver a questão da ansiada condição.

Corolário deste estudo pode ser a assunção do primado da Auto-Análise face à Psicanálise, e a razão e sucesso desta última, a possibilidade de desencadear a primeira. Congregando Nietzsche e Bion poderíamos conceber a Análise como realização trágica do doloroso distanciamento do "paciente que se é" em relação ao "paciente que tem de ser". Por outras palavras, o distanciamento da Humanidade e de Deus para que flua o Ser na sua totalidade idiossincrática.

II PARTE

1. ALGUNS CONCEITOS DE NIETZSCHE E DE BION

Ao longo deste trabalho surgiram termos que nas acepções nietzsche e bioniana têm uma conotação própria. Não querendo, obviamente, conseguir um glossário, tenta-se aqui aludir a essa terminologia dando-se, tanto quanto possível, a significação que os dois autores propõem.

1.1. NIETZSCHE:

AFIRMAÇÃO

É a atitude do Sim àquilo que se é; é também a manifestação da *Vontade de Poder*. Por vezes para afirmar é necessário dizer Não à mentira, ou seja, às verdades absolutas e unas.

ASCETISMO

Ver Ideal Ascético

BELO

Constitui uma projecção do homem. "O 'belo em si' não é um conceito, apenas uma frase, nem sequer é uma ideia. No belo o homem coloca-se como medida de perfeição; em casos determinados serve para ele se adorar a si mesmo" (Nietzsche, CI).

BEM E MAL

Nietzsche (Nietzsche, GM) assinala uma confusão existente entre categoria e essência. Em primeiro lugar há que analisar a moral, a qual deve remontar à relação entre dominadores e dominados, isto é, entre os detentores do poder e os subjugados. Os detentores do poder assemelham-se por ocuparem um *status* elevado e dominarem os seus subordinados. Todos os que assim são são caracterizados de bons. Os outros são os maus, isto é, os que não se assemelham. Afirmando o seu poder afirmam também a sua felicidade. Os subordinados, os escravos, não detêm o poder embora aspirem ao mesmo. Existe neles um grande

ressentimento em relação aos senhores. Para os escravos, os então maus para os senhores, são os bons. Os senhores tornam-se os maus. Ao contrário dos senhores, os escravos não podem afirmar o poder, pois não o possuem. Resta-lhes reagir à imposição dos senhores. A felicidade será para os servos a sensação de se estar no caminho acessível à possibilidade de exercer o poder. O Bem e o Mal não são essenciais ao homem mas aquilo que lhes permite destringir O poder pode ser perspectivado de várias formas entre as quais o poder externo e interno. É por aí que se distingue o poder do Guerreiro e o do Sacerdote. O primeiro domina a partir do externo; o segundo, não possuindo a bravura do primeiro, domina pelo interno, pelo espírito. Para poder vencer o guerreiro, o sacerdote une-se ao escravo reformulando os valores. Os bons passam a ser os fracos, os rejeitados, os enfermos. O sacerdote apoiado pela sede de vingança, pelo prazer de ver sofrer quem fez sofrer, pela esmagadora parte ressentida, chega a impor o seu poder. Este seria o paradigma orientador da história e que deu origem à queda do império romano rasteirado pela hegemonia judaico-cristã.

BURRO

Sinónimo de Camelo. Ver Camelo.

CAMELO

Representa o símbolo do espírito pesado, que carrega tudo o que lhe é imposto. Muito embora o Camelo diga a todos Sim, ele é o antípoda da Afirmação. Tratam-se de Sins que significam “Como você disser eu faço”. O Camelo constitui o primeiro momento das três metamorfoses propostas em *Zaratustra*. As restantes serão a Leão e a Criança. Ver *Zaratustra*

CRIANÇA

Significa a última metamorfose e precede a fase Leão. Nietzsche considera esta fase como um novo começo resultante da inocência e do esquecimento dos antigos valores. O homem “tendo perdido o mundo” está agora em posição de conquistar “o seu próprio mundo” (Nietzsche, Z) Ver *Zaratustra*.

CRISTIANISMO

Apesar de tudo pode haver uma parte positiva na “fé em Deus”, isto quando um povo acredita em si próprio, quando se afirma projectando o seu poder numa entidade transcendente que por vezes é amiga outras inimiga. Mas o Deus do cristianismo é um Deus castrador, que retira a força do povo e do indivíduo. O cristianismo converte o Deus num Deus Bom. Claro está que aqui Bom significa o Deus que recompensa o doente, o Deus “dos que se encontram em retrocesso fisiológico, (...) Deus dos fracos. Estes não se chamam a si próprios fracos; dizem ser bons” (Nietzsche, AC).

Compara o Budismo com o cristianismo. Ambos são niilistas, decadentes. No entanto “o Budismo é cem vezes mais realista que o Cristianismo”. O Budismo, por exemplo, não nega o sofrimento, “diz simplesmente ‘eu soffro’; não fomenta a oração, não impõe um Imperativo Categórico. A sua metodologia consiste na higiene, no sentido de purgar o anti-natural. Nesse sentido o Budismo aparece fora de tempo, “para homens tardios” (Nietzsche, AC).

Aborda o problema da origem do Cristianismo. Este não surge apenas como reacção ao judaísmo. É produto deste. O povo judeu, face à dicotomia entre ser e não-ser, preferiu “ser por qualquer preço: esse preço era a falsificação radical de toda a natureza, de toda a realidade, tanto do mundo interior como do exterior”(Nietzsche, AC) Mesmo assim Nietzsche considera que de um ponto de vista psicológico o povo judeu foi sábio aquando da sua debilitação. Não sendo decadentes representam o papel dos decadentes, tirando “o partido de todos os instintos de decadência”. Assim a decadência aparece como método de redefinição dos valores, redefinição essa que possibilita o poder e impossibilita a *Vontade de Poder*.

O Cristianismo redefine os valores. Assim o que era mais elevado, a *Vontade de Poder*, torna-se um pecado, uma tentação. A partir do cristianismo vigora a piedade e o nada, isto é, aquilo que palavras como “Além”, “Deus”, “Nirvana”, “Redenção”, “Bem-Aventurança”, querem fazer significar. Nietzsche declara mais uma vez guerra

ao sangue teológico. Com o cristianismo começa a decadência. A Verdade passa a ser a Mentira, a Mentira passa a ser a Verdade. No fundo o que o cristianismo procura é o poder. Mas não o poder sobre si próprio. Procura dominar tudo e todos no sentido de evitar a *Vontade de Poder*. “O cristianismo procura dominar homens ferozes; o meio de o conseguir é torná-los doentes - o enfraquecimento é a receita cristã para a domesticação, para a civilização”(Nietzsche, AC).

A guerra contra o cristianismo transporta consigo os afins deste. São eles o Protestantismo e a sua herdeira filosofia alemã, em que Kant se evidencia. O Protestantismo reavaliou o cristianismo quando este estava em crise. Critica Kant, objectando fundamentalmente a sua moral. Kant é uma espécie de pastor moralista que institui uma moral contra natura.

DECADÊNCIA

A Decadência é uma espécie de transmutação negativa que a sociedade opera. Representa todos os movimentos de camuflagem do “instintivo”. Nietzsche considera fontes de decadência o socratismo, por colocar a razão acima de tudo, o cristianismo, por fomentar a procura do nada através do aprisionamento à responsabilização e à culpabilização pela morte de Cristo, e a filosofia Alemã encabeçada por Lutero, o revitalizador do cristianismo, e Kant, o divulgador da moral anti-natura do *Imperativo Categórico*. Em termos gerais a decadência é tudo o que se dirige no sentido do monoteísmo e se afasta do perspectivismo.

DEUS

Analisa a evolução histórica do Deus Cristão. Numa primeira fase é o Deus de um Povo, o qual agradece a sua condição. Com as alterações sociais, com a inversão da supremacia entre os povos torna-se necessário falsificar a história, redefinindo-a religiosamente e condicionando o povo às regras:

“falta contra Yahweh e punição;

amor por Yahweh e recompensa” (Nietzsche, AC)

O Homem passa a viver subordinado ao sacerdote, o homem mentiroso ou bom. Cria uma alienação, a qual é designada de Reino de Deus. A seguir aspira a esse reino, esquecendo que foi ele quem o criou. Toda a acção e atitude tendente à preservação desta mentira é "Vontade de Deus". A desobediência recebe o nome de "Pecado". E é em função deste que o sacerdote sobrevive. Através da penitência "Deus perdoa". Por outras palavras, Deus perdoa sempre que o homem se submete. O aparecimento de Cristo é, para Nietzsche "o pequeno movimento insurreccional", "a repetição do instinto judaico". Se por um lado analisa psicologicamente o povo judeu, também analisa o "Salvador". A tarefa é saber se Jesus foi contraditório ou se o consideraram "como sendo essa contradição" (Nietzsche, AC).

DIONISIACO

"A palavra 'Dionisiaco' significa: (...) afirmação do carácter total da vida

ETERNO RETORNO

Constitui, ao lado da *Vontade de Poder*, o fulcro da filosofia de Nietzsche. É um termo complicado uma vez que não aparece nitidamente definido em qualquer dos seus trabalhos. O *Eterno Retorno* possivelmente significa o reencontro do Ser consigo mesmo. Não se trata de uma mera repetição de acontecimentos como muitas vezes se interpreta, seguindo a definição clássica que remonta já à Grécia Antiga. É um retornar a si. Esse reencontro é atemporal, cairológico. Realiza-se no instante da existência, na eternidade.

GÉNIO

A respeito do Génio, considera-o como perigoso numa determinada época. Consegue marcá-la e transformá-la devido à sua força e coragem que contrariam a maré da população. Dedicar-se à sua causa até aos limites da sua existência (Nietzsche, CI).

HOMEM

Várias vezes Nietzsche define o Homem em relação ao *Super-Homem*. O Homem é ainda demasiado humano para se conseguir superar. Não representa um tipo de homem mas uma instância no Homem que pode ser transmutada.

HOMEM SUPERIOR

Representa o Homem que, em última análise, não se conforma com a morte de Deus continuando a orientar-se por instâncias ou entidades que substituem o que morreu. Na aparência distingue-se do Homem. Em *Assim Falou Zaratustra* o *Homem Superior* aparece sob a forma de personagens representativas: Papa, Feiticeiro, Dois Reis, Sombra, o Mais Hediondo, Mendigo e a Sanguessuga.

IDEAL ASCÉTICO

Qual a finalidade do ideal ascético? Assumindo a máxima "Deus Morreu" cabe a questão "Como Nasceu"? Nietzsche relaciona a procura do asceta com a vontade. A vontade faz parte do homem. Este teme o vazio, ou seja, a não-vontade. Prefere então ser "vontade de nada do que não ter vontade". Este nada é o que não é, isto é, a ilusão criada a partir da doença. Esta, diz Nietzsche, é fruto da não afirmação da animalidade. O homem torna-se "doente de si próprio" A vontade do asceta é curar-se de si próprio sem a assunção da causa da sua doença. O asceta vai sobrevivendo através da anestesia ao mesmo tempo que disfarça o tumor. Trata-se então de um Deus anestesia que alivia o homem do ardor do nada. Porém o homem maduro descobre a falsidade da teleologia e a sua crítica, isto é, a sua perspectiva.

Nietzsche repara que por vezes o filósofo e o cientista se confundem com o asceta pois, apesar de possuírem conteúdos distintos, mantêm uma coerência estrutural que se traduz no exagero da verdade e na secundarização da crítica.

LEÃO

É a segunda metamorfose e procede a fase Camelo. Aqui surge a luta contra a vida submissa e do dever. O Leão diz “Não”, “Basta”. A força do Leão ainda não está apta a criar novos valores mas pode, através da libertação dos valores que o oprimiam anteriormente, representar uma transição para a fase Criança (Nietzsche, Z). Ver *Zaratustra*.

LIBERDADE

Sobre o egoísmo repara que é condição de vida. “O homem está acabado quando se torna altruísta”. Define liberdade como a hegemonia dos instintos viris sobre os outros. “O homem que se tornou livre (...) pisa a desprezível espécie de bem estar com que sonhou o retalhista, os cristãos, as vacas, as mulheres, os ingleses e outros democratas. O homem livre é guerreiro” (Nietzsche, CI).

MÁ CONSCIÊNCIA

É o sentimento de culpa. Qual a origem da má consciência? Se o Bem e o Mal, ao contrário de absolutos, são relativos, donde procede a má consciência? Procede do enquistamento do indivíduo numa categoria, confundindo as suas características com essências. Surge no indivíduo que ainda não amadureceu, que ainda não conseguiu criar a sua própria categoria. Como depende da categoria dominante de que faz parte, impera nele o dever e a obrigação inerentes às relações entre credor e devedor. O regulador desta relação é o castigo. O indivíduo cumpre receando ser castigado. Assim o castigo domestica, condiciona. A má consciência acompanha quem não cumpriu (Nietzsche, GM).

MORAL

Nietzsche refere-se sobretudo à moral do “deve ser”, à moral do Bem e do Mal, à moral que suprime os *instintos de vida*. Neste sentido considera-se um imoralista. Mas veremos que não é um amoralista.

“Dois tipos de Moralidade que não devem ser confundidos: a moralidade em que os instintos saudáveis se auto-defendem contra a decadência - e a outra moralidade com que esta grande decadência se define e justifica (...)” (Nietzsche, VP).

É neste último sentido que Nietzsche se considera um imoralista. A moral justificada pelo Bem e pelo Mal é em última análise justificada pelas relações de dominadores e de dominados. A noção de Bem e Mal é relativa ao ponto de vista de cada estirpe. Por isso não faz sentido falar num Bem e num Mal essencial, o que equivale a dizer que uma Moral dependente de Bem e de Mal é também dependente do ponto de vista do observador e, por isso, uma moral absoluta também não faz sentido.

MORTE DE DEUS

Significa a abolição da crença numa transcendência (entidade divina, valor absoluto, Verdade) à qual se tem de submeter. É a libertação dos valores absolutos. A morte de Deus representa a constatação de que Deus é nada. É a saída de um niilismo para outro niilismo. Isto é, de um que estava camuflado para o reconhecimento desse facto. Ver Niilismo.

NIILISMO

À partida podemos considerar o Niilismo como um reconhecimento do nada ou um caminhar para o nada. Em *A Vontade de Poder* Nietzsche classifica pelo menos três tipos de Niilismo. o Niilismo patente naquele que procura uma lei universal, uma ordem moral, um amor e harmonia interindividual. Outro Niilismo encontra-se no homem que considera uma entidade divina acima de si. Uma terceira forma de Niilismo está naquele que não encontra nenhum alvo para além do “ir sendo”. O resultado psicológico do Niilismo pode ser um desencorajamento, uma perda de força, uma insegurança. No entanto nos “espíritos mais maduros” este sentimento é superado, sem necessidade de se substituir uma ordem universal ou uma entidade divina por outra. Consegue o *Eterno Retorno*, a forma mais radical do Niilismo, sem o grande sobressalto de reconhecer na vida o nada. Quando não se consegue lidar com esta descoberta reinventam-se novos nada, como faz o *Homem Superior* - sabe que Deus morreu mas não suporta deixar de o adorar. A diferença entre as duas primeiras formas de Niilismo e a terceira é que as primeiras

não tomam consciência do nada, o que se traduz na adoração do mesmo. A terceira forma reconhece-o podendo assim afirmá-lo (Nietzsche, VP).

PERSPECTIVISMO

A Verdade de uma pessoa termina onde começa a de outra. Existem diferentes formas de interpretar e classificar o mundo. Nenhuma vale mais do que qualquer outra.

REACÇÃO

Opõem-se à acção. Significa uma atitude ou acção (no sentido de movimento) que contraria uma acção prévia e surge como resultado dessa oposição.

REALIDADE

A única realidade para Nietzsche é a realidade sensível. No entanto é deturpada pela razão. Aspirar a uma realidade absoluta está fora de questão pois tal como a Verdade a Realidade é Perspectiva.

SÓCRATES

Segundo Nietzsche Sócrates é o grande decadente após um período de grande elevação, o período trágico-helénico. Sócrates corrompe Platão e juntos assassinam a Grécia. Sócrates provinha das esferas mais baixas, era feio e demasiado religioso. Com ele emerge a grande mentira: razão = virtude = felicidade. Introduce também a ideia de um Bem absoluto que por sinal é um nada. Apesar de tudo Sócrates fascina o povo Grego devido a desencadear um novo *aión*. Era também um grande erótico. Nietzsche, veremos, no capítulo "Expedições de um Homem Prematuro" do *Crepúsculo dos Ídolos*, também é um erótico. Considera que é do interesse sexual que a cultura se eleva e se revela. Sócrates aparece como uma tábula de salvação face à crise ateniense. Com a razão tudo era possível e em última instância também a felicidade (Nietzsche, CI). Representa a decadência do povo grego e de toda a civilização ocidental. Não é uma condenação particular a que Nietzsche realiza, mas uma crítica ao socratismo e percursos do cristianismo.

Sócrates, o mais potente continuador de Eurípedes, tal como este, assassinou a tragédia, arte afirmativa, e fez nascer uma razão sinónima de virtude.

SUPER-HOMEM

Este termo é passível de ser confundido ou mal interpretado. possivelmente a tradução mais indicada no português fosse "Homem que se supera". Para Nietzsche o *Super-Homem* "designa um tipo de perfeição absoluta, em oposição com o homem moderno, o homem 'bom', com os cristãos e outros niilistas (...)" (Nietzsche, EH). Não representa uma entidade superior mas um homem que se supera, que abandona os valores impostos transmutando-os naqueles que ele próprio criou. Une-se ao *Eterno Retorno* na medida em que o *Super-Homem* é aquele que retorna eternamente a si próprio. Ver *Zaratustra*

TRAGÉDIA

Em Nietzsche representa não só o mais alto expoente da arte helénica como também a síntese do Dionisiaco e do Apolíneo afirmados numa atitude.

TRANSMUTAÇÃO DOS VALORES

É o passo necessário que o homem necessita de dar para se assumir liberto dos Valores da Moral Opressora do Bem e do Mal. É conseguida por força da *Vontade de Poder*.

ÚLTIMO HOMEM

Representa o Homem que não só matou Deus mas que também se suicidou. É a forma mais negativa do niilismo. O Último Homem não opera a transmutação, não cria, não se supera.

VIDA

"A vida em si mesma é essencialmente apropriação, agressão, sujeição do que é estranho e mais débil, opressão, dureza, imposição das suas próprias forças, incorporação, e pelo menos, exploração" (Nietzsche, BM).

VONTADE DE PODER

É o impulso mais básico de qualquer existência. Representa a Vontade de Auto-Domínio, de Auto-Superação, de Libertação. Neste estudo são distinguidas três formas: Umbilical, Niilista, Liberal.

ZARATUSTRA

É o protagonista de *Assim Falou Zaratustra*. Aos seus trinta anos *Zaratustra* resolve retirar-se para uma montanha à procura de algo que não é possível encontrar-se no seio da praça pública. Após dez anos de recolhimento conclui que o homem tem procurado apaziguar o que dentro de si borbulha a ponto de se atingir a mais profunda resignação e estagnação. Categoriza o Homem em três classes: A classe dos Camelos, isto é, aqueles que não agem de acordo com a própria vontade. A sua vontade é a vontade dos outros, por isso dizem Sim a tudo. Paradoxalmente trata-se de um Sim negativo, que nada afirma. O homem camelo é o Homem da população. O único que procura é uma doutrina em que possa acreditar, para que o seu sono seja descansado. Este sono descansado é possível, no entanto é um sono pobre, desprovido de sonho. A evolução do camelo apenas se pode verificar se ele aligeirar a sua carga e arriscar abandonar a segurança da doutrinação e enfrentar o deserto. O deserto é aqui um tempo de solidão, de confronto com as próprias bossas. Só nesta moratória é possível o camelo dar-se conta da sua carga que o impossibilita de ser uma “estrela dançante”, ou seja, um ser mais liberto. É a classe do Não a que Nietzsche designa de Fase Leão. O seu rugido visa a destruição dos falsos valores, dos velhos mandamentos. Aqui começa a vontade de deixar de mentir “contra a sua consciência e contra a sua inconsciência”, de demolir os valores. Até então os mais altos eram os da Moral do Bem e do Mal. Só quando e se o Leão se encontrar desprovido de toda a carga herdada enquanto camelo poderá criar. Se existir coragem para criar então encontramos-nos na fase Criança. A Criança não é um mero produto do Não do Leão. O Leão não passa obrigatoriamente a Criança, pode manter-se no seu Não. “O criador deve ser a Criança que trata de se dar à luz(...)” mas “é preciso também que ele aceite ser a mãe em trabalho de parto”. A Criança afirma a sua totalidade. É um processo que caminha no sentido da superação de si-mesmo. Esta classificação é uma metáfora para os pontos essenciais do livro. *Zaratustra* é o profeta do

Homem que se supera (*Super-Homem*) “A beleza do *Super-Homem* visitou-me como uma sombra”. O Homem está para o *Super-Homem* assim como o macaco está para o homem. O *Super-Homem* não é uma espécie diferente do Homem no sentido biológico e taxonómico. A verdadeira diferença é que o Homem nega-se a si próprio enquanto o Super-homem se afirma. Descobre que Deus morreu em si (em Nietzsche). O *Super-Homem* deve ser procurado na terra, ousando procurá-lo em si próprio. Não deve, no entanto, ser visto como um salvador da humanidade. Poder-se-á ser *Super-Homem* de si próprio apenas. *Zaratustra* é simplesmente um que aspira superar-se. Não é nele que, quem também aspira a superação de si mesmo, que se deve procurar. *Zaratustra* alerta que “recompensa-se mal um professor se se ficar sempre aluno”. *Zaratustra* dá apenas algumas informações relativas à morte de Deus, a fé na auto-superação e ao método para se lá chegar. Fala no *Eterno Retorno*. Tudo retorna. “Todos os ciclos giram e se enrolam sobre si mesmos para voltarem finalmente a si”, “Tudo vai e tudo volta, roda eternamente à volta do ser. Tudo volta a florir. Eternamente se desenrola o ciclo da existência”. Inicialmente *Zaratustra* pretendia desenvolver a sua profecia. No entanto muito cedo repara que só poderia falar com os seus amigos, uma Águia e uma Serpente. Na sua última subida à caverna encontra-se com Homens Superiores, aqueles que se libertaram da População. São eles o Papa, dois reis, um mendigo solitário, a sua sombra, a sanguessuga, o bruxo, o homem mais hediondo. *Zaratustra* apercebe-se que todos eles estão numa guerra diferente. Enquanto eles lutam por sobreviver, *Zaratustra* luta pela sua Condição (Nietzsche, Z).

1.2. BION:

APARELHO DE PENSAR

Surge da pressão dos pensamentos sobre a psique (Bion, TP). Nesse sentido podemos dizer que o aparelho de pensar é posterior aos pensamentos (Bion, CNY). A sua formação e desenvolvimento estão associados à capacidade de tolerar a frustração (Bion, TP).

ATENÇÃO FLUTUANTE

A Atenção Flutuante é um termo proposto por Freud (1912/1988) e que Bion (Bion, G&C) aproveita para incluir no Eixo de Utilização da Grade (Coluna 4). Representa um estado em que se evita direccionar a atenção para alvos determinados como preconceitos, pressupostos teóricos, tendências pessoais. O analista face ao analisando, deve deixar fluir a sua actividade inconsciente.

ARROGÂNCIA

Surge em personalidades cujos mecanismos psicóticos são activos, constituem indícios de uma catástrofe psicológica em que predominam os *instintos de morte* e constitui uma evolução do orgulho (Bion, NSA).

AT-ONE-MENT

É uma expressão utilizada por Bion significando uma experiência de união, de fusão. No caso do Místico seria uma fusão com a deidade. No caso do paciente seria aproximadamente o "de acordo com O".

BARREIRA DE CONTACTO

Freud descreveu este termo com uma significação idêntica à sinapse. No sentido bioniano constitui uma barreira entre o Consciente e o Inconsciente. É selectiva à passagem de elementos de um para outro. A natureza desta membrana depende da organização dos *elementos- α* que a constituem (Bion, AE). Quando esta membrana é formada por *elementos- β* designa-se de *ecrã- β* .

CAPACIDADE NEGATIVA

Termo que Bion vai buscar a John Keats (Bion, AI) Keats fazia significar com esta designação a situação em que se é capaz de lidar com um estado de mistério, de incerteza, de dúvida, sem que isso gere qualquer irritação na procura da razão. É esse o estado em que deve permanecer o analista, isto é, suportar o desconhecimento, a não-compreensão, a dúvida da situação analítica.

CATÁSTROFE

Distingue-se da *Mudança Catastrófica*. A Catástrofe significa um estado de funcionamento mental psicótico o qual poderá ser transformado se se verificar uma *Mudança Catastrófica*, isto é, uma transformação de grande envergadura.

CESURA

Bion (Nietzsche, GC) introduz o termo Cesura no contexto da teoria psicanalítica a partir de uma frase de Freud (1926/1988) que diz: "A vida intra-uterina e a primeira infância apresentam uma continuidade muito maior do que a cesura que marca o acto do nascimento nos parece". Para Bion esta continuidade grande mas por vezes camuflada encontra-se não só na esfera vida intra-uterina vs. nascimento mas também no antes do casamento vs. casamento, consciente vs. inconsciente, transferência vs. contratransferência, analista vs. analisando, normalidade vs. patologia.

COISA-EM-SI

Kant utiliza esta designação (ou numeno) para referir-se ao objecto considerado à margem da sua relação à sensibilidade. Esse objecto enquanto aparece e é conhecido recebe a designação de fenómeno. Bion considera a coisa-em-si como o ponto de partida para qualquer transformação. Dá o exemplo (Bion, T) da paisagem que o pintor pinta. Seguindo Kant, Bion considera a coisa-em-si incognoscível. Apenas podemos conhecer as suas qualidades primárias e secundárias, isto é, o nível do fenómeno. Certos autores fazem corresponder os *elementos-β* à coisa-em-si, em parte devido à comparação que Bion realiza em *Aprender com a Experiência*. "Em contraste com os *elementos-α*, os *elementos-β*

não são sentidos como se se tratassem de fenómenos mas como coisas em si mesmas". De acordo com as várias referências que Bion (Bion, T; Bion, EP) vai fazendo ao longo da sua obra pode existir uma diferença. Voltando à paisagem (Bion, T) a coisa-em-si é a paisagem; os *elementos-β* são as impressões sensoriais da paisagem, no seu estado bruto, que chegam ao pintor. Sinónimos de Coisa-em-Si serão os termos Realidade Última, Verdade Absoluta, "O". Ver "O"

CONCEPÇÃO

"(...) é o que resulta quando uma *Pré-Concepção* se une com as impressões sensoriais apropriadas" (Bion, AE). Ou seja, quando uma *Pré-Concepção* encontra uma realização positiva. É a alteração de uma variável por uma constante (Bion, EP).

CONHECIMENTO

Confunde-se erradamente com o vínculo K ou vínculo de Conhecimento. O Conhecimento é a saturação de uma dúvida, isto é, a passagem da pergunta à resposta. Um conhecimento rígido pode dificultar a dinâmica epistemofílica. Bion concebe um determinado conhecimento como modelo, ou seja, como teoria sobre os factos. O conhecimento é assim transitório, caduco.

CONJUNÇÃO CONSTANTE

"A Conjunção Constante é uma função da consciência do observador" (Bion, T) Em *Cogitations* Bion define a *Conjunção Constante* como uma teoria do observador de que certos factos aparecem constantemente juntos. É o agrupamento que o observador realiza de várias experiências numa unidade de significação emocional.

CONTINENTE

Representado por Ψ . Designa qualquer coisa que pode conter outra ou que tem capacidade para tal. Bion utiliza esta expressão ao referir-se: à mãe, capaz de conter a ansiedade do filho; ao psicanalista, capaz de conter as angústias do paciente; ao grupo, que inclui o génio.

CONTEÚDO

Representado por σ . Designa algo que é contido. As nossas emoções às vezes necessitam de ser moduladas por um objecto contentor; um bebé pode ser contido pela mãe, um paciente pelo analista

CONTINENTE - CONTEÚDO

Representado por $\varphi\sigma$. Significa um processo relacional em que existe uma dinâmica entre um conteúdo e um continente. A Identificação Projectiva favorece o “encaixe” do conteúdo no continente e vice-versa.

CRESCIMENTO MENTAL

É representado por Y . Bion admite ser complicado descrever bem o significado do termo, o que ele representa na realidade, bem como a sua avaliação. “O crescimento é um fenómeno que parece oferecer dificuldades peculiares à percepção, quer pelo objecto em crescimento quer pelo objecto que o estimula, porque a sua relação com os fenómenos que o precedem é obscuro e separado no tempo” (Bion, EP).

Se considerarmos o modelo de notação da grade, o crescimento aumentaria à medida que caminhamos para o cálculo algébrico. Ao referir-se ao Grupo Bion (Bion, EG) enumera alguns indicadores de crescimento que poderíamos adaptar ao indivíduo:

- Reconhecimento dos limites internos e da posição em relação a outros indivíduos.
- Capacidade incorporar material novo bem como para abandonar outro já existente sem medo de perder a sua individualidade.
- Capacidade para enfrentar o descontentamento dentro de si e permitir meios de trabalhar com ele.

CURIOSIDADE

Este termo aparece em *Notas sobre a Arrogância* e constitui um indicador de catástrofe psicológica. Neste texto o termo parece distanciar-se do conceito de

Epistemofilia e, ao contrário desta que favorece a expansão da mente, a curiosidade é um querer saber algo a todo o custo sem olhar a meios. No entanto Bion não é muito explícito e aos poucos a ideia vai sendo abandonada.

DESEJO

Bion define-o como “lembrança” de algo que ainda não aconteceu (Bion, EPR). O desejo satura a mente do analista impossibilitando aceder à realidade (Bion, C). Tal como a memória e a compreensão o analista deve disciplinar e eliminar tanto quanto possível o desejo, favorecendo o “acto de fé” (Bion, AI).

DOR MENTAL

Ver Sofrimento.

ECRÃ BETA

Designação que representa uma suposta membrana constituída por *elementos- β* , através da qual, e ao contrário da barreira composta por *elementos- α* , flui material consciente e inconsciente originando um estado confuso. É também devido a este Ecrã Beta que o analista tem certas emoções designadas contratransferenciais. Assim, à teoria da Contratransferência que explicava as emoções do analista com base nos mecanismos inconscientes do próprio analista pode ser acrescentada a hipótese do Ecrã Beta, através do qual o paciente provoca no analista certas emoções fruto da necessidade do primeiro comprometer emocionalmente o segundo (Bion, AE).

ELEMENTOS- α

“Este termo representa o resultado do trabalho realizado pela função- α sobre as impressões sensoriais. Não são objectos do mundo da realidade externa mas produtos do trabalho realizado sobre as sensações aceites como relacionados com tais realidades. Tornam possível a formação e uso dos pensamentos oníricos (Bion, EP).

ELEMENTOS-β

Este termo representa a matriz mais antiga a partir da qual se-supõe que emergem os pensamentos. Partilham a qualidade de objectos inanimados e de objectos psíquicos, sem distinção entre os dois. A este nível pensamentos são coisas, coisas são pensamentos; e possuem personalidade (Bion, EP).

ELEMENTOS DE PSICANÁLISE

Referem-se a abstracções que procuram, através das suas combinações, representar, sob a forma de um sistema dedutivo-científico, as várias teorias essenciais para a actividade do analista (Bion, EP). Bion propõe os seguintes elementos: Sofrimento e $\varphi\sigma$ (relação continente/conteúdo) , Ps \leftrightarrow D (dinâmica desintegração/integração), L (vínculo de amor), H (vínculo de ódio), K (vínculo de conhecimento).

ESTABLISHMENT

Termo que Bion utiliza para designar a estrutura e funcionamento social aceites pela maioria dos seus elementos. Inclui as regras, leis, dogmas, tradições de uma dada cultura. “É o corpo dirigente de uma sociedade” (Bion, AI) O místico, independente em grande parte do *establishment*, constitui uma ameaça para a desagregação deste.

ESTUPIDEZ

Este termo é utilizado por Bion (Bion, NSA), e surge associado aos termos arrogância e curiosidade. Os três seriam indicadores de uma “Catástrofe Psicológica”.

“O analista que trata um paciente aparentemente neurótico deve encontrar um resposta terapêutica negativa, concomitante ao aparecimento de alusões sem correlação mútua, a curiosidade, arrogância e estupidez, como um indício de que se está diante de uma catástrofe psicológica que terá de enfrentar” (Bion, NSA).

Possivelmente Bion utilize este termo como oposto a crescimento mental. Segundo o eixo genético da grade o paciente encontrar-se-ia mais próximo da descarga de *elementos- β* do que do cálculo algébrico.

FACTO SELECCIONADO

Bion vai buscar esta designação ao matemático Poincaré. Este considera que os únicos factos interessantes são os que introduzem ordem na complexidade. Elementos que se encontravam aparentemente separados e sem relação entre si podem a certa altura evidenciar uma coerência sistémica. No nosso caso o facto seleccionado significa "o nome de uma experiência emocional, a experiência emocional da sensação de descoberta de coerência" (Bion, AE) Bion relaciona estas duas etapas - dispersão e relação ou união - com as kleinianas posições esquizo-paranoide e depressiva, respectivamente. A análise do facto seleccionado de elementos dispersos ou o facto seleccionado de outros factos seleccionados aparentemente separados não deve ser perspectivada com base num sistema científico dedutivo apoiado, portanto, em relações lógicas. "... os elementos de um objecto psicanalítico podem relacionar-se entre si de um modo totalmente distinto daquele no qual as suas representações estão vinculadas num sistema dedutivo científico" (Bion, AE) O Facto Seleccionado é uma designação, um signo que marca uma Conjunção Constante.

FACTOR

"Factor é o nome para uma actividade mental que opera em consonância com outras actividades mentais constituindo uma função" (Bion, AE) Os factores podem ser inferidos a partir da observação das funções.

FÉ

Bion utiliza o termo fora da conotação religiosa. A fé ou acto de fé, é um possibilitador de O, isto é, de "de acordo com O" e "em direcção a O". Não está relacionada nem com a *memória*, nem com o *desejo* nem tão pouco com a *Compreensão*. Como refere em *Atenção e Interpretação* "um acto de fé tem como

fundo algo inconsciente e desconhecido porque não aconteceu” (Bion, AI). Não se insere no domínio de $\pm K$.

FRUSTRAÇÃO

Reacção a uma realização negativa provocando sofrimento.

FUNÇÃO

(...) o termo “Função” é usado como o nome para um conjunto de acções, físicas ou mentais, governadas ou dirigidas por um propósito”. “É uma variável em relação com outras variáveis em termos das quais se expressa e cujo valor delas depende” (Bion, EP). Neste sentido Bion considera todos os elementos de Psicanálise como Funções.

FUNÇÃO- α

Este termo é intencionalmente desprovido de significado como indica Bion (Bion, EP). Com a função- α quer significar uma função que converte os *elementos- β* em *elementos- α* , os quais poderão então ser usados para pensar.

FUNÇÃO PSICANALÍTICA DA PERSONALIDADE

Representa-se por ψ . É um termo que aparece em *Aprendendo com a Experiência* para clarificar o que se entende por Função em Psicanálise. Não se trata de Função Matemática nem tampouco de uma Função da Teoria Psicanalítica. É antes de mais uma abstracção de um fenómeno da personalidade. Os movimentos de auto-conhecimento, a epistemofilia, o vínculo K é uma realização da Função Psicanalítica da Personalidade.

GRADE

Bion pretende que a capacidade de intuição do analista seja desenvolvida. Numa situação de análise, entre várias coisas, temos um paciente, um analista, pensamentos, a forma de tratá-los, uma relação, que formam um todo ao qual podemos denominar de *setting* terapêutico. Cada um destes elementos assume uma determinada forma que pode ser abstraída tal como o fez Bion.

Os pensamentos são o material passível de ser pensado e é representado por I. Mas obviamente não basta dizer que estamos a trabalhar I. Se conseguirmos identificar qual o tipo de I que temos e que tratamento utilizamos, possivelmente saibamos mais facilmente distinguir a que nos estamos a referir. Bion propõe-nos dois eixos evolutivos que ajudam a caracterizar o material e o processo. Eixo Genético e Eixo de Utilização.

	Hipótese Definitória 1	ψ 2	Notação 3	Atenção 4	Investigação 5	Acção 6	...n
A Elementos Beta	A1	A2				A6	
B Elementos Alfa	B1	B2	B3	B4	B5	B6	...Bn
C Pensamentos oníricos, sonhos, mitos	C1	C2	C3	C4	C5	C6	...Cn
D Pré-Concepção	D1	D2	D3	D4	D5	D6	...Dn
E Concepção	E1	E2	E3	E4	E5	E6	...En
F Conceito	F1	F2	F3	F4	F5	F6	...Fn
G Sistema Dedutivo-Científico		G2					
H Cálculo Algébrico							

À medida que descendemos no eixo vertical (genético) vamos tendo categorias que representam pensamentos mais complexos.

Assim teremos no eixo genético:

A - Material sob a forma de *elementos- β* . O *elemento- β* é a abstracção do material sensorial não processado. Bion considera-os como o "material mais primitivo a partir do qual algum dia poderá surgir um pensamento. Face aos *elementos- β* o sujeito ou elabora ou evacua. A evacuação consiste numa expulsão do material tal como ele entrou. A elaboração ou tratamento destes elementos recebe a designação de *função- α* . É esta que converte os *elementos- β* em elementos pensáveis (*elementos- α*).

B - *Elementos- α* - Estes elementos são o produto da função- α sobre os *elemento- β* . São os *elementos- α* que vão poder ser usados nos pensamentos, sonhos, mitos em vez de serem evacuados pela *Identificação Projectiva*

C - *Pensamentos Oníricos, Sonhos, Mitos* - São as construções de fantasias individuais e colectivas, incluindo também as imagens visuais dos sonhos.

D - *Pré-Concepção* - Representa uma expectativa. Ver *Pré-Concepção*.

E - *Concepção* - Representa a união de uma *Pré-Concepção* com uma *Realização Positiva*.

F - *Conceito* - Representa a abstracção que se fez da *concepção*. Através da organização de conceitos torna-se possível construir enunciados teóricos.

G - *Sistema dedutivo científico* - Os conceitos aqui são utilizados tendo por base uma organização científico-dedutiva.

H - *Cálculo Algébrico* - Representa um grau elevado de desenvolvimento do pensamento. O nível de abstracção é mais elaborado e possibilitador de cálculos algébricos

No eixo de utilização temos:

1 - *Hipótese Definitória* - Ver Hipótese Definitória

2 - ψ - Representa um enunciado falso, uma resistência que dificulta o crescimento. Ver Perspectiva Reversível.

3 - *Notação* - Representa as informações que se vão armazenando ao longo da análise e que vão sendo utilizadas.

4 - *Atenção* - Representa um estado que permite intuir e dar forma aos enunciados, emoções, comportamentos, pensamentos até aí dispersos.

5 - *Investigação* - Representa a investigação de algo que em determinado momento está mais obscurecido.

6 - *Ação* - Representa a intervenção que possibilita uma mudança, que pode ser negativa se amplifica a ψ ou positiva se possibilita o crescimento.

Teoricamente quer o eixo de utilização quer o eixo genético podem perpetuar-se no infinito, o que está de acordo com a noção de Universo em Expansão.

GRUPO

Designa uma unidade composta por várias subunidades. Bion abordou os grupos terapêuticos. Aqui a unidade não é o indivíduo mas todos os indivíduos na unidade do grupo. Na mesma linha uma "neurose" não é apresentada como um problema individual mas como um problema do grupo. O funcionamento "são" é também definido em termos de funcionamento do grupo. Considera que o tamanho

mínimo do grupo é de três elementos. “Dois membros têm relações pessoais; com três ou mais, há uma mudança de qualidade (relação inter-pessoal)” (Bion, EG).

HIPÓTESE DEFINITÓRIA

Representa uma possibilidade de verdade sobre um fenómeno. Pode ser identificada por “uma exclamação, nome, sistema teórico ou por um enunciado extenso tal como um livro” (Bion, AI). Pressupõe uma função negativa. “Pode implicar que algo é; igualmente que algo não é” (Bion, AI). Tem um carácter de *Pré-Concepção*, ou seja de elemento insaturado que está aberto a uma saturação. Quando não existe capacidade de perda, de resistência à frustração, o paciente não admite a função negativa da mesma. Na grade ocupa a coluna 1.

IDENTIFICAÇÃO PROJECTIVA

Representada por O O. Na Continuação de Klein (1946) que define a Identificação Projectiva como sendo “o protótipo do relacionamento objectal agressivo, representando um ataque anal a um objecto por forçar partes do ego neste, a fim de apoderar-se de seus conteúdos ou controlá-lo, ocorrendo na posição esquizo-paranoide, a partir do nascimento” (Klein cit por Hinshelwood, 1991/1992). Bion introduz a noção de Identificação Projectiva Normal diferente da primeira, a Identificação Projectiva Patológica. A Identificação Projectiva Normal distingue-se por ser mais moderada possibilitando o seu estado de frustração, dando origem a uma intervenção contentora por parte do objecto de relação. Assim temos a Identificação Projectiva Patológica como mecanismo de descarga e de evacuação e a Normal como ferramenta de Comunicação (Bion, SA).

INTUIÇÃO

Bion propõe este termo para significar uma capacidade para apreender fenómenos psicológicos que se dão na análise mas que não podem ser tocados, vistos ou cheirados. Em *Atenção e Interpretação* vê na intuição um dos atributos pelo qual a prática analítica se distingue da prática médica. Por exemplo, o medo, a ansiedade não são vistos nem tocados, no entanto podemos captar ocorrências no sujeito designadas por tais termos.

INVARIANTE

Designa aqueles aspectos que se mantêm inalterados após uma Transformação (Bion, T) É através dos invariantes que se torna possível reconhecer a Realidade a partir de uma sua transformação. Os Invariantes podem estar mais ou menos acessíveis de acordo com o tipo de Transformação.

MEMORIA

É a lembrança do passado ou do futuro, recebendo neste caso a designação de desejo. Constitui um estado saturado da mente dificultando aceder à realidade.

MENTE EM EXPANSÃO

Por analogia à astrofísica em que uma das hipóteses considera o universo em expansão, Bion propõe uma mente que se alarga à medida que se verifica o crescimento.

MENTIRA

Significa a não-verdade. Constitui uma defesa contra a dor inerente à descoberta da verdade e ao mesmo tempo uma ameaça à análise. No entanto Bion alerta para o facto da mentira não representar a tentativa do paciente para que se não aceda à verdade. O paciente pode através da mentira ir possibilitando ao analista interpretações que possibilitem a aceitação da mentira como ocultação da verdade (Bion, AI). A ameaça à análise tem mais a ver com a dificuldade do analista lidar com a hostilidade, perda de estima do que com a impossibilidade de analisar os mentirosos.

MÍSTICO

É o indivíduo que, incluído e formado pelo *establishment*, cria novos valores independentes do grupo ou do *establishment*, e que por isso representa uma ameaça para este. Bion considera “génio” ou “messias” como sinónimos de Místico (Bion, AI). Geralmente o místico é de certa forma marginalizado ou associado à

loucura. Bion não considera o génio um louco, mas sim um homem excepcional que sabe utilizar os mecanismos psicóticos para promover o crescimento (Bion, AI).

MUDANÇA CATASTRÓFICA

Constitui um fenómeno de crescimento mental. Representa a desactivação do sistema de funcionamento que vigorava. Está associado a uma transformação. Significa uma alteração de grande espectro, como pode ser a passagem de um vertex a outro a qual se traduz num funcionamento conseqüente distinto. Não é o mesmo que Catástrofe. Esta pode ser a desestructuração da mente. A *Mudança Catastrófica* pode ser a grande possibilidade de reestruturar uma Catástrofe.

“O”

Em Transformações Bion designa “O” como sendo algo relacionado com uma postura (em direcção a O) bem como com o resultado dessa postura (de acordo com O). Pode referir-se a um sujeito e, neste caso, designa aquilo que ele é, não aquilo que ele julga ser (Transformação de O); a um acontecimento tal como a sessão de análise e aqui designa o que se passa realmente na sessão independentemente daquilo que o paciente (Transformação paciente O) ou o analista (Transformação analista O) possam pensar. Bion considera que não se pode conhecer O apenas ser O. O insere-se na esfera do *numeno* e não do *fenomeno*. O movimento O -->K representa um movimento de conhecimento da Transformação de O. O movimento K-->O significa uma evolução para O, crescimento mental. Veja-se Coisa-em-Si.

OBJECTO BIZARRO

Quando existe um funcionamento esquizo-paranoide pode verificar-se problemas na relação entre o meio e a personalidade. Assim como surgem no bebé fantasias de ataque sádico ao seio também podem surgir ataques ao aparelho perceptivo. Daqui resulta uma cisão em fragmentos minúsculos que posteriormente serão evacuados por intermédio da identificação projectiva. Daqui resulta uma deterioração da percepção consciente interna e externa. Os fragmentos da personalidade purgados (parte perceptiva da personalidade) são vistos como

envolvendo objectos externos reais. Bion dá o exemplo de um gramofone (objecto real) que associado a um fragmento da parte perceptivo-visual da personalidade é sentido como observador do sujeito. (Bion, DPE) Estas partículas encapsuladoras de objectos externos constituem os objectos bizarros.

OBJECTO PSICANALÍTICO

Representa-se por $\pm Y (\mu)(\psi)(\xi)$. "Articula as competências inatas do sujeito, as suas pré-concepções e as suas capacidades de transformação, sendo crescente ou decrescente ao nível da transformação" (Amaral Dias, 1993b). Y representa o crescimento mental, μ representa a parte inata da personalidade, ξ representa a parte não saturada e ψ representa a função psicanalítica da personalidade.

PENSAMENTO

É o material passível de ser pensado. Bion restringe o termo ao resultado da união de uma *Pré-Concepção* com uma frustração (realização negativa) (Bion, TP) Constitui também uma ferramenta para lidar com a frustração.

PERSPECTIVA REVERSÍVEL

Designa o fenómeno em que o paciente aparentemente aceita uma interpretação do analista. A força da interpretação é negada devido à refutação de algumas premissas e introdução de outras. Assim "o debate entre o analisado e o analista não é verbalizado, o que o analista diz aparece como sendo aceite pelas duas partes da análise, mas é insignificante" (Bion, EP). Zimmerman (1995) faz uma distinção entre *Perspectiva Reversível* e *Reversão de Perspectiva*, atribuindo a esta última a significação que demos à *Perspectiva Reversível*. A *Perspectiva Reversível* atribui o significado de estado potencial de mudança de vértice. Zimmerman justifica a sua posição com base em *Experiências com Grupos* (Bion, EG). Mas se existem diferenças constituem uma ressignificação terminológica pois em *Elementos de Psicanálise* a designação inglesa de *Reversible Perspective* tem o significado que aqui se atribui ao termo. A distinção de Zimmerman (necessária enquanto representante de duas experiências analíticas) pode ficar salvaguardada com a distinção entre *Perspectiva Reversível* e *Visão Binocular*.

PERSONALIDADE NÃO-PSICÓTICA

Representa um tipo de funcionamento mental em que é utilizada “a repressão como meio de eliminar da consciência - e de outras formas de manifestação e actividade - certas tendências da mente” (Bion, PNP).

PERSONALIDADE PSICÓTICA

Designação de um tipo de funcionamento mental com duas características gerais fundamentais:

- Fragmentação da Personalidade “em especial, à fragmentação do aparelho de percepção da realidade, que na descrição de Freud entra em funcionamento em obediência ao princípio de realidade” (Bion, PNP).

- “Excessiva projecção desses fragmentos da personalidade nos objectos externos” (Bion, PNP) dando origem a objectos bizarros.

Segundo Bion mesmo nas personalidades psicóticas se encontram fenómenos neuróticos e vice-versa. O que acontece é que por vezes a “parte psicótica da personalidade predomina a tal ponto que a parte não-psicótica (com a qual coexiste em justaposição negativa) fica obscurecida” (Bion, PNP). A Clivagem e a Identificação Projectiva Patológica são os mecanismos preponderantes substituindo a repressão.

PRÉ-CONCEPÇÃO

Corresponde a um estado de expectativa. É um estado da mente adaptado a receber um leque restrito de fenómenos. Um acontecimento temporão pode ser a expectativa do peito pelo bebé. A união de uma *Pré-Concepção* com uma realização origina uma concepção (Bion, EP).

PREMUNIÇÃO

Constitui um estado emocional indicador de um acontecimento posterior. Apesar de Bion estabelecer alguma equivalência com a *Pré-Concepção*, considera esta última mais relacionada com conteúdos ideacionais os quais visam certos

acontecimentos e as premonições mais relacionadas com emoções. Bion relaciona este estado antecipatório com a ansiedade e propõe representá-la por Ansiedade (ξ) em que ξ se refere a um elemento não saturado (Bion, EP).

PSIQUISMO FETAL

Refere-se à possibilidade de existirem fenómenos fetais associados já a dinâmicas psíquicas. A questão é colocada em *Grade e Cesura* (Bion, G&C) e em *Quatro Discussões* (Bion, 4D). No entanto subsiste mais como uma hipótese especulativa do que como constatação científica.

REALIDADE ÚLTIMA

Sinónimo de Coisa-em-Si, Verdade Absoluta, "O". Ver Coisa-em-Si e "O"

REALIZAÇÃO

Actualização, materialização de algo potencial. É a ocorrência daquilo a que a *Pré-Concepção* "aspira". Neste caso temos uma Realização Positiva (Exemplo: A expectativa de um seio é materializada pelo aparecimento do seio). Quando não se verifica a materialização da *Pré-Concepção* temos uma Realização Negativa. (Exemplo: A expectativa de um seio materializada por uma situação em que o seio não aparece).

RELAÇÃO COMENSAL

"(...) relação em que dois objectos partilham um terceiro para benefício dos três" (Bion, AI) Refere-se à relação entre continente e conteúdo

RELAÇÃO PARASITÁRIA

Relação em que "(...) um (objecto) depende do outro para originar um terceiro, o qual é destrutivo para os três" (Bion, AI) Refere-se à relação entre continente e conteúdo

RELAÇÃO SIMBIÓTICA

Relação em que "(...) um (objecto) depende do outro para vantagem mútua" (Bion, AI). Refere-se à relação entre continente e conteúdo

REVERIE

Capacidade da mãe (ou do psicanalista) que actua como "órgão receptor da colheita de sensações que o bebé, através de seu consciente (rudimentar), experimenta em relação a si mesmo" (Bion, TP).

SENSO COMUM

Através deste termo Bion tenta responder à seguinte questão formulada em *Elementos de Psicanálise*: "(...) como poderão pronunciar-se as qualidades dos elementos como visíveis face o facto notório de que alguns analistas pretendem ser capazes de ver coisas cuja existência é negada por outros, um desacordo que é suficientemente comum entre paciente e analista apesar de partilharem a experiência 'vista' " (Bion, AI) O critério para se assumir uma experiência sensorial consiste na comunalidade de sentidos. É necessário que a experiência seja captada por um ou mais sentidos. Em *Cogitations* refere que sem Senso Comum a fantasia é sentida como um facto (Bion, C) No entanto esta questão de cariz epistemológico parece não ser resolvida suficientemente por Bion. A sua resolução é de ordem prática.

SOFRIMENTO

Bion considera o sofrimento como elemento de Psicanálise. O sofrimento descreve uma situação emocional desagradável, em que aumenta a tensão. No entanto não deve ser associado à patologia, "em parte devido à sua relação com o crescimento (reconhecível na frase comumente empregue 'dores de crescimento') à seriedade do transtorno" (Bion, EP). Dá o exemplo da medicina somática: "destruir a capacidade para a dor física seria desastroso em todas as situações à excepção daquela onde um desastre maior - ou seja, a morte - é seguro" (Bion, EP) Face ao sofrimento o paciente pode transformá-lo, ou evacuá-lo caso não consiga tolerar o mesmo. Neste último caso pode dar-se um encobrimento da realidade.

TERROR SEM NOME

Verifica-se quando o bebé projecta na mãe a sensação de estar a morrer falhando nesta a capacidade de *reverie*. “Se a projecção não for aceite pela mãe, o bebé sente que se retirou da sensação dele, de estar a morrer, o significado que esta possui. Consequentemente, reintrojecta não um medo de morrer, mas um terror indefinível, sem nome” (Bion, TP).

TRANSFORMAÇÃO

Diz respeito a um modelo proposto por Bion segundo o qual a Realidade (O) não é apreendida como é mas modificada através de um determinado processo (Transformação alfa ou $T\alpha$) originando um produto final (Transformação beta ou $T\beta$). Ou seja: $TO \rightarrow T\alpha + T\beta$. Bion dá o exemplo do pintor que perante uma paisagem (O) pinta-a ($T\alpha$) utilizando as suas técnicas e dotes artísticos conseguindo uma pintura ou representação da paisagem ($T\beta$) Através da Pintura podemos identificar a paisagem devido à presença de invariantes que se mantêm na primeira e na segunda (Bion, T).

TRANSFORMAÇÃO EM ALUCINOSE

É um tipo de transformação típico da área psicótica da personalidade. As sensações são captadas e armazenadas sob a forma de *elementos- β* . Na parte processual da Transformação ($T\alpha$) verificar-se uma grande intensidade de Identificação Projectiva Patológica ocasionando uma evacuação dos *elementos- β* dando origem a produtos finais ($T\beta$) tais como discursos desconexos ou alucinações (Bion, T).

TRANSFORMAÇÕES DE MOVIMENTO RÍGIDO

Este tipo de Transformações permite uma fácil identificação dos invariantes presentes. Podem variar os conteúdos do discurso mas mantêm-se uma estrutura muito próxima da “realidade” que foi transformada.

TRANSFORMAÇÕES PROJECTIVAS

Tipo de Transformação que pode desembocar em fantasia as quais Bion associa às “acções musculares” dos “dois princípios do funcionamento mental” propostos por Freud (Freud citado por Bion, T). Na fase Alfa da Transformação pode verificar-se a Identificação Projectiva Patológica (Bion, T).

TURBULÊNCIA

Representa uma instância de mudança psicológica quer no sentido da patologia quer no sentido do crescimento mental (Bion, TE).

VERDADE ABSOLUTA

É sinónimo de Realidade Última, “O”, coisa-em-si. Ver Coisa-em-Si e “O”.

VÉRTICE ou VERTEX

É um termo emprestado do modelo geométrico euclidiano. Em Bion refere-se a “ponto de vista”, atitude, perspectiva posição emocional dominante em relação a um objecto (Bion, T).

VÍNCULO H

Representa uma das relações básicas - uma relação de ódio (Hate).

VÍNCULO K

Representa uma das relações básicas - uma relação que visa conhecer (Knowledge). Não significa que se tenha um conhecimento determinado mas que existe um vínculo orientado para conhecer. Quando o vínculo vai no sentido oposto representa-se por -K.

VÍNCULO L

Representa uma das relações básicas - uma relação de Amor (Love). Quando a relação se traduz num amor distorcido representa-se por -L.

VISÃO BINOCULAR

Associa a visão binocular com o "aumento no poder da apreensão intelectual"
(Bion, GI) Relaciona-se com a capacidade para poder considerar vários vértices ao
contrário dos pacientes que revertem a perspectiva.

III PARTE

1. NOTAS BIOGRÁFICAS

Apresenta-se agora duas breves biografias que, possivelmente, ajudarão a situar Nietzsche e Bion não tanto como o grande psico-filósofo nem tampouco como o grande psicanalista, mas mais como dois homens que, face às intempéries a que a vida nos sujeita, procuraram sobreviver, viver e fundamentalmente lutar por desvendar o que, eles intuía, era indesvendável. Apesar da força e coragem com que iam passando *além da Taprobana* nunca deixaram de amar, odiar, de ter dúvidas, ambivalências, fraquezas, alegrias, contradições, depressões, loucuras.

1.1 O ARGONAUTA DA ALMA

Frederico Nietzsche nasce a 15 de Outubro de 1844 no mesmo dia em que Frederico Guilherme IV, rei da Prússia, festejava o seu aniversário. Karl-Ludwig Nietzsche, pai de Frederico, tal como a mãe Oehler, tinham uma tradição de pastores luteranos. Karl Nietzsche não tinha degenerado. Ocupava o cargo de pastor luterano na paróquia de Roecken, cidade natal de Frederico. Segundo Halevy (1944/s.d.) as duas linhagens - Nietzsche e Oehler - tinham características diferentes. A Oehler era uma linhagem extrovertida, voltada para as relações sociais, alegre, empreendedora, com grande energia e actividade. Enquanto Karl pertencia ao "sector" intelectual do protestantismo. os Oehler situavam-se no sector "relacional". Franzesca Oehler não se poderia dizer ser uma grande espiritualista nem tão pouco uma intelectual. Era no entanto uma mulher calorosa sempre preocupada com a boa educação dos filhos.

A família Nietzsche era reservada, introvertida com uma vida interior elevada e meditativa. Karl era um homem respeitado pelas estripes sociais mais elevadas começando pelo próprio rei. Esta estima real era correspondida e interiorizada por

uma grande admiração e “um agudo senso aristocrático” (Liliane Frey-Rohn, 1984/1988).

Aquando do nascimento de Frederico, seu pai escreveu o seguinte:

“Oh mês de Outubro, mês bendito, sempre me encheste de alegria mas de todas as que me deste, esta é a mais profunda, a mais bela: baptizo o meu primeiro filho ... Meu filho, Frederico-Guilherme, tal será o teu nome na terra, como recordação do real benfeitor cujo dia de nascimento é também o teu” (Halevy, 1944/s.d.).

Karl aparentava ser uma pessoa calma, rigorosa, com um grande sentido de ordem. Mais do que um simples pastor luterano era um estudioso nos seus aprofundamentos teológicos, espirituais e racionais. A música era uma das actividades a que se dedicava no final das tardes através de improvisações litúrgicas no órgão do templo. A par de uma vida interior rica, rigorosa e artística existia uma saúde débil caracterizada por fortes cefaleias. Em Agosto de 1948 Karl tem uma queda que agrava mais os seus problemas cerebrais e emergem confusões mentais. Falece um ano depois devido a amolecimento cerebral, encefalite ou apoplexia (Deleuze, 1965/1985).

Quando contava cinco anos, seu irmão de dois anos morre. A mãe, juntamente com os filhos, deixa Roecken rumo a Naumburg-sur-Saale, uma cidade ligada ao comércio e artesanato, com alguns edifícios públicos. Em comparação com Roecken é um local movimentado e agitado. Halevy cita uma nota de 1862 em que Nietzsche descreve Roecken como uma aldeia, um local de felicidade, abandonado por uma cidade urbana agitada, facto que se repercutiu nele todos os dias.

Durante a infância Nietzsche vai aprendendo a viver na sua nova terra, fazendo as suas descobertas. Fascinado com as histórias sobre a admiração que as pessoas tinham para com seu pai, conjuntamente com as lembranças que guarda deste, aspira em tornar-se, um dia, Pastor Luterano.

Aos nove anos fica deslumbrado com um coro de Handel. A partir daqui começa a tocar cravo, improvisando e compondo cânticos baseados nas escrituras bíblicas. Compunha também poemas musicados que oferecia à família.

No colégio de Naumburg recomendam-lhe o ingresso num colégio reputado situado em Pforta, devido às suas grandes faculdades intelectuais e artísticas.

Com doze anos refere ter visto “Deus na sua potência e majestade” (Halevy, 1944/s.d.). Desenvolve uma teoria que tentava responder à coexistência do Bem e do Mal na terra. A Trindade compreendida como Pai, Filho e Espírito Santo estava deturpada no seu sentido. A verdadeira Santíssima Trindade era:

“Pai, Filho e Diabo”

O papel de cada homem seria converter o Diabo ao Bem Absoluto. Diz o seguinte:

“Quando tinha doze anos eu inventei uma Trindade extravagante: Deus pai, Deus filho e Deus Diabo. A minha conclusão foi de que Deus, reflectindo sobre si, criou o segundo ser divino: mas em vez de reflectir em si ele reflectiu-se no seu oposto, e assim criou-o. Foi assim que comecei a filosofar” (cit. por Liliane Frey-Rohn, 1984/1988).

Também nessa altura escreve:

“A vida é um espelho
Nele se reconhece
É a primeira finalidade, digo,
Onde cada um de nós se esforça”

O ensino em Pforta era bastante exigente e regrado. Aprendeu Latim, Grego e Hebraico. Os alunos viviam em regime de internato. Existia hierarquias internas referentes a alunos mais velhos ou mais novos. Os tempos de Pforta parecem ter sido acompanhados por momentos de solidão e depressão como relatam os seus escritos diários (Halevy, 1944/s.d). Ao mesmo tempo o seu diário vai ajudá-lo a

resistir às regras. Ele próprio se institui regras de estudo em que o objectivo era a Verdade.

Relê o “Manfredo” de Lord Byron e referencia-se na seguinte estrofe:

“O Saber é amargo: os que mais sabem
Mais profundamente choram a verdade fatal,
A árvore do conhecimento não é a árvore da vida”.

Mais tarde faz sua uma máxima de Mestre Eckhart: “Para atingir o verdadeiro a máxima montada é a dor”.

As suas verdades até então integravam o Bem e o Mal. Mas o conhecimento agora era visto como fonte de sofrimento. A única forma para sair deste conflito seria a Arte. Assim informa a mãe da sua vontade de se tornar músico. Mas a preocupação e a tradição apelam para que o jovem Nietzsche prossiga os seus estudos teológicos. Começa assim a desenvolver-se uma turbulência interior que questiona constantemente as suas certezas religiosas. A sua crença em Deus não é mais uma crença. É antes uma dúvida.

“O meu futuro preocupa-me. Por muitas razões, interiores e exteriores, apresenta-se-me perturbado e incerto. Creio-me, sem dúvida, capaz de levar a cabo a profissão que escolhi. Mas falta-me a força para afastar de mim tantas coisas diversas que me interessam. Que estudarei? Não me vem à ideia nenhuma decisão, no entanto é a mim que compete reflectir e decidir. o que é certo é que, seja o que for que eu estude, quero estudá-lo a fundo. Mas a escolha é ainda mais difícil, uma vez que se trata de encontrar uma entrega total. E quantas vezes essas esperanças enganam! Como se é facilmente desviado por uma predilecção momentânea, uma tradição de família, desejos! Escolher uma profissão é jogar uma partida de lotto onde muitos têm pedras negras e muito poucos pedras brancas. Actualmente a minha situação é incómoda. Dispersei o meu interesse por uma multidão de domínios, de modo que, se satisfizesse todos os meus gostos, tomar-me-ia um homem muito instruído mas um profissional muito medíocre. Devia destruir vários dos meus gostos, isso é evidente, e, paralelamente, adquirir outros novos. Quais serão os infelizes que lançarei pela borda fora? Talvez os meus mais queridos filhos!” (Nietzsche cit por Halévy, 1944/s.d).

Aos poucos vai informando a mãe das suas tentações, sensações e dúvidas. Aos dezoito anos diz numa carta à mãe:

“Quando me ponho a pensar no que quero, parece que procuro palavras para uma melodia que está em mim, e uma melodia para as palavras que estão em mim; e a melodia e as palavras não vibram, ambas, como se emanassem de uma mesma alma. É o que me divide” (Nietzsche cit. por Halévy, 1944/s.d.).

Chegando o momento de abandonar Pforta recebe o diploma apesar da nota fraca a matemática.

Em 1862 parte para Bona onde ingressa na Universidade. Está encaminhado para estudar Teologia. Em Bona continua uma vida reservada e solitária. Conhece Ritschl, professor de Filologia, que o entusiasma a especializar-se nessa área. Este mesmo professor muda-se para a Universidade de Leipzig. Nietzsche faz o mesmo; segue Ritschl, desistindo do curso de Teologia para se dedicar à Filologia. É aqui em Leipzig que descobre numa livraria uma obra intitulada: *O mundo como vontade de representação* de Schopenhauer. Este livro vai constituir um dos maiores acontecimentos para a organização das ideias de Nietzsche. Nietzsche identifica-se com as ideias shopenhauerianas. Estas reflectem muito daquilo que fervia em Nietzsche ainda sem uma verdadeira forma.

Sobre Shopenhauer, Nietzsche elabora um estudo que será elogiado quer pelos colegas quer por Ritschl.

Em 1867 é incorporado no serviço militar. A princípio seduz-lhe a ideia de poder defender a pátria, no entanto logo confessa que um artilheiro é um animal infeliz quando tem gostos literários e que não é cómodo reflectir numa camarata. Devido a uma queda de cavalo, em que parte uma costela, é desmobilizado da vida militar.

Permanece uns tempos em Leipzig, onde se avista com Wagner em casa da irmã deste.

Com vinte e quatro anos, ainda sem o doutoramento, é convidado por Ritschl, para leccionar na Universidade de Basileia o que vem por em questão planos que Nietzsche fizera sobre viagens a Paris, estudar outras matérias como Química. No entanto acaba por aceitar o cargo.

Para iniciar a sua nova profissão - a de professor de Filologia - vai para Basileia, cidade onde vivia Wagner. Consegue encontrar-se com o músico no dia de Pentecostes. Wagner convidara-o para um almoço. A partir daí irão começar uma série de encontros a que Nietzsche se dedica fervorosamente. Wagner é nessa altura, uma pessoa isolada que priva prazerosamente apenas com sua esposa Cosima e com Nietzsche. Este recusa convites de seus amigos, visitas a Itália, para continuar os seus encontros com Wagner. Consideram-se ambos herdeiros de pessoas grandiosas como Goethe. Discutem Filologia e Música. Wagner chega a dizer a Nietzsche que o seu caso é o de um músico com filologia no sangue e que Nietzsche é o filólogo movido pela Música.

Nessa altura Nietzsche começa a sua inserção na Universidade. Apresenta com louvor a sua primeira conferência. Vai sendo reconhecido como um verdadeiro génio de pouca idade. Isto até ao momento de apresentar uma conferência sobre o mundo helénico em que reabre o processo de Sócrates condenando-o por castrar o *Espírito Dionisíaco* em alguns que inclusivamente poderiam suplantar Ésquilo, como é o caso de Platão. A partir dessa altura é criticado e posto em causa. Wagner fica fascinado com as ideias de Nietzsche, aconselhando-o, no entanto, a ser prudente e a redigir o seu pensamento num livro.

Nietzsche vai desenvolvendo algumas ideias sobre o *Espírito Dionisíaco* e o espírito apolíneo. Ao mesmo tempo sente-se inactivo por não poder colaborar como artilheiro na guerra. Consegue alistar-se de novo para servir nos Serviços de Saúde. Viaja até à Alemanha e daí é enviado para França onde socorre destemidamente feridos e enfermos. Ele próprio contrai difteria. Volta a Naumburg onde se encontra com sua mãe e sua irmã.

Nietzsche prossegue a sua empresa de escrever um livro sobre o povo heleno. Sucessivas crises de saúde vão surgindo. Dores de cabeça, fraqueza da vista, insónias. Depois de muitas tentativas para publicar o seu livro, consegue fazê-lo. Intitula-o "A Tragédia nascente fora do génio da música". Oferece o primeiro número a Wagner, entidade a quem era dedicada a obra. Wagner responde por carta a tal oferta:

"Caro amigo

Nunca li um livro mais belo do que o seu. Tudo é magnífico. (...) Disse a Cosima: Depois de ti é a ele que prefiro (...)"

Nessa altura Nietzsche sente uma união existencial com Wagner. Escreve a Rohde o seguinte:

"O que sobre o meu coração paira agora, e o que ele prepara para o futuro, não pode abordar-se em cartas, nem superficialmente. Fiz com Wagner um pacto de estreita aliança. Não podes imaginar quanto estamos, agora, perto um do outro e o contrato que existe entre os nossos respectivos projectos "(Nietzsche cit. por Halévy, 1944/s.d.).

Porém Nietzsche recebe uma crítica de Ritschl censurando alguns conteúdos da obra, a qual é também bastante criticada pelas massas intelectuais.

Entretanto Wagner e Cosima partem para Bayreuth. Nietzsche corresponde-se com Wagner e faz-lhe algumas visitas nas férias. Começam a verificar-se algumas divergências nas ideias. Para além disso Wagner enaltece Nietzsche mas como apenas aquele que entende sua (de Wagner) obra. Nietzsche também tinha a sua. Interroga-se sobre quem seria na realidade Wagner? Wagner já não era aquele que dionisiacamente luta pela verdade. Nietzsche confundira o artista com o místico.

Resta-lhe Schopenhauer. Escreve *Schopenhauer como Educador*.

Em Outubro de 1882 escreve a Malwida:

“Tenho amigos mais numerosos e melhores do que mereço. O que agora desejo a mim próprio, digo-lhe em confiança, é uma boa mulher o mais cedo possível. A vida ter-me-á dado tudo o que dela terei desejado - o resto é comigo” (Nietzsche cit. por Halévy, 1944/s.d.).

Entre Dezembro de 1875 e Março de 1876 adoece. Teme morrer como o pai que morrera com trinta e seis anos devido a problemas cerebrais. É um medo que o acompanha durante toda a sua vida.

Faz tratamentos em termas. Escreve *Humano, demasiado Humano*.

Em 1879 é o ano em que a sua fraca saúde se debilita ainda mais. Pede a sua demissão da Universidade, ficando a receber uma pensão de quatro mil francos anuais. Regressa a Naumburg. Aluga um quarto com jardim ao qual se dedica.

A convite de Peter Gast viaja para Veneza. É aqui que Gast ajuda Nietzsche a escrever *Aurora. A Sombra de Veneza*

Em 1880 fascina-se com a leitura de *Buda* de Oldenberg, encontrando semelhanças entre si e Buda. Vai a Naumburg, mas regressa em seguida a Itália, refugiando-se em Génova.

Mais tarde instala-se em Sils-Maria. Aqui tem a intuição do que designará *Eterno Retorno*; Nietzsche encontra-se no momento mais alto da sua obra, do seu pensamento. Sente-se forte e acompanhado por *Zaratustra*, aquele que escolhe como anunciador do *Eterno Retorno*.

Chega o Inverno desse ano e, mais uma vez. Nietzsche deprime-se. Ouve a “Carmen” de Bizet que será o seu apoio de então. Redige a *Gaia Ciência*. Começa a esboçar o seu próximo livro *Assim Falou Zaratustra*.

Malwida dá a conhecer as obras de Nietzsche a uma jovem Russa - Lou Andreas-Salomé. Esperava apresentá-los quando Nietzsche passasse por Roma. Ao conhecê-la Nietzsche apaixona-se.

Seu amigo Rée e ele acompanham Lou e a mãe a uma viagem à Suíça. Nietzsche dá-se a conhecer a Lou indicando-lhe lugares por onde passara - Tribschen, a casa de Wagner. Nietzsche amava-a mas faltava-lhe a coragem para se ligar. Consegue declarar-se mas Lou recusa. Esta apenas lhe queria dar a sua amizade.

Regressa à Alemanha. Corresponde-se vivamente com Lou. Aos poucos constroi-se o boicote da possível relação amorosa entre Nietzsche e Lou. Os seus protagonistas serão Lisbeth (sua irmã), Rée e a própria Lou que, entretanto, se aproxima de Rée. Nietzsche sente-se enganado. A par disto Lou sente-se vitoriosa por ser cobiçada quer por Nietzsche quer por Rée.

Nietzsche escreve a Lou terminando assim:

“Adeus, minha cara Lou, não voltarei a vê-la. Guarde a sua alma semelhantes acções e triunfe melhor com outros o que comigo não se pode reparar”.

Deixa Leipzig, passa por Basileia rumo a Itália. Vive momentos de grande sofrimento.

Wagner morre em Veneza. Nessa altura Nietzsche prepara o seu *Zaratustra*. Escreve ao editor Schmeitzner em Fevereiro:

“(…) Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém. É uma poesia ou um quinto evangelho, ou qualquer outra coisa sem nome. De longe a mais séria, e também a mais feliz das minhas obras, acessível a todos...”

Nietzsche viaja para Roma encontrando-se com a irmã e Malwida. Esta apresenta-o à sociedade. Mas Nietzsche continua só no meio dos salões e dos encontros.

Publica a primeira e a segunda parte do *Zaratustra* em 1883. Instala-se em Sils-Maria. Vai de novo à Alemanha mas onde se sente bem é perto do Mediterrâneo. Viaja até Nice. Em 1884 publica a terceira parte. A partir daí Nietzsche tinha conseguido a sua grande obra, o seu grande projecto. Para além da grandeza das obras helénicas, ou de Goethe, havia agora o *Zaratustra*. A partir de então Nietzsche interroga-se sobre o que escrever mais. Encontra-se com Peter Gast em Veneza. Volta a Basileia e depois a Sils Maria. Regressa à Alemanha. Lisbeth informa-o que se casara secretamente com um anti-semita que planeava formar uma colónia de raça pura no Paraguai.

Henrich von Sten um jovem de vinte e seis anos que também privava com Wagner visita-o em Sils Maria.

Nietzsche escreve a quarta parte de *Zaratustra*. No entanto refere mais tarde:

“Tendemos sempre para nos guindarmos até ao reino das nuvens; nessas nuvens erguemos o nosso pendão multicolor e falamos de Deus e dos Super-Homens; como me sinto cansado desses cumes inacessíveis”

Interessa-se por Pascal no sentido de que este afirma o que Nietzsche quer desconfirmar. Pascal diria que sem fé cristã o homem perder-se-ia; seria uma espécie de monstro no caos. Nietzsche considera que o homem será esse monstro nesse caos simplesmente porque se olhou ao espelho e viu que não era mais do que isso, isto é, um ser solitário sem Deus como bengala.

Sem reconhecimento por parte dos editores, publica às suas custas a quarta parte do *Zaratustra*. A sua vista piora consideravelmente. Vive numa pensão em Sils Maria privando com muitos hóspedes - homens e mulheres . Em 1886 publica *Para além do Bem e do Mal*. No Inverno refugia-se em Nice. Desloca-se à Suíça recebendo ali tratamento médico. Quando o tempo melhora regressa a Sils Maria. Mas as suas cefaleias e insónias continuam.

Em 1887 viaja para Veneza onde revê a *Genealogia da Moral*. Disfruta da companhia de Peter Gast. Parte para Nice. A sua saúde agrava-se. Viaja para Turim. Em Setembro de 1888 envia para publicação o *Crepúsculo dos Ídolos*. Escreve também o *Anti-Cristo*. Volta a Turim. No dia do seu aniversário, a 25 de Outubro inicia o seu último livro - *Ecce Homo*.

Aos poucos Nietzsche torna-se conhecido. Strindberg é um dos seus admiradores. Mas Nietzsche começa a "adoecer". Envia algumas cartas ambíguas e algo sintomáticas.

Overbeck viaja para Turim e encontra Nietzsche sob vigia do seu hospedeiro. Naquela altura tratava-se de um Nietzsche que canta, toca com o cotovelo (ou um Nietzsche que salta tal como o *Espírito Dionisíaco*).

Tenta evitar que um cocheiro chicoteie o cavalo e tenta beijar o cavalo. Mas cai. A polícia tenta interná-lo. Overbeck consegue levá-lo de volta a Basileia dizendo-lhe que lhe queriam prestar uma homenagem. O médico parte com eles. Quando chegaram a Basileia internaram-no numa clínica e depois numa casa de saúde de Iena.

Em 1887 morre sua mãe. Lisbeth enviudara e regressava do Paraguai. É sua irmã que vai cuidar de Nietzsche. Retira-o da casa de repouso e compra uma casa perto de Weimar. Halevy cita uma passagem em que Lisbeth junto a Nietzsche chora. Nietzsche inesperadamente lhe diz: "Porque choras, Lisbeth? Então não somos felizes?"

Morre em 1900.

1.2. WILFRED

Wilfred Ruprechtl Bion, filho de um engenheiro e de uma doméstica radicados em Muttra (Panjab) na Índia, nasce a 8 de Setembro de 1897 nessa mesma região. Juntamente com sua irmã Edna, Bion é educado inicialmente, e como era costume nas colónias inglesas, por uma babá indiana. A mãe de Bion dedicava-se como amadora ao estudo do órgão. Bion ouvia várias vezes as suas músicas religiosas. Tanto o pai como a mãe eram religiosos.

Aos quatro anos Bion vai para a escola e aos oito anos é enviado para Inglaterra para prosseguir ali os seus estudos. É acompanhado pela sua mãe e incorporado num colégio particular. Foi uma adaptação difícil devido às saudades dos pais, de sua terra, das praxes praticadas pelos mais velhos.

Convive com alguns colegas bem como com as famílias destes. Trata-se de famílias de alto nível social consideradas parte integrante do *establishment*, famílias com uma grande tradição. Quer o *establishment* quer a escola tinham tradições cristãs. Mas aos poucos Bion começa a fartar-se da religião. Na escola é nomeado ajudante dos mais velhos mas é imediatamente substituído devido às suas faltas de cuidado.

Destaca-se no campo desportivo - natação, water-polo, rugby. Tinha o desejo de um dia poder tornar-se um grande desportista em uma das universidades mais conceituadas - Cambridge ou Oxford.

No entanto para aceder a estas universidades eram necessários meios financeiros que a família de Bion não podia suportar. Para além disso os seus conhecimentos estavam aquém dos mínimos exigidos.

Quando deixa a escola tenta a incorporação militar mas é, também, recusado. O seu pai, que regressava a Inglaterra, através de um conhecimento com uma pessoa influente, conseguiu interceder para que o incorporassem.

Dentro da vida militar pratica e destaca-se no desporto. Faz parte dos oficiais religiosos. Inscreve-se na arma de *Tanas*. Parte em missão bélica. Face à perda dos oficiais mais graduados Bion assume o comando com a ajuda de um sub-oficial. É mais tarde condecorado.

Volta para situações de guerra e é acompanhado sempre pelo medo de morrer. É promovido a Capitão. No final de 1918 Bion, com vinte e um anos, é desmobilizado. É aceite em Oxford para estudar História no Queens College. Destaca-se, também ali, no desporto (Natação e Rugby). Em 1921 gradua-se em História. Entre 1921 e 1922 vai para Poitiers em França estudar a língua e a literatura francesa.

Inscreve-se em Inglaterra no seu antigo colégio Bishop's Shortford para ensinar História e Literatura. Mas tem um sobressalto na sua carreira de professor. Convida um aluno e sua mãe para tomar chá em sua casa. Imaginava que a mãe fosse muito bonita. A mãe aparece sozinha desiludindo-o na sua beleza. É expulso pelo director alegando-se que tivera intenções homossexuais em relação àquele aluno.

Retira-se do colégio. Pretende então tornar-se Psicanalista e inscreve-se no curso de Medicina. Mais tarde torna-se assistente de Wilfred Trotter, um ilustre cirurgião real.

Com cerca de trinta anos, antes de terminar o curso, apaixona-se por uma moça jovem e bela.. Pede-a em casamento. Primeiro aceita mas mais tarde devido à falta de suporte financeiro e estabilidade bem como pelo não consentimento do pai, rompe o noivado.

Durante o curso recorre também a um psicoterapeuta devido a problemas de ansiedade. Possivelmente, segundo Gérard Bléandou (1990/1993) esteve oito anos em Psicoterapia.

Em 1930, com trinta e três anos é graduado em Medicina, e nessa altura começa a trabalhar em Psiquiatria. Faz Psicoterapia com Hadfield. Trabalha, em 1932, em Tavistock, como médico assistente. Paralelamente trabalha no Hospital de Epilepsia

e Paralisia de Maichakale. Em 1935 muda-se para o Instituto para Tratamento Científico da Delinquência. Na Clínica Tavistock, em 1934, segue em terapia Samuel Becket (Prémio Nobel da Literatura). Becket resolve interromper em 1935. Por essa altura Bion assiste a um conjunto de cinco conferências proferidas por Jung.

Entre 1937 e 1939 faz análise com um ex-analisando de Freud, Ferenczi e Klein - John Rickman. Durante essa sua análise a sua mãe morre.

Faz férias primeiro numa quinta inglesa onde conhece Betty Jardine, sua futura esposa, e depois no Sul de França. Em 1940 é incorporado novamente na vida militar. É designado psiquiatra do David Hulme Military Hospital de Chester. Casa com Betty Jardine. No exército propõe um projecto que visava a reabilitação de neuróticos através de técnicas grupais. Em seguida e contrariamente às suas expectativas - Bion desejava ser colocado no Quartel-General - é enviado para York. Nessa altura o exército Britânico estava preocupado com o processo de selecção. A avaliação física era eficaz mas insuficiente. Era urgente uma avaliação psicológica. Edimburgo cria uma comissão à experiência para avaliação psicológica. Bion integra como psiquiatra esta comissão e propõe uma técnica de avaliação de grupo em que lhes era colocado um problema que tinham de resolver. O grupo não tinha *leader* à partida (é uma técnica eficaz que eu próprio realizei como Psicólogo durante a minha estada no Exército Português). Bion é também destacado para Hospitais Militares que começavam a receber diagnósticos de "neuroses de guerra".

É colocado em Winchester como Comandante. Mais tarde é enviado para a Normandia onde é informado do nascimento de sua filha Partênope. Três dias mais tarde sua mulher morre.

A guerra acaba. Vive em Irer Heath e trabalha em Harley Street onde tenta ganhar o mais possível para que nada falte à sua filha. Passeia com esta sempre que tem uma folga. Em 1945 retoma a formação no Instituto Psicanalítico e inicia análise com Melanie Klein.

Em 1948 trabalha com grupos terapêuticos. Tenta identificar os "Pressupostos Básicos" (Dependência, Acasalamento e Luta/Fuga) que permitem a coesão do grupo. não aplica em demasia as teorias psicanalíticas. mas aos poucos vai identificando processos descritos por Klein, como a Identificação Projectiva, a Inveja. Dá importância à Contratransferência. Em 1950 Bion apaixona-se por Francesca, uma assistente de pesquisa do Instituto Tavistock. Nesse mesmo ano torna-se membro da Sociedade Britânica de Psicanálise apresentando um artigo intitulado *O Gémeo Imaginário*. Casa-se em novamente, com Francesca, e tem um filho - Julian - em 1952 e uma filha - Nicola - em 1955.

Participa no Congresso Internacional de Psicanálise em Genebra onde apresenta um trabalho intitulado "O desenvolvimento do pensamento esquizofrênico". Em 1956 é eleito director do Instituto de Psicanálise. Este cargo durará até 1962. Em 1959 adoece e é internado durante duas semanas. Escreve, entretanto, "Ataques ao elo de ligação".

Em 1962 é eleito Presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise. Entre 1966 e 1968 tornou-se membro da comissão de ensino e presidente da comissão de publicação da Sociedade de Psicanálise. É também presidente da Fundação Melanie Klein.

É na casa dos sessenta que Bion inicia as suas obras mais destacadas: *Notas sobre a teoria do pensar*, *Aprender com a Experiência*, *Elementos de Psicanálise*, *Transformações*, *Atenção e Interpretação*.

No final dos anos 60 Bion com 70 anos é convidado para proferir algumas conferências que seriam continuadas no Brasil. A este país faz várias viagens em 1974, 1975, 1978

Partênope entretanto torna-se Psicanalista trabalhando em Itália e casando com um músico Italiano. Os outros filhos Julian e Nicola residem em Inglaterra trabalhando o

primeiro como clínico geral e a segunda como linguista. Em 1979 Bion e Francesca regressam a Inglaterra. Nesse ano, a 8 de Novembro, morre vítima de leucemia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral Dias, C.(1992a) *Aventuras de Ali-Babá nos Túmulos de Ur*, Lisboa, Fenda
- Amaral Dias, C.(1993a) *Palcos do Imaginário*, Lisboa, Fenda
- Amaral Dias, C. (1993b) *Só Deus em Mim se Opõe a Deus*, Lisboa, Fenda
- Amaral Dias, C. (1994) *Caos & Meta-Psicologia*, Lisboa, Fenda
- Amaral Dias, C. (1995a) *Re-Pensar*, Lisboa, Ed. Afrontamento
- Amaral Dias, C. (1995b) *Ascensão e Queda dos Psicoterapeutas*, Lisboa, Fenda
- Aristóteles, (335 a.C/1992) *Poética*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda
- Bertalanffy, L. (1950) "An Outline on General System Theory", *British Journal of the Philosophy of Science*, 1: 134-165
- Bion, W. (1950/1988) "O Gémeo Imaginário", in W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados*, Rio de Janeiro, Imago
- Bion, W (1953/1988) "Notas sobre a Teoria da Esquizofrenia", in W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados*, Rio de Janeiro, Imago
- Bion, W. (1956/1988) *Desenvolvimento do Pensamento do Esquizofrénico*, in W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados*, Rio de Janeiro, Imago
- Bion, W. (1957/1988) "Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade Não-Psicótica", in W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados*, Rio de Janeiro, Imago

Bion, W. (1957/1988) "Sobre Arrogância", in W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados*, Rio de Janeiro, Imago

Bion, W. (1958/1988) "Sobre a Alucinação", in W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados*, Rio de Janeiro, Imago

Bion, W. (1961/1970) *Experiências em Grupos*, Rio de Janeiro, Imago

Bion, W. (1962/1988) "Uma Teoria Sobre o Processo de Pensar", in W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados*, Rio de Janeiro, Imago

Bion, W. (1962) *Learning from Experience*, London, Karnac

Bion, W. (1963) *Elements of Psychoanalysis*, London, Karnac

Bion, W. (1965/1984). *Transformations*, London, Karnac

Bion, W. (1967/1990) "Notas sobre a Memória e o Desejo", in Elizabeth Bott Spillius, *Melanie Klein Hoje*, Rio de Janeiro, Imago

Bion, W. (1967/1988) *Estudos Psicanalíticos Revisados*, Rio de Janeiro, Imago

Bion, W. (1970) *Attention and Interpretation*, London, Karnac

Bion, W. (1977/1992) "Conferências em Nova York", in *Conversando com Bion*, Rio de Janeiro, Imago

Bion, W. (1992) *Cogitations*, London, Karnac

Bion, W. (1991) *A Memoir of the Future*, London, Karnac

- Bion, W. (1978/1987) "Four Discussions", in Wilfred Bion, *Clinical Seminars and Other Works*, London, Karnac
- Bléandonu, G. (1990/1993) *Wilfred R. Bion 1897-1979 A Vida e a Obra*, Rio de Janeiro, Imago
- Bonnard, A. (1980/1984) *A Civilização Grega*, Lisboa, Edições 70
- Deleuze, G. (1974/s.d) *Nietzsche e a Filosofia*, Porto, Rés
- Deleuze, G. (1965/1985) *Nietzsche*, Lisboa, Edições 70
- Deleuze, G. (s.d./1972) *O Anti-Édipo*, Lisboa, Assírio & Alvim
- Deleuze, G. (1996) *O Mistério de Ariana*, Lisboa, Vega
- Devereux (1970) *Essais d'ethnopsychiatrie générale*, Paris, Gallimard
- Etchegoyen, H. (1991) *The Fundamentals of Psychoanalytical Technique*, London, Karnac
- Enomyia-Lassalle (1965/1991) *Zen y Mística Cristiana*. Madrid, Ediciones Paulinas
- Ésquilo (467 a.C./1986) *Tragédias*, Madrid, Gredos
- Fink, E. (1960/1988) *A Filosofia de Nietzsche*, Lisboa, Ed. Presença
- Freud, S.(1912/1988) *Consejos al médico en el tratamiento Psicoanalítico*, Barcelona, Orbis
- Freud, S. (1916/1988) *Epistolário*, Barcelona, Orbis

Freud, S. (1920/1988) *Más allá del principio del placer*, Barcelona, Orbis

Freud, S. (1923/1988) *El Yo y el Ello*, Barcelona, Orbis

Freud, S. (1925/1988) *Autobiografía*, Barcelona, Orbis

Freud, S. (1926/1988) *Inibición, Sintoma y Angústia*, Barcelona, Orbis

Freud, S. (1929/1988) *El Malestar en la Cultura*, Barcelona, orbis

Frey-Rohn, L. (1984/1988) *Friedrich Nietzsche: A Psychological Approach to His Life and Work*, Zurich, Daimon

Fromm, E. (1960/s.d.) *Zen Budismo e Psicanálise*, São Paulo, Cultrix

Grinberg, L., Sor, D., Bianchedi, E. (1991) *Nueva Introducción a las Ideas de Bion*, Madrid, Tecnipublicaciones

Groddeck, G. (1921/1994) *O Homem e seu Isso*, São Paulo, Ed. Perspectiva

Halévy, D. (1944/s.d.) *Nietzsche*, Porto, Ed. Inova Limitada

Hamilton, E. (1942/1991) *A Mitologia*, Lisboa, D. Quixote

Héber-Suffrin, P. (1988) *O "Zaratusrtra" de Nietzsche*, Rio de Janeiro, Zahar

Hinshelwood, R. D (1992) *Dicionário do Pensamento Kleiniano*, Porto Alegre, Artes Médicas

Kafka, F. (s.d.) *Metamorfose*, Lisboa, Livros do Brasil

Kant, E. (1788/1989) *Crítica da Razão Prática*, Lisboa, Ed. 70

Kaufmann, W. (1974) *Nietzsche - Philosopher, Psychologist, Antichrist*, New Jersey, Princeton University Press

Klein, M. (1946) "Notes on some schizoid mechanisms", *Int. J. Psycho-Anal.* 27: 99-110

Klein, M. (1957/1984) *Inveja e Gratidão*, Rio de Janeiro, Imago

Krisnamurthi (s.d.) *A Primeira e Última Liberdade*, São Paulo, Cultrix

Laplanche, J., Pontalis, J. B. (1967/1990) *Vocabulário de Psicanálise*, Lisboa, Presença

Laplantine, F. (s.d./1978) *Etnopsiquiatria*, Lisboa, Vega

Luzes, P. (1968) "O que é o Pensamento" in Pedro Luzes, *O Primeiro Congresso de Psicanálise em Portugal*, Lisboa, Pedro Luzes Editorial

Madriaga, S. (1961) *Don Quixote: An Introductory Essay in Psychology*, London, Oxford University Press

Matos, A. C. (1968) "Ideologia e Relação de Objecto", in Pedro Luzes, *O Primeiro Congresso de Psicanálise em Portugal*, Lisboa, Pedro Luzes Editorial

Meltzer, D. et al (1980). "Memorial Meeting for Dr. Wilfred Bion" *Int. J. Psycho-Anal.* 61, Part 2

Mestre Eckhart (s.d./1983) *Mística do Ser e do Não Ter*, Petrópolis, Vozes

Nietzsche, F. (1872/1988). *A Origem da Tragédia*, Lisboa, Guimarães

- Nietzsche, F.(1878 /1986) *Human all too Human*, New York, Cambridge University Press
- Nietzsche, F.(1881/1982) *Daybreak*, New York, Cambridge University Press
- Nietzsche, F. (1882/1996) *A Gaia Ciência*, Lisboa, Guimarães
- Nietzsche, F.(1883-1885/1969) *Thus Spoke Zarathustra*, London, Penguin Books
- Nietzsche, F. (1886/1990) *Beyond Good and Evil*, London, Penguin Books
- Nietzsche, F. (1887/1990) *Genealogia da Moral*, Lisboa, Guimarães
- Nietzsche, F. (1888/1990) *Twilight of the Idols*, London, Penguin Books
- Nietzsche, F (1888/1990) *The AntiChrist*, London, Penguin Books
- Nietzsche, F. (1888/1992) *Ecce Homo*, London, Penguin Books
- Nietzsche, F. (1901/1968) *The Will to Power*, New York, Vintage
- Peters, F.E. (1974/1983) *Termos Filosóficos Gregos*, Lisboa, Gulbenkian
- Pinto, M.J.V. (1987) A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos: da sabedoria dos filósofos trágicos à inversão do socratismo, in António Marques, *Nietzsche: Cem Anos Após o Projecto "Vontade de Poder-Transmutação de Todos os Valores"*, Lisboa, Vega Universidade
- Platão (367 a.C./1983) *A República*, Lisboa, Gulbenkian
- Poincaré (1909/1996) *Science and Method*, Bristol, Thoemes Press

Rezende, A. M. (1993) *Bion e o Futuro da Psicanálise*, São Paulo, Papyrus

Rezende, A. M. (1994) *A Metapsicanálise de Bion*, São Paulo, Papyrus

Roque, J. (1992) Deus é uma primeira pessoa do singular?, in *Crítica*, Lisboa, Terramar

São João da Cruz (s.d./1986) *Obras Completas*, Paço de Arcos, Ed. Carmelo

Schopenhauer (1818/s.d.) *World as Will and Representation*, New York, Dover

Snell, B. (1975/1992) *A Descoberta do Espírito*, Lisboa, Edições 70

Snodgrass, M.E. (1988/1992) *Clássicos Gregos*, Lisboa, Europa América

Spitz, R.A. (1946) "Anaclytical Depression", *Psychoanal. Study Child*, 2

Wittgenstein, L. (1920/1995) *Tratado Lógico- Filosófico e Investigações Filosóficas*, Lisboa, Gulbenkian

Zimerman, D (1995) *Bion: Da Teoria à Prática*, Porto Alegre, Artes Médicas